



GAIL CALDWELL

A memória de uma
amizade eterna



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A memória de uma amizade eterna

Gail Caldwell

A memória de uma
amizade eterna

tradução:
Beatriz Bastos



Copyright © 2011 by Editora Globo S. A. para a presente edição
Copyright © 2011 by Gail Caldwell

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: Let's take the long way home

Preparação de texto: Ana Tereza Clemente

Revisão: Araci dos Reis Rodrigues e Valquíria Della Pozza

Paginação: Ana Dobón

Projeto de capa: Marianne Lépine

Produção para ebook: Fábrica de Pixel

1ª edição, 2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caldwell, Gail

A memória de uma amizade eterna / Gail Caldwell;
tradução Beatriz Bastos. – São Paulo: Globo, 2011.

Título original: Let's take the long way home.

ISBN 978-85-250-5210-0

574kb; ePUB

1. Caldwell, Gail, 1951 – Amigos e companheiros
2. Críticos – Biografia
3. Jornalistas – Biografia
4. Knapp, Caroline, 1959-2002. Amigos e companheiros I. Título.

11-02523

CDD-920.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Jornalistas: Biografia 920.5
-

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP
www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Agradecimentos](#)

*Os melhores momentos do fluxo da vida passam por nós,
e nada vemos fora a areia; os anjos vêm nos visitar,
e só os reconhecemos quando já foram embora.*
– George Eliot, Cenas da vida clerical

É aquela velha história: eu tinha uma amiga, nós partilhávamos tudo, e então ela morreu e nós partilhamos isso também.

No ano seguinte à sua partida, quando pensei que já havia passado a loucura do luto inicial, eu estava na trilha do reservatório de Cambridge, onde durante anos Caroline e eu levamos nossos cachorros para passear. Era uma tarde de inverno e o lugar estava deserto – havia uma curva na estrada, sem ninguém na minha frente ou atrás de mim, e eu senti uma desolação tão grande que por um momento minhas pernas travaram. “O que eu devo fazer aqui?”, perguntei a ela em voz alta, já acostumada a conversar com minha melhor amiga morta. “Devo simplesmente seguir adiante?” A minha vida ao lado dela tinha muito sentido: por anos havíamos participado de um bate-bola fácil e cotidiano, que implicava uma conexão íntima. Uma bola, duas luvas, alegria igual em bater e receber. Agora, eu estava no gramado sem ela: uma luva, sem jogo. O luto diz quem você é sozinha.

Ainda posso vê-la em pé na margem, com uma toalha ao redor do pescoço e um cigarro pós-exercício na mão – meio travessa, meio atlética, seus braços de remadora faziam um contraste desafiador com o maiô rosa horroroso que ela havia encontrado em algum lugar. Era o verão de 1997, Caroline e eu havíamos decidido trocar esportes: eu daria aulas de natação a ela e ela me ensinaria a remar. Esse acordo explicava por que eu estava encolhida no barco de corrida estreitíssimo da minha melhor amiga, com trinta centímetros em seu ponto mais largo, parecendo mais uma aranha bêbada do que uma remadora. Estávamos no lago Chocorua, em New Hampshire, um lago de águas cristalinas de um quilômetro e meio de extensão perto da cadeia de montanhas White, e a única outra pessoa por ali observando os meus feitos era nosso amigo Tom, que passava as férias conosco.

“Excelente!”, Caroline me dizia sempre que eu fazia qualquer manobra, por menor que fosse; eu me agarrava aos remos com tanta força que as juntas de meus dedos ficavam brancas. Com trinta e sete anos, Caroline já remava havia mais de uma década; eu era quase nove anos mais velha que ela, nadara a vida inteira e achava que ainda tinha capacidade física para compreender os fundamentos básicos da utilização de um remo na água. Mas, por mais que quisesse imitar Caroline, que remava com a precisão de um metrônomo, eu não havia pensado que sentar no barco seria tão difícil como me equilibrar em uma folha flutuante. Como ela havia conseguido me convencer a fazer isso?

Remadores novatos normalmente aprendem em um barco com o dobro da largura e do peso do Van Dusen de Caroline; depois, ela acabou confessando que mal podia esperar para me ver virar. Mas ali, na margem do rio, séria e berrando instruções, ela só me incentivava e demonstrava um entusiasmo ferrenho. E podia muito bem cronometrar meu sucesso, por mais fugaz que fosse, com um cronômetro. Os remos eram minha única fonte de equilíbrio, então comecei a adernar, congelando em um ângulo precário de sessenta graus, mais por paralisia do que por qualquer noção de equilíbrio. Tom estava gargalhando no cais; quanto mais eu me inclinava, mais ele ria.

“Eu vou cair!”, gritei.

“Não vai não”, disse Caroline, tão inexpressiva quanto um técnico durante uma temporada de derrotas. “Não vai não. Mantenha suas mãos unidas. Fique parada – não olhe para a água, olhe para suas mãos. Agora olhe para mim.” A voz me acalmou e instruiu suficientemente para que eu consertasse a minha postura e remasse cinco ou seis vezes pelas águas calmas antes de voar do barco e cair direto no lago. Quando eu saí, alguns segundos depois e nove metros adiante,

Caroline estava rindo, e eu experimentara breves momentos de êxtase.

Nós três tínhamos ido a Chocorua durante o mês de agosto depois de Tom ter colocado um anúncio procurando um imóvel para alugar na temporada: “Três escritores com cachorros procuram casa próxima de água e de trilhas de caminhada”. O resultado dessa busca foi uma rústica casa de fazenda do século XIX para onde retornaríamos durante anos. Rodeada por um prado verdejante, a casa era tudo o que poderíamos querer: salas cavernosas com colchas antigas e rocas de fiar, uma cozinha simples e uma enorme lareira de pedra, janelas altas com vista para as White Mountains. O lago ficava a algumas centenas de metros de distância. Nas manhãs e em algumas tardes, Caroline e eu muitas vezes deixávamos as cachorras para trás, olhando pelas janelas da frente, e descíamos até a água, quando ela remava por toda a extensão do lago e eu nadava por todo o seu perímetro. Eu era a lontra e ela a libélula, eu parava de vez em quando para observá-la deslizar, de um lado ao outro por nove quilômetros. Algumas vezes ela se encostava nas margens pantanosas para poder analisar minhas voltas na água. Já éramos amigas havia anos nessa época e tínhamos o espírito competitivo de irmãs ou adolescentes – cada uma de nós queria conseguir realizar a proeza da outra, qualquer que fosse.

Os tons dourados do lugar e os dias tranquilos que proporcionava – caminhadas pelo rio, flores silvestres e tortas de ruibarbo – eram bem superiores ao que Caroline havia previsto: para ela, viagens de férias eram de modo geral excursões forçadas para fora da cidade. Eu era só um pouco mais aventureira, pensando que poderia cair de paraquedas em uma viagem de férias de verão sem ter de me preocupar com o cachorro ou comprar dezoito quilos de comida. As duas sendo escritoras que viviam sozinhas, Caroline e eu partilhávamos de total intratabilidade no que dizia respeito à quebra de nossas rotinas: os passeios diários por Cambridge, Massachusetts, os regimes de exercício que dividíamos ou comparávamos, as refeições, os telefonemas e as horas de trabalho solitário a que nos referíamos como “nossas vidinhas”. “Paris é supervalorizada”, Caroline gostava de afirmar, em parte para me fazer rir; quando conheceu, certa noite, um amigo meu que tinha familiaridade com seus livros, ele perguntou se Caroline passava muito tempo em Nova York. “Você está brincando?”, ela disse. “Raramente chego até Somerville.” Caseiras, nos forçávamos a sair da cidade só para tirar as férias da lista de afazeres, e então voltar para as alegrias e para os terrores da vida comum.

Tenho uma fotografia de um desses verões em Chocorua, que enquadra as costas da minha cachorra, Clementine, e as da cachorra de Caroline, Lucille, cujas silhuetas vemos no parapeito da janela – e ambos os animais olham para fora. É a foto clássica de cachorros, que mostra vigilância e lealdade: dois rabos lado a

lado, dois animais colados em seus postos. O que não reparei por anos é que à meia distância, para além da janela e dos campos lá atrás, pode-se perceber a menor das figuras – um contorno de Caroline e eu descendo a colina. Devíamos estar a caminho do lago, e as cachorras, já acostumadas com a nossa rotina, haviam tomado suas posições. O namorado de Caroline, Morelli, percebeu a beleza da imagem e pegou sua câmera.

Descobri essa foto um ano depois que ela morreu, e sempre me pareceu como vestígio de uma pintura – um jardim secreto revelado somente depois de ter desaparecido. O próprio lugar, Chocorua, ganhou um brilho idílico: eu lembro a noite em que Caroline quase ganhou de Tom na queda de braço, o rato que me fez subir na mesa de jantar enquanto ela caía na gargalhada e a premiação para “melhor campista do ano” (Caroline sempre ganhava). Eu apaguei as lembranças ruins, o dia em que Caroline se irritou quando eu a deixei em um caiaque mais lento e remei sozinha para dentro da neblina. Como a maioria das memórias marcadas pelo capítulo final, as minhas têm o peso físico da tristeza. O que nunca nos dizem a respeito do luto é que sentir falta de alguém é a parte simples.

Nós duas remamos, juntas e uma atrás da outra, por cinco anos depois desse primeiro verão. Ambas morávamos perto do rio Charles, cujas águas labirínticas fazem seu percurso por quinze quilômetros pela Grande Boston, desde o alto de Newton, passando por Cambridge, até o porto de Boston. Seu bom número de curvas e suas águas quase sempre calmas fazem do lugar a meca dos remadores. Como Caroline era baixinha e aguentava mais que o próprio peso, eu comecei a chamá-la de Brutita, ou “Brutinha”. Os ancoradouros de onde saíamos ficavam a alguns quilômetros de distância, e eu reconhecia a remada de Caroline a cem metros de distância – eu esperava por ela perto da ponte Eliot ou na ponte Weeks, próximo a Harvard, pronta para entupi-la de perguntas sobre forma, velocidade e posição dos dedões. Quando ela ia antes de mim, disparava e-mails sem pontuação alguma assim que chegava em casa: “Corre que a água tá calma”. Completamos centenas de quilômetros, juntas e sozinhas, de abril a novembro; ela aguentava meus telefonemas, nesses primeiros verões, para discutir a mecânica de remar: “Quero conversar sobre empuxo”, eu dizia com uma intensidade absurda, ou “Você sabia que a cabeça humana pesa quase seis quilos?”. “Ummm-hummm?”, ela respondia, e logo eu ouvia um clique-clique ao fundo – evidência de que ela havia começado a jogar paciência no computador, seu equivalente a um bocejo no telefone. No fim do dia, quando passeávamos com as cachorras, comparávamos calos nas mãos e nos dedos (as feridas de guerra de um bom remador) da mesma forma que adolescentes comparam bronzeados ou pulseiras da sorte; como ela era e sempre seria a melhor remadora, eu aceitava seu convencimento eterno e prometia me vingar na piscina. Certo ano, dei a ela de presente de Natal uma foto dos anos 1940 com

duas remadoras em um barco duplo em Oxford, Inglaterra. Ela pendurou-a em uma parede perto de sua cama, sobre uma bandeira emoldurada que dizia “O zelo é um fogo útil”.

As duas imagens ficam no meu quarto agora, perto da fotografia das cachorras. Caroline morreu no começo de junho de 2002, aos quarenta e dois anos, sete semanas depois de ser diagnosticada com câncer de pulmão no estágio iv. Nas primeiras semanas no hospital, quando tentava escrever um testamento, me disse que queria que eu ficasse com o barco dela, o velho Van Dusen no qual eu aprendi a remar e do qual ela tomou conta esses anos todos como se fosse um cavalo amado. Eu estava sentada na cama do hospital quando ela falou sobre isso, durante uma das primeiras conversas sobre morte, quando você sabe o que está por vir e faz força para continuar o caminho. Então, eu disse a ela que ficaria com o barco se pudesse seguir a tradição do remo e pintar o nome dela na proa: ele seria o *Caroline Knapp*. De jeito nenhum, ela disse, com a mesma luz no olhar como no dia em que me ensinou a remar. Você deve batizá-lo de *Brutita*.

Antes de entrarmos nesse espectro de tristeza, que muda até mesmo as cores das árvores, há uma crença cega e ousadamente errada que permite que nos arrastemos pelos dias. Existe um jeito de acharmos que o show nunca termina – ou que a perda, quando vier, será no fim da estrada, não no meio. Eu tinha cinquenta e um anos quando Caroline morreu, e a essa altura da vida uma pessoa já deveria ter ido a enterros o suficiente para citar o Eclesiastes de cor. Mas, no dia em que descobrimos que Caroline estava doente – o dia em que os médicos falaram as temidas palavras “Podemos deixá-la mais confortável” –, eu me lembro de andar pela rua, uma rua iluminada de abril, cheia de vida, e falar em voz alta, com uma espécie de inocência chocada, “Você realmente pensou que ia escapar dessa, não foi?”.

Com isso, eu queria dizer que poderia de alguma forma passar ao largo da crueldade de uma perda intolerável, perda que ocorreu sem sinais de overdose, suicídio ou velhice. Com essas eu já havia me deparado, e era um tema comum a elas o aspecto trágico (se ele tivesse tomado o lítio, se ele não tivesse tentado esconder a cocaína) ou a aceitação resignada (ela teve uma vida longa e feliz). Mas ninguém que eu amei – ninguém que eu contasse como um dos pilares essenciais da vida – havia morrido repentinamente, jovem demais, cheio de vontade de não ir. Ninguém havia recebido resultados ruins de exames de laboratório, perdido os cabelos, ouvido que precisava deixar seus documentos em dia. Mais importante, não Caroline. Não a melhor amiga, a irmã mais nova, aquela que brincou por anos dizendo que iria me levar sopa décadas depois, quando eu fosse velha e fraca demais para cozinhar.

Desde o início havia algo intangível e até assustador entre nós, que podia fazer desconhecidos nos tomarem por irmãs ou amantes, e, algumas vezes, levar amigos a trocar os nossos nomes: um ano depois da morte de Caroline, uma amiga em comum me chamou no Fresh Pond, o reservatório onde fazíamos nossas caminhadas: “Caroline!” E então rompeu em lágrimas com seu engano. A amizade pode ter anunciado a sua profundidade pelo afeto explícito, mas também por nossas semelhanças, disfarçadas ou aparentes. O fato de nossas histórias de vida terem se dirigido uma a outra por caminhos similares foi parte de nossa ligação inicial. Encontrar Caroline foi como colocar um anúncio procurando um amigo imaginário e então vê-lo aparecer na porta de casa melhor e mais divertido do que havíamos imaginado. Separadas, havíamos sido bêbadas medrosas, aspirantes a escritoras e adoradoras de cachorros; juntas, nos tornamos uma pequena corporação.

Tínhamos muitos sonhos, alguns bobos, mas todos parte de um código único, compartilhado com quem se gosta de estar junto e se quer aproveitar os luxos do tempo. Um deles era o clube de *frivolité*^[1] que pensávamos que abriríamos no oeste de Massachusetts, povoado de border collies e corgis, porque seríamos velhas demais para ter cachorros muito grandes ou bagunceiros. Decidimos que os border collies treinariam os corgis, e os corgis seriam o que carinhosamente chamávamos de cachorrinhos de bolsa. A ideia de fazer *frivolité* começou durante uma de nossas conversas infundáveis sobre se vivíamos a nossa vida corretamente – um diálogo interminável que ia desde as coisas sérias (escrever, solidão, isolamento) até as mundanas (tempo perdido, idiotices da vida urbana, programas ruins de televisão). “Ah, não se preocupe”, eu disse a Caroline quando me perguntou se eu achava que perdia tempo demais com reprises de *Law & Order*. “Pense assim – se vivêssemos há duzentos anos, estaríamos jogando *whist*,^[2] ou fazendo *frivolité*, em vez de assistirmos à televisão, e nos preocuparíamos com isso.” Houve uma longa pausa. “O que é *frivolité*?”, ela perguntou timidamente, como se o antigo artefato fosse algo de grande importância, de forma que isso também se tornou parte de nosso léxico particular – “*frivolité*” era o código para perdas de tempo a que nós, e provavelmente todo o resto do mundo, nos permitíamos.

Essas eram as lembranças bestas que voltavam à minha cabeça, numa lufada de angústia, quando Caroline estava morrendo. Lembro de tentar explicar o clube de *frivolité* para uma pessoa que nos conhecia e perceber que soava abstrato demais e cair em prantos. Claro que ninguém entenderia o nosso clube; até porque, como grande parte dos códigos de intimidade, não podia ser traduzido. Parte de sua graça era ser somente nosso.

Uma das coisas que amávamos no remo era a sua beleza quase mística – os

remos criando ondas na água, seu tremeluzir silencioso. Dias depois da morte de Caroline, sonhei que estávamos juntas, paradas em uma garagem de barcos escura, cuja única fonte de luz era uma faixa de remos azuis incandescentes que pendiam sobre nós como uma aquarela de constelações. No sonho, eu sabia que ela estava morta, mesmo assim a chamava e dizia: “Mas você vai voltar, não?”. Ela sorria e negava com a cabeça; seu rosto era um poço de tristeza.

Tudo realmente começou com as cachorras.

Havia conhecido Caroline Knapp de passagem, no início dos anos 1990, quando ela era colunista do *The Boston Phoenix* e eu editora de crítica literária do *The Boston Globe*. Uma coletânea de colunas dela havia acabado de ser publicada, e alguém nos apresentou durante um encontro literário que eu estava achando sofrível. “Caroline está de livro novo!”, declarou a nossa anfitriã, certa de que teríamos o que oferecer uma à outra. Depois que a mulher se afastou, trocamos sorrisos e desviámos o olhar, as duas meio sem graça. Gostei imediatamente disso em Caroline – não era alguém que fizesse autopromoção. Ela parecia usar sua personalidade reservada como uma armadura suave: a mão, com unhas pintadas de francesinha, segurava uma taça de vinho branco; a voz tímida, ressonante. Trocamos algumas palavras polidas de reconhecimento, e nos separamos para fazer a social necessária.

Quando a vi de novo, alguns anos depois, parada perto do lago dos patos no reservatório Fresh Pond, em Cambridge, nós estávamos com a aparência menos bem cuidada. As duas tinham cachorras filhotes, e uma treinadora de cães que nos conhecia havia recentemente mencionado Caroline para mim. “Você conhece Caroline Knapp?”, Kathy me perguntou. “Ela tem um filhote também. Vocês se parecem – deviam tentar se conhecer.”

Eu esbocei vagamente que concordava, mas particularmente não percebia a semelhança. A Caroline de quem me lembrava era arrumadinha demais para estar de acordo com a forma como eu me apresentava nessa época. Eu tinha um samoiado de um ano e vinte e sete quilos e andava por aí com grama no cabelo e fígado liofilizado nos bolsos. Passava a maior parte do meu tempo me divertindo com os prazeres selvagens da criação de cachorros, não me importando muito com a aparência. Mas a mulher com quem esbarrei no lago numa tarde de final de verão não era em nada parecida com a lembrança que eu tinha do refinamento de Caroline. Ela ainda era tímida, a ponto de eu achar que ela não se lembrava de mim. O traje clássico havia sido trocado por tênis e uma trança meio desmanchada ao tomar conta de Lucille, sua pastora de raças misturadas que devia ter a mesma idade de Clementine. Sua paixão pela cachorra parecia tão monotemática quanto a minha.

Também sabia, por razões tanto pessoais quanto de conhecimento público, que, naquela noite de anos atrás, a taça de vinho branco que Caroline segurava era, ao mesmo tempo, sua varinha mágica e seu punhal. Era público, porque Caroline havia revelado tudo em sua autobiografia *Drinking: a love story* [Beber: uma história de amor]. Estávamos no verão seguinte à publicação do livro, e ela fez suficientes aparições em talk-shows e em páginas de jornais para se tornar a

menina dos sonhos de um editor. E “fazia bonito”, como dizem no meio. Tinha uma longa trança loura, uma bela voz e certa contenção que sugeria um poço de escuridão por trás da pose e das boas maneiras. O que todos pensam é que a maior parte dos escritores não quer nada além do sucesso que o livro de Caroline obteve. Eu tinha um ponto de vista diferente, por conta da minha experiência e da minha intuição. Se os escritores têm um traço de comportamento em comum é o de ser egomaniacos tímidos; a publicidade é a atenção que recebem em troca do reconhecimento pelo qual anseiam.

A empatia pessoal surgiu por causa de meu passado comparativamente recluso: havia parado de beber doze anos antes, em 1984. Mas, enquanto Caroline tinha ficado famosa com o seu vício, eu era antiquada e profundamente fechada em relação às minhas lutas pessoais com o álcool. Acreditava que o aspecto “anônimo” do aa funcionava como um escudo protetor, e usei-o por anos.

Enquanto trocávamos uma tentativa de olá no lago aquele dia, as cachorras se apresentaram de forma mais ruidosa. “Caroline, você se lembra de mim?”, perguntei, e ela sorriu e disse que sim. Falei: “Céus, você tem passado por maus bocados nos últimos tempos – está tudo bem?”. Ela pareceu surpresa, depois aliviada. Disse que, naquele dia, estava andando para cima e para baixo, exausta, meio perdida por conta de toda exposição que vinha sofrendo, e que falar comigo havia sido um bálsamo – eu estava mais interessada em sua cachorra do que nas vendas de seu livro. Ela também. Nós parecíamos mães de primeira viagem no parque, trocando informações vitais sobre nossas tarefas, coisas que pareciam interessantes apenas a nós duas. Eu mencionei uma reserva florestal de dois mil acres ao norte da cidade de Middlesex Fells, onde estava treinando minha obstinada cachorra a correr sem guia, e Caroline perguntou como se chegava lá. Porque o caminho era complicado, eu dei explicações um pouco sem jeito, fiquei com medo de que ela estivesse sendo educada e eu tagarela. O lugar era a meia hora de distância, difícil de encontrar mesmo sem trânsito, e somente alguém dedicado ao treinamento, como eu, ia se dar ao trabalho de encontrá-lo.

Uma semana depois, no parque de Middlesex Fells, ouvi alguém me chamando do outro lado do prado de Sheepfold e vi Caroline na beira do gramado, acenando e sorrindo. Fiquei agradavelmente surpresa – ela deve ter se lembrado de minhas indicações labirínticas e tê-las seguido. Prestar atenção, eu viria a descobrir, era uma das coisas que Caroline fazia. Ela me ligou alguns dias depois para propor um passeio juntas; como não me achou, ligou novamente. Introversa, mas com afabilidade típica dos texanos, eu era bem-intencionada, mas péssima em manter contato; não sem razão, um velho amigo se referia a mim como eremita gregária. Eu queria o calor da ligação espontânea e a liberdade de ficar sozinha. Caroline bateu educadamente na porta da frente de meu espaço interno, esperou e então bateu de novo. Ela era persistente, parecia esperta e afetuosa e – para meu encantamento – estava escrevendo um livro sobre as

ligações emocionais entre pessoas e cachorros. Parecia ser alguém por quem não seria um problema abrir mão de meus modos monásticos.

Esse livro veio a ser *Pack of two: the intricate bond between people and dogs* [A gangue de dois: o laço complexo entre homens e cachorros], publicado alguns anos depois; Caroline me rebatizou como Grace e transformou Clementine em um malamute-do-alamasca chamado Oakley. Poucas semanas depois de nosso encontro no prado de Sheepfold, já planejavamos saídas com frequência; o parque de Middlesex Fells se tornou um de nossos destinos mais comuns. Corríamos com as cachorras por horas nesses bosques fora da cidade e em outros bosques, procurando por lindas reservas florestais e campos por todo o leste do estado de Massachusetts. Andamos nas praias naquele outono e pelas trilhas nas reservas no inverno, levando bifeinhos para as cachorras e biscoitos de água e sal para as humanas. Andávamos até as quatro estarem mortas de cansaço. As cachorras subiam as estradas correndo em zigue-zague, enquanto Caroline e eu andávamos e conversávamos – com o tempo, falamos tanto e tão profundamente que começamos a nos referir às nossas caminhadas de tarde inteira como caminhadas analíticas.

“E se fôssemos pelo caminho mais longo?”, ela dizia quando chegávamos ao carro, e então continuávamos o nosso caminho pelo meio do trânsito diário de Somerville ou Medford, sem pressa de nos despedirmos. No fim do caminho, com Clementine roncando suavemente no banco de trás, sentávamos do lado de fora da casa de quem quer que estivesse de carona e continuávamos a conversar. Depois entrávamos nas respectivas casas e conversávamos ao telefone.

“E os lagos que estão congelando?”, disse uma tarde depois de uma caminhada no começo do inverno, quando as cachorras ainda se jogavam na água, sem pensar em nada além da própria alegria. “Estou preocupada com o gelo fino demais, e com as cachorras correndo para caçar aves, já que elas podem cair – isso acontece com alguém todo inverno. O cachorro corre sobre o gelo, o dono corre atrás, o cachorro consegue sair, mas o humano se afoga. E você bem sabe que nós duas correríamos atrás das cachorras.”

Caroline ouviu minha lenga-lenga – eu havia percebido que ela podia escutar tão intensamente que quase emitia um som – e suspirou antes de responder. “Então, vamos ter de começar a andar com corda e machado, não é?”, ela disse. Como se eu fosse um gato assustado, ela sempre sabia como me fazer descer da árvore.

Suponho que toda amizade tem indicadores como esses – os freios e os contrapesos de um relacionamento que nos tornam mais fortes ou generosos do que se estivéssemos sozinhos. Para nós duas, de diferentes maneiras, era como se o volume de som do mundo houvesse aumentado um pouco. Quer essa sensibilização funcionasse como defeito, quer como qualidade, acho que reconhecemos isso uma na outra desde o começo. Mesmo durante aquela

primeira tarde que passamos juntas – um passeio de quatro horas pelo mato no final do verão – me lembro de ficar mexida com Caroline: era algo diferente de simples afeto ou camaradagem. Ela era tão silenciosa, tão cuidadosa, tão inteira, que foi como uma suave libertação estar com alguém cuja intensidade aparentemente era igual, por vezes até maior, do que a minha. Sua hesitação era o que controlava sua sinceridade: como Caroline revelava em seus livros, ela era uma pessoa muito reservada, que entrava em relacionamentos com bastante ponderação. Eu havia conhecido diversos escritores em minha vida, incluindo eu mesma, para reconhecer esse traço: o que chega à página nunca é a história toda, mas sim a versão do escritor para a história – uma narrativa completamente controlada por seu criador.

Pensei várias vezes naquele primeiro dia que Caroline queria estar em outro lugar, porque ela não parava de olhar para o relógio – ela deve ter checado a hora, acreditando estar sendo discreta, meia dúzia de vezes. Eu aprenderia a conviver com esse pequeno ritual, que não tinha nada a ver comigo. Era uma marca da ansiedade de Caroline, uma forma de se ancorar no mundo, mesmo que não tivesse nenhum compromisso depois. Mas, naquele dia, eu achei isso irritante e acabei perguntando se ela gostaria de estar em outro lugar. Ela ficou morta de vergonha, desculpou-se, e acabamos andando até o pôr do sol nos expulsar da floresta. Monitorar o andamento do tempo, particularmente desde que havia parado de beber, era o paliativo de Caroline para a queda livre dos dias.

Outro gesto repetido me tocava de tal modo que, na época, não conseguia articular. Determinada a manter o passo com Clementine, eu me tornei uma devota passeadora de cachorros; mas, como havia tido pólio quando criança, andava mancando ligeiramente e com certo desequilíbrio. Por mais que compensasse sendo durona, era mais frágil caminhando na terra do que queria admitir. Quando saímos no final de setembro, o chão da floresta estava coberto de pinhas recém-caídas das árvores, e eu não parava de tropeçar nelas. Caí diversas vezes. Estava acostumada com a minha eterna deselegância e dizia isso às pessoas, tentando tornar as coisas mais leves. O que não contava a ninguém é que estava acostumada com respostas meio sem jeito que ouvia. Quando explicava que mancava porque havia tido pólio, as pessoas ficavam excessivamente preocupadas ou se sentiam desconfortáveis com a notícia. Caroline, que nunca pareceu duvidar de minhas habilidades nem por um segundo, não reagiu assim. Depois do primeiro tropeção, sempre que eu escorregava, ela estendia um braço para me ajudar; apoiar-me nela se tornou algo tão natural quanto quem se apoia em um galho. Por natureza e por capacidade, sempre gostei de passear a pé, já Caroline era uma corredora – rápida, ágil e muitas vezes apressada, tivesse ou não a intenção. Mas, depois que ela entendeu meu ritmo, reduziu seu passo para acompanhar o meu e o manteve assim.

Exceto pelo fato de nós duas termos irmãs, nossa infância tinha pouco em comum. Caroline nasceu alguns minutos depois de sua irmã gêmea, Becca, e as duas foram próximas por toda a vida. Porque uma grande amiga minha no Texas tinha uma irmã gêmea, eu reconheci em Caroline os traços semelhantes que pareciam surgir dessa díade de origem – sua capacidade para a intimidade podia, por vezes, parecer algo pessoal e absoluto. Como minha irmã era dois anos mais velha que eu, cresci recebendo ordens e me acostumei a que tomassem conta de mim. Eu era filha de texanos de quarta geração, de famílias de fazendeiros batalhadores; meus pais haviam se instalado no desolador norte do Texas, e meu pai foi subtenente na Segunda Guerra Mundial. Caroline teve o que chamava de uma existência protegida dentro do meio intelectual de Cambridge. Seu pai, que havia morrido poucos anos antes de eu conhecê-la, era um estimado psiquiatra e psicanalista; Caroline se identificava com ele e o adorava. Ela me disse no começo de nossa amizade, achando muita graça, que, quando era pequena, aos seis ou sete anos, ele se sentou aos pés da cama dela com uma prancheta e uma caneta a postos e perguntou sobre seus sonhos. A mãe de Caroline era uma artista introvertida, que morreu um ano depois de seu pai. Assim, ela perdeu os dois para o câncer com trinta e poucos anos, um golpe duplo que foi cataclísmico para ela; ficou bêbada por mais um ano e se arrastou para a reabilitação em 1994.

Eu já conhecia grande parte da história por seu livro e parte conheci pelo que me contou naquela primeira longa tarde na floresta; soube, naquele dia, que ela havia acabado de se separar de seu namorado com quem ficou por seis anos – um homem de coração grande, conhecido pelo sobrenome, Morelli. O término acabou sendo temporário, e depois que Morelli e eu nos tornamos amigos Caroline e eu o chamávamos “o último bom namorado nos Estados Unidos”. Toda essa história fragmentada – a narrativa se desdobrando no início da amizade – pertencia a uma mulher enérgica, solene, o tipo de pessoa que alguém escolheria para levar o trator para casa durante um dilúvio. Ela era forte, modesta, e suspeito que sua total confiabilidade, que se mostrou para mim em mais de uma crise, veio em parte da experiência: tendo sobrevivido à anorexia e ao alcoolismo, ela já havia passado por sua versão de piores medos.

Eu havia acabado de passar pelas minhas próprias encruzilhadas. Tinha quarenta e poucos anos, idade em que os pontos de vista podem ser claros e pungentes. As visões imaginadas se tornam caminhos percorridos, e eu penso que se pode viver no presente durante essa época mais do que em qualquer outra desde a infância. Passei meus trinta anos numa redação de jornal de cidade grande, onde a

adrenalina e a testosterona eram tão presentes quanto os prazos, e tinha acabado de abrir mão da função de editora literária para voltar ao meu antigo trabalho de crítica literária no jornal *The Boston Globe*. Essa transição e também as recentes mudanças tecnológicas me permitiram trabalhar em casa e passar o tempo com minha cachorra, que rapidamente aprendeu que ler era o meu equivalente de roer um osso. Sempre acreditei que os deuses haviam me dado um trabalho sob medida para as minhas idiossincrasias: eu era muito apegada às minhas opiniões para ser uma repórter de jornal comum, *bon-vivant* demais para ser uma acadêmica. Era sonhadora, teimosa e seletivamente fanática; minha ideia de um dia produtivo, em qualquer fase de minha vida, era ler por horas a fio e ficar olhando pela janela. Foi uma sorte encontrar um trabalho que exigisse exatamente esses talentos; agora, com Clementine, eu podia passar dias quase inteiros em silêncio, lendo, escrevendo ou falando no vernáculo simples e terno da comunicação entre humanos e cachorros.

Os primeiros meses em que Caroline e eu nos conhecemos me voltam com um sabor invernal: a aura revigorante, característica da Costa Leste, da neve, das ruas da cidade e do calor de aquecedores. Dei a ela luvas forradas de pele em novembro, em seu aniversário; algumas semanas depois, dispensamos arranjos prévios para o feriado do Dia de Ação de Graças e juntas fizemos uma galinha assada depois de passar o dia na floresta com as cachorras. O tempo piorou e esfriou e ajustamos nossos horários de acordo com ele: ela me ensinou a andar em trilhas congeladas e de lado em ladeiras muito íngremes, escavando o terreno com o pé para encontrar apoio. Eu ensinei a ela nado livre em uma piscina coberta, persuadindo-a a manter a cabeça dentro d'água para aprender a controlar a respiração, enquanto ela me xingava e tremia de frio.

Pensando bem, Caroline estava constantemente com frio. Depois da anorexia que sofreu aos vinte e poucos anos, ela ficou normal, mas bem magrinha, e aparecia para nossos passeios toda embrulhada em camadas de moletom. Sempre que possível íamos à floresta ou ao reservatório, mas algumas tardes, quando o sol da Nova Inglaterra desaparecia cedo, nos esgueirávamos para os campos de atletismo de Harvard, próximo da minha casa na época, para que as cachorras tivessem espaço aberto para correr. O terreno dava de fundos para um conjunto habitacional, separado por uma grade de metal alta, toda dilapidada. Entrar lá era um trabalho para duas pessoas: uma de nós levantava a grade no ponto em que estava mais frouxa, sobre uma vala, enquanto a outra passava por baixo com as cachorras e segurava a grade do outro lado. Entrar lá era ilegal e difícil – o tipo de coisa que eu fazia quando era menina no Texas –, e ficava contente que Caroline topasse isso; apesar de todas as suas experiências com o mundo do álcool, ela ainda tinha um jeito de boa moça que eu jamais conseguia entender. Ficávamos paradas ali, no escuro gelado, as cachorras iluminadas no meio do céu noturno pela brancura de Clementine e pelas luzes das quadras de

esporte. Era como estar abrigada em uma caverna de frio e silêncio. Ficávamos por ali até não aguentarmos mais, contando histórias uma para a outra – Caroline com suas botas Ugg novas, tremendo e fumando, e eu pegando uma carona ilícita, ainda que prazerosa, na fumaça (eu havia parado de fumar fazia quatro anos). Por vezes, nos sentávamos no chão, nos apoiando na grade púida, deixando as cachorras fuçarem nossos bolsos procurando por biscoitos antes de sumirem novamente na escuridão. Costumávamos rir pensando que pessoas com bom-senso ou sem cachorros estavam por aí em um restaurante quentinho, ou viajando, ou de alguma forma vivendo a vida que de vez em quando todos nós pensávamos que deveríamos viver ou ao menos desejar. Mas não havia outro lugar em que eu quisesse estar, além de ficar sentada ali na terra fria, debaixo do céu estrelado, tomando conta das cachorras e conversando.

Aquele terreno também foi o primeiro lugar onde nos desentendemos, ou brigamos, ou como queiram chamar as falhas de empatia aparentemente triviais que servem como teste e portal para a intimidade. No final daquele inverno, estava claro que gostávamos uma da outra e da rotina que tínhamos estabelecido tão rapidamente; menos reconhecido era o espaço que criávamos na vida uma da outra. Já fazia alguns dias que eu carregava uma mágoa em silêncio, relacionada com a forma como uma via a outra como escritora; algo tão central para mim que ainda preciso respirar para conseguir lembrar de meu desconforto. Sendo a crítica de um grande jornal diário, eu era a escritora mais velha, mais madura; Caroline era a jovem esfuziante do jornal alternativo que ganhou muita atenção com a sua autobiografia. Porque sabíamos uma da outra alguns anos antes de nos conhecermos, confiamos nesse pressuposto implícito entre escritores, de reconhecimento das conquistas um do outro; na maioria dos relacionamentos, esse propósito comum seria mais do que suficiente. Mas Caroline nunca disse nada diretamente sobre o que eu fazia ou o que ela pensava sobre a minha escrita; apesar de ter me dado uma cópia de sua autobiografia e perguntar repetidamente se eu havia gostado dela.

Hoje, vejo de forma diferente: acredito que ela me via como uma pessoa com mais força e menores exigências e demandas do ego. Naquele dia no meio das quadras, não percebi as coisas assim. Havia acabado de sair um longo artigo que eu havia escrito para o *Globe*, e eu estava exausta. Estávamos andando uma do lado da outra e Caroline resmungou alguma coisa sobre saber que eu andava trabalhando muito, mas nada sobre o ensaio em si. Finalmente eu soltei: “Preciso fazer uma pergunta difícil – preciso saber o que você acha do meu trabalho”.

Ela me olhou horrorizada. “Meu Deus”, disse. “Fiquei igual à minha mãe. Simplesmente presumi que você sabia como eu me sentia, mas nunca disse para você.” Apressou-se em me assegurar que gostava do que eu fazia, e falamos pelo resto da caminhada sobre a lama que era isso tudo: o mundo da inveja e da

rivalidade, e da dúvida em relação às próprias capacidades (entre mulheres, entre escritores e entre mulheres escritoras), sobre inseguranças e diferenças de poder. Descobrimos naquele dia, bem rapidamente, como era grande e complexo o afeto que uma sentia pela outra; também comecei a ter noção de algo central em Caroline que se tornaria fundamento de nossa amizade. Quando ela deparava com qualquer dificuldade emocional, fosse grande ou pequena, sua reação era se aproximar, não fugir. E ali ficava até a questão ser resolvida, e o resultado emocional era livre de qualquer remorso ou recriminação. Meus instintos para resolver problemas eram similares: sabia que o silêncio e a distância eram muito mais perniciosos do que uma discussão clara e direta. Essa compatibilidade ajudou a garantir que não haveria questões em aberto entre nós durante os anos que se seguiram.

Por mais aliviada que eu estivesse com a conversa, ainda me sentia irritada com a minha própria vulnerabilidade. Era como se eu e Caroline tivéssemos entrado em um território em que tudo fosse importante, e estávamos nele juntas. “Ah, não”, eu disse, meio rindo, mas com lágrimas nos olhos. “Que foi?”, ela perguntou, preocupada, e eu disse: “Eu preciso de você”.

Ela diria, acredito, que a necessidade de ter-me ao lado dela era maior. Ela estava no começo do que viria a ser uma separação de dois anos de Morelli, com quem esteve envolvida por anos e com quem se casaria depois; tinha acabado de perder os pais; e me via, provavelmente, através de lentes cor-de-rosa como uma mulher competente que havia construído uma vida sozinha. A realidade era mais complexa, porque eu também estava passando por um ponto de virada: havia deixado de lado muita coisa que não funcionava, e beber era só o começo da lista. “Você escolheu a solidão”, um amigo me disse. “Bom, acho que a solidão me escolheu”, respondi. “Aquela velha história da noiva de Cristo.” De todo modo, eu sempre me senti confortável com a minha própria companhia, para o desgosto de amigos ou de parceiros românticos. Minha última relação amorosa importante havia terminado, de forma conturbada, alguns anos antes. Um de meus amigos mais próximos na década anterior, artista e cineasta, havia acabado de se mudar de Cambridge para Nova York. Eu tinha algumas amizades antigas e próximas, homens e mulheres, mas nessa época a maioria dos que moravam ali fazia parte do segundo círculo de intimidade – pessoas que você chamaria se fosse atropelada por um ônibus, mas não necessariamente se você tivesse torcido o tornozelo.

“Os homens não entendem a amizade feminina, entendem?”, perguntei uma vez a minha amiga Luiza, escritora que vivia em Minnesota. “Ai, não”, ela disse. “E nós não devemos nunca explicar a eles.” O fato é que eu me acostumei com amizades intensas e valiosas entre mulheres, graças ao meio em que cresci no Texas. Eu tinha vinte e poucos anos durante o apogeu do movimento contra a Guerra do Vietnã e o crescimento do feminismo nos anos 1970, e os dois movimentos eram interligados em Austin. As mulheres que conheci por lá haviam queimado o antigo livro de regras: elas compravam e não falavam sobre isso, usavam quaisquer meios para lutar pelo macho alfa, protegiam seus medos e desejos umas das outras como se fossem segredos profissionais. Eu havia feito parte de uma banda de rock composta só de mulheres que foi presa em conjunto; conseguimos nos apoiar umas nas outras para lidar com todos os desafios que aquela década nos trouxe, desde a faculdade de medicina até o vício em drogas. Quando saí de Austin para a Nova Inglaterra, em 1981, planejando me tornar uma escritora, parte da coragem que eu tinha viera dessas conexões intensas.

As mulheres das quais me aproximei no nordeste dos Estados Unidos tinham suas versões dos movimentos das décadas de 1960 e 1970, mas as exigências da vida adulta haviam reduzido os seus ímpetos. Minhas amizades em Boston tinham tendência a ser mais distantes, menos profundas. No território predominantemente masculino da redação do *Globe*, que me contratou em

meados dos anos oitenta, a maioria das mulheres que conheci estava ocupada demais cobrindo guerras ou política – o doce custo da vitória! – para gastar tempo com interações mais próximas. Minha independência e minha solidão davam prova disso: grande parte de meus recursos emocionais foi empenhada em minha carreira de escritora, que solidificou a minha vida e talvez até a tenha salvo.

Gradualmente percebi, e tive certeza depois, que não queria ter filhos. Havia pensado nessa possibilidade quando jovem, apesar de ter crescido no conservador norte do Texas, onde o casamento e a maternidade são tão implícitos quanto a Igreja e o futebol americano. Meus pais vieram de famílias grandes – meu pai era o nono de dez filhos, minha mãe a mais velha de seis – e a infância deles lotada de gente havia convencido os dois de que ter uma família pequena era um luxo. Minha mãe, Ruby, teve um irmão mais novo pendurado em suas saias por toda a juventude, e suspeito que estivesse cansada da função quando saiu da fazenda, aos dezoito anos, no auge da Grande Depressão. Ela fez seu caminho no mercado de trabalho por dez anos até casar com meu pai, e então esperou até os trinta e muitos anos para ter filhos – um gesto radical para os Estados Unidos em meados do século xx. Ela celebrava qualquer caminho para a felicidade: quando minha irmã teve sua filha, minha mãe explodiu de alegria; quando eu saí do Texas e me tornei escritora, ela agiu como se eu tivesse escalado o Kilimanjaro.

Os caminhos alternativos que minha mãe vislumbrava para mim foram radicalmente ampliados pelo feminismo e se tornaram avenidas largas. Eu conhecia algumas mulheres cujas escolhas emocionais eram ligadas à ideia de maternidade; como isso não fazia parte de meu sonho particular, eu estava livre para tomar minhas decisões de casal baseadas somente no amor. E, como parte da grande onda de mulheres que não precisava mais casar pelo status econômico ou social, ou para ter filhos, eu havia me libertado e conhecido as amplas e tranquilas paragens da falta de compromisso. Essas eram as boas notícias e por vezes as más. Fiz minha pequena odisseia para o leste sozinha, e soube evitar o jugo de um casamento infeliz, ou de me tornar refém do salário de outra pessoa. Em meus melhores dias, me sentia livre e forte, tinha orgulho de mim mesma; nos piores, me sentia sozinha à beça. Cansada de minha resignação calvinista, uma velha amiga do Texas me mandou um cartão-postal no qual escreveu um imperativo de três palavras: “Diminua suas exigências”.

Empolgantes ou cansativas, as narrativas de amor de mulheres solteiras tendem a ser histórias erráticas: “Caro leitor, eu saí dessa”. Tive diversos relacionamentos ao longo de meus vinte e trinta anos, participei desde dramalhões até equívocos colossais, que pertenceram à mesma época de minha liberdade militante – essas relações eram fugazes e intensas, ou falsamente revolucionárias e insatisfatórias, ou apenas bons encontros na hora errada.

Grande parte delas estava envolta na névoa âmbar do álcool, o que significa que raramente tiveram a chance de superar o meu afeto pela garrafa. Com o uísque na jogada, era sempre um *ménage à trois*.

Mesmo depois de ficar sóbria, por um tempo ainda escolhi impulsiva e pessimamente meus namorados. Achei graça e ignorei as cantadas de um jovem repórter que vivia em volta de minha mesa no *Globe* até ele se tornar correspondente internacional; quando soube que ele iria para uma região de conflitos em seis semanas, e ficaria lá por anos, tive um caso com ele. Depois, conheci um jornalista de um jornal de cidade grande que vivia a oitocentos quilômetros de distância; quando me contou que estava sofrendo com as consequências de um péssimo divórcio, decidi que éramos feitos um para o outro.

Se não estivessem indisponíveis ou indo morar fora, eu preferia a armadilha da morte lenta de Pigmalão: escolhia um mentor sábio, normalmente narcisista, que queria me trazer para a sua órbita. Meu último relacionamento sério, com um homem chamado Sam, dez anos mais velho, se encaixava nesse exemplo de forma tão perfeita que provavelmente me livrou desse pendor para sempre. Ficamos dois anos juntos, passamos por uma pequena eternidade de coisas boas e ruins, e, apesar de eu querer acreditar que teria conseguido forças para largá-lo sozinho, o que, de fato, quebrou o feitiço foi a mudança dele para outra cidade.

Na noite em que me separei, disse adeus a Sam em um aeroporto lotado, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Depois, peguei um transporte noturno de volta para Boston. Na manhã seguinte, quando acordei, em vez de me sentir destruída, me senti segura pela primeira vez em meses. A sensação era física, como se eu tivesse acabado de sair de um passeio de barco durante mau tempo, daqueles que nos deixam enjoadas. Precisei ir a uma festa de fim de ano naquela noite, pus uma blusa de veludo e botas de caubói, joguei água fria no rosto. Quando a anfitriã me recebeu na porta, franziu as sobrancelhas demonstrando preocupação. Eu disse, simplesmente: “Me separei dele”.

“Você está bem?”, ela me perguntou.

“Não”, eu disse, com um sorriso politicamente correto. “Mas vou ficar.”

Encontrei um bom terapeuta: um homem de fala mansa, com um coração tão grande e com uma ironia tão particular que meu afeto inicial por ele logo cresceu. Comecei a confiar nele. Ele era um menino judeu do Brooklyn, que fazia citações de Baudelaire e do Cântico de Salomão; ria de minhas piadas, mas não ria quando eu fazia graça para esconder a minha dor. Quando chorei e disse a ele que temia ser intensa demais, ele interrompeu minhas lágrimas e disse: “Se alguém descesse do céu para me dizer que eu só poderia ficar com uma coisa sua, eu ficaria com o seu exagero”.

E assim começou uma das melhores relações de minha vida, que por vezes guiava a minha navegação para a luz. Fiz quarenta anos e parei de fumar – o hábito de um maço por dia que já durava vinte anos – dois dias depois. Minha vida

parecia espartana, porém sólida: se Freud prometia trabalho e amor para a alma bem integrada, eu estava tentando uma versão moderna de ambos.

O trabalho me sustentava; o amor pertencia a uma constelação de amigos, e não às provações e aos consolos que viriam de um parceiro amoroso. Era um pouco duro com o corpo de noite, mas o tamanho da montanha que eu havia escalado para chegar até ali me proporcionava uma bela paisagem.

E então, na primavera de 1995, surgiu uma cachorra chamada Clementine – uma experiência emocional de tamanha humildade que transformou todo o meu austero universo. Eu queria ter um samoiado desde que me entendo por gente – descobri até um guia de treinamento da raça, um livro que comprei quando era criança –, mas, como eram grandes cães de trenó, achei que seria maldade ter um na cidade; e não gostava da ideia de deixar o cachorro sozinho enquanto eu passava longas horas na redação. Na mesma época em que comecei a trabalhar em casa, meus vizinhos de baixo, um jovem cirurgião e uma advogada, levaram para casa um filhote de labrador de oito semanas. Ofereci-me para tomar conta da cachorrinha durante o dia e logo me acostumei a levá-la para o meu apartamento todas as manhãs. Ela dormia no meu colo enquanto eu lia, uma combinação tão recompensadora para nós duas que abriu caminho para a minha antiga fantasia de ter um cão de trenó. Meu velho gato persa tolerava a cachorra, e essa aceitação por parte do gato me convenceu de que eu poderia introduzir outro filhote em seu domínio. E assim comecei uma expedição de busca a um samoiado, que me fez viajar por toda a Nova Inglaterra. Conversei com treinadores de cachorro que me garantiram que era aceitável ter um samoiado morando na cidade; procurei ajuda de grupos de resgate de animais e pessoas que trabalhavam com criadores de raças que me encheram de perguntas para saber se eu daria conta. Sempre que via alguém passeando com um samoiado na rua, parava o dono e fazia mil perguntas a ele. Dirigi cento e cinquenta quilômetros para ver um criador cujos cachorros premiados eram campeões nacionais; seus canis eram tão lotados, e obviamente voltados ao lucro, que saí correndo de lá angustiada. Fui até Connecticut; lá me fizeram mais perguntas, mas dessa vez foi mais agradável, porque havia cinco samoiados adultos brigando por um lugar em meu colo. Finalmente, depois de uma série de percalços e de ninhadas inesperadamente pequenas, descobri uma mulher no norte do estado de Nova York com uma ninhada de sete filhotes com cinco semanas. Ela tinha uma lista de espera de um ano por seus filhotes, mas alguém havia desistido naquela manhã, duas horas antes de minha ligação. Nunca soube se isso foi o destino ou se ela era boa vendedora. Dois dias depois, dirigi os trezentos e vinte quilômetros até Kingston, Nova York, com uma reserva feita para o Holiday Inn local, que estava

quase às moscas. Meu coração já havia passado da estratosfera.

Essa viagem foi só para conhecer os filhotes e dar à criadora uma chance de me conhecer – ver se eu era boa o suficiente para ficar com um de seus cachorros. Qualquer um que tenha feito a jornada labiríntica ao mundo dos cães de pedigree reconhecerá que esses são procedimentos-padrão de criadores de boa reputação, apesar de intimidadores para um iniciante. Eu consegui empregos e empréstimos com mais facilidade do que levar Clementine para casa. A criadora fazia seus candidatos humanos escolherem dois filhotes e depois determinava quem ficaria com qual deles, de acordo com o que achava ser melhor para todos. Escolhi uma bagunceira agitada que correu para o meu colo na manhã em que a conheci e uma menina grande, sonolenta, que dormiu durante grande parte de minha visita. Eu ri quando a criadora me ligou e disse que eu ficaria com a bagunceira.

Duas semanas depois, fiz a viagem de ida e volta a Kingston em um dia, com um amigo dirigindo seu carro enquanto eu ficava no banco de trás com Clementine, que pesava cinco quilos e em um ano iria crescer até cinco vezes esse tamanho. Comecei a reorganizar freneticamente toda a casa, algo que acontece inevitavelmente quando chega um novo animal: parecia que eu havia soltado um filhote de lobo lá dentro. Ela era agitada, teimosa e destemida; quando um lebre irlandês de 55 quilos veio nos visitar, Clementine ficou debaixo do cachorro, latindo furiosamente, sem medo nenhum por ele ser dez vezes maior que ela. Depois das primeiras vinte e quatro horas sem dormir que se seguiram à sua invasão, sentei-me no alpendre dos fundos, com ela esparramada no meu colo – Ela tem cílios brancos!, pensei – e as lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto. Eu tive animais por toda a minha vida, mas meu coração nunca havia sido invadido por um amor tão claro e evidente.

Eu entendi o significado desse apego por demonstrar exatamente um afeto instintivo e profundo, talvez materno, que se tem por um ser que depende de nós até para sua simples sobrevivência. Meu respeito pela relação entre humanos e animais foi adquirido; sempre havia cachorros gravitando ao redor de meu pai, e eu cresci com animais em volta de mim. Minha irmã no Texas tinha um airedale terrier e um border collie. Portanto, não me era estranho esse amor entre as espécies; o fato de meu carinho por Clementine ter surgido daquela forma e naquele momento – mulher solteira, que não quer filhos e ama cachorros – me deu uma resposta para os relacionamentos básicos que todos nós precisamos ter. Esse animal misterioso e inteligente, que eu trouxe para a minha vida, não era um substituto para nada, mas uma bênção.

Minha vida passou por mudanças mundanas e gratificantes. Em vez de jantar com amigos, juntava-me, à noite no parque, a grupos de donos de cachorros da vizinhança e passava meu tempo com pessoas que em um mundo

sem cachorros provavelmente não se cruzariam. Eu, que havia sido sempre uma coruja, passei a acordar às seis da manhã para começar a rotina de treinamento; meu apartamento, antes um mundo ordenado de tapetes persas e estantes de livros, agora estava abarrotado de brinquedinhos barulhentos e lêmures de pelúcia. Adiei a viagem ao exterior que andava planejando e, em vez de viajar, aluguei uma casa em um dos lagos de Wellfleet, onde ensinei Clementine a nadar. Como cresci no norte do Texas, lugar em que se pode sentir o cheiro dos currais de longe, sentia falta desse estilo de vida rude desde que me mudei para o nordeste urbano dos Estados Unidos. Agora, estava de volta ao uniforme, aos jeans e às botas, com terra nos joelhos, e sentia como se estivesse voltando para algum abrigo havia muito esquecido.

Meus novos amigos, donos de cachorros, ficavam entretidos por horas com conversas sobre comportamentos agressivos ou sobre técnicas de socialização; se fôssemos vistos como loucos ou entediados por nossos amigos sem cachorro, sentiríamos pena deles por tudo o que estariam perdendo. Passávamos longas noites de verão do lado de fora da casa, perambulando pelos campos, vendo beisebol ou passeando pela vizinhança. Minhas prioridades haviam mudado, algo que podia decepcionar os outros: durante uma reunião chique em Newton, aborreci meus anfitriões porque ignorei os convidados e brinquei no jardim com o golden retriever deles. Matriculei-me em aulas de treinamento canino, frequentei dois cursos, e depois mais três, e esperava ansiosa a cada semana, deliciando-me com a clareza de comunicação necessária ao treinamento de um independente cão de trenó. Usar ameaças se revelou uma péssima técnica; igualmente inúteis eram sinais confusos, ironia ou indecisão. Cachorros respondem a instruções diretas, gostam de reconhecimento e de elogios, na linguagem sem rodeios do coração. Para uma escritora que passava horas todos os dias pensando nas peculiaridades e nas belezas das palavras, esse elo entre as espécies era um lugar de tranquilidade e de libertação.

Quando Caroline me disse, pouco tempo depois que nos conhecemos, que estava apaixonada por sua cachorra, não foram necessárias maiores explicações. Enquanto eu estive imersa nos desafios de Clementine, a vida de Caroline estava sendo virada de cabeça para baixo por Lucille. Essa experiência foi publicada depois no livro *Pack of two* [Gangue de dois], que Caroline havia sido contratada para escrever. Ela também encarava o treinamento de obediência como se estivesse participando de uma missão da Nasa. Eu fui até a Concord Armory,^[3] em Cambridge, para duas rodadas de treinamento de técnicas de obediência com um ex-fuzileiro naval que tinha certeza de que Clementine era um macho desobediente; sempre que ela se comportava mal, ele berrava comigo, em estilo militar: “Diga a ele que é um fanfarrão!”. Caroline estava tão encantada com os famosos monges de New Skete, no estado de Nova York, mestres de treinamento

de pastores-alemães e autores de livros de treinamento seminais, que encontrou o

telefone do mosteiro e implorou a eles para levar Lucille para uma visita. Éramos esnobes em relação ao nosso conhecimento sobre cães e fazíamos caretas uma para a outra quando víamos as pessoas errando no treinamento de seus cachorros – dizer “não” quando queriam dizer “fica”, ou usando o comando “aqui” de forma frouxa demais. Mas mantínhamos essa superioridade entre nós e só nos exibíamos uma para a outra. Caroline ganhou a partida no dia em que viu um cãozinho fofo, de pelo macio, andando pelo Fresh Pond, e perguntou ao seu dono: “Ele é um nova escotia duck tolling retriever, não?”.

Nós tivemos essa devoção testada nos primeiros meses de nossa amizade: havíamos nos inscrito para a mesma oficina, com duração de uma semana, em outubro, em uma colônia de férias para cães em Vermont. Hordas de apaixonados por cachorros estavam reunidas em um acampamento com barracas espalhadas por campos verdes, onde as pessoas e os cachorros podiam vivenciar uma imersão total em treinamento, agilidade, refeições em grupo e brincadeiras. Em meados dos anos 1990, tais lugares eram uma anomalia, e Caroline havia desencavado esse como uma oportunidade de pesquisa. Eu tinha ido de brincadeira. Era como um campo de nudismo para apaixonados por cachorros, onde podíamos nos entregar a um estado natural, longe das pressões inibidoras da sociedade normal. Se alguém quisesse vestir seu cachorro com roupas engraçadinhas ou praticar agilidade com um galgo afegão, ninguém ali riria de você, pelo menos não abertamente.

De qualquer ponto de vista, o campo era um hospício. Cerca de oitenta pessoas e seus cachorros apareceram para a temporada de outono, e a atmosfera carnavalesca do lugar era provavelmente mais tranquila para os humanos do que para os cachorros. Os border collies corriam atrás dos frisbees, com os olhos brilhando, religiosamente concentrados. Os welsh corgis subiam a ladeira determinados, marchando como soldados. Vi minha cachorra correr aparentemente a sessenta quilômetros por hora; o programa matinal da CBS estava filmando, e Clementine teve seus momentos de fama. À noite, Caroline e eu encarávamos um jantar na cafeteria, depois saíamos à francesa antes das palestras programadas, partíamos para os nossos quartos externos para comentar os absurdos do dia. Perto do final da semana, em uma caminhada em grupo pelo acidentado terreno de Vermont, olhei para trás e vi cerca de vinte cachorros cheios de energia correndo ladeira acima, metade deles com coleiras retráteis, e seus donos tentando sem sucesso segurá-los. Parecia um filme da Disney enlouquecido. Caroline e eu saímos de fininho, encontramos uma trilha isolada cheia de bifurcações e deixamos os cachorros correrem. Clementine avistou um veado no alto da colina e correu atrás dele; para meu espanto e minha alegria, ela parou na hora em que assobiei o meu chamado de longa distância – ela olhou

para baixo e para mim, depois para cima e para o veado e voltou correndo em minha direção. Isso bastou para me convencer de que estava indo bem sozinha; a essa altura, eu já estava farta da programação da colônia de férias. Fugi dos eventos dos últimos dias, passei uma noite em uma pousada próxima e voltei para Boston. Caroline, que sempre foi caxias, ficou irritada, mas impressionada com o meu motim, e aproveitou a dica para a sua própria fuga, apesar de educadamente procurar os funcionários (que não se importaram muito) para avisá-los de que estava indo embora.

Essa era uma dinâmica entre nós que passamos a valorizar: ela era a boa moça, e eu a rebelde. Uma de nós aprendia o suficiente com a outra para poder expandir nossos respectivos territórios. Como filha de intelectuais liberais que idolatravam Freud e arte, em vez de Deus, Caroline reclamava de ter tido pouco contra o que se rebelar. Na região onde cresci, fervorosamente religiosa, tive muitas razões para a minha insurgência. Minha mãe tinha tido uma criação batista tão rígida que evitava jogar cartas aos domingos; meu pai era um democrata que apoiava Nixon e, para proteger suas filhas adolescentes, patrulhava a nossa rua tranquila com uma espingarda – descarregada, mas eficaz, especialmente quando a “caça” eram grupos de meninos adolescentes. Caroline adorava ouvir essas histórias. Seu pai, deparado com tais rivais de suas filhas, brandiria um teste de Rorschach, não uma arma.

Naquele outono, estávamos andando nas trilhas perto do prado de Sheepfold, em Middlesex Fells. Era uma tarde de domingo gloriosa, e dúzias de pessoas estavam passeando fora dos limites, para além das placas de “proibido ultrapassar”, do lado do reservatório fechado ao público, para aproveitar a vista. Um guarda municipal apareceu e intimou somente as pessoas com cachorros, ignorando as famílias com carrinhos de bebê e as pessoas que passeavam sozinhas. Ele nos colocou em fila como se fôssemos um grupo de delinquentes e começou a nos entregar multas por invasão ilegal de terreno. Eu planejava usar um nome falso, obviamente isso me parecia a melhor opção, mas Caroline, que estava na minha frente, obediamente anunciou quem era e onde morava. Eu suspirei e tomei a decisão de responder junto com ela.

Algumas semanas depois, fomos intimadas a ir ao tribunal da cidade vizinha de Stoneham, onde todos nós – dezenove infratores – recebemos uma terrível lição, quase cômica, sobre a nossa infração e fomos sentenciados a seis meses de condicional. (“Onde fica Stoneham?”, Caroline ligou para me perguntar, na manhã antes do julgamento.) Eu fiquei para falar com o juiz e comecei a reclamar de tratamento discriminatório, já que só as pessoas com cachorros haviam sido multadas. O juiz fez uma anotação sobre a minha reclamação; Caroline parecia envergonhada de estar comigo. Nosso amigo, Tom, que percebeu a graça da situação, fez para Caroline uma camiseta em silk com uma

foto de Lucille atrás das grades, e a legenda *Libertem os 19 de Sheepfold*.

Kathy, a treinadora de cães que foi a primeira pessoa a dizer que Caroline e eu deveríamos nos conhecer, deu essa dica por puro palpite; ela era uma pessoa profundamente intuitiva, que passava muito tempo observando cachorros e pessoas, procurando toda espécie de sinais comportamentais. Era uma mulher pequena, suave, que tinha dois pastores-alemães e podia parar subitamente um cão desobediente ou agressivo apenas com seu comportamento calmo e sua voz firme. Ela era perceptiva também em relação a pessoas e havia percebido algo em Caroline e em mim antes mesmo de nos tornarmos amigas. Um dia, alguns meses depois, quando nos encontramos em uma sessão de treinamento de grupo no jardim de Kathy, eu me aproximei para mexer na gola de Caroline e disse: “Nossa, eu tenho um colete igual!”.

“Claro que tem”, disse Caroline, sem se abalar. “Por que não teria? Nós temos a mesma vida.”

Mais profundo que boa parte das óbvias semelhanças entre nós era o histórico com bebidas que tínhamos em comum – aquele vazio no coração, a essência do vício. Caroline e eu logo contaríamos tudo uma para a outra, mas durante os primeiros meses de nossa amizade eu guardei a nossa maior semelhança para mim. No verão antes de nos tornarmos amigas, eu li a autobiografia de Caroline, *Drinking: a love story* [Beber: uma história de amor], em uma cabana encharcada de chuva em Truro, Cape Cod, onde fiquei durante uma semana com Clementine. Nadava nos lagos durante o dia e lia na varanda até o anoitecer, e ainda me lembro de ficar sentada ali, Clemi (diminutivo de Clementine) dormindo ao meu lado, enquanto devorava o livro, até o pôr do sol se transformar em escuridão do lado de fora. Era a temporada da primeira rodada de biografias de vícios de celebridades, quando Pete Hamill e alguns outros haviam criado novas versões, mais barras-pesadas, de *À sombra do vulcão*. Até então, a maior parte das histórias de bebedeira pertencia ao clube dos meninos. Naquela noite em Truro, li o livro de Caroline de ponta a ponta. Sabia que era angustiante, honesto e revelador. E, como eu havia derramado minha última garrafa de Jack Daniel’s pelo ralo doze anos antes, sabia também que era verdadeiro.

Quando me mudei para o leste, em 1981, a bebida havia se revelado tanto uma panaceia como um problema, apesar de, na época, eu ainda não perceber que uma coisa levava à outra. Venho de uma linhagem de texanos protestantes apaixonados por bebida, que transformaram o amor pelo uísque em estilo de vida. A única exceção, pelo menos era o que eu pensava, era meu avô materno, um fazendeiro doce de olhos azuis que cantava à capela no coro da igreja e prazerosamente atendia a todos os desejos de minha intrépida avó. Anos depois de sua morte, pedi a minha mãe para confirmar o que eu sempre enxerguei como uma união harmoniosa.

“A vovó e o vovô eram felizes?”, perguntei.

“Humm, claro”, ela disse. “Depois que papai parou de beber.”

Fiquei espantada; não tinha nenhuma lembrança de meu avô tocando em álcool um dia que fosse. Mas minha mãe me contou sobre um verão, quando eu tinha quatro anos. Fomos visitar a fazenda de nossos avós perto de Breckenridge, no Texas, e meu pai ficou furioso com meu avô por entrar comigo e minha irmã em um bar na volta para casa, depois de resolver alguns assuntos na cidade. Suas bebedeiras eram raras, porém lendárias, disse minha mãe. Ele bebia feito um selvagem durante algumas semanas e então reaparecia na igreja e ficava sóbrio por meses seguidos. Depois de criar seis filhos à sombra desse comportamento, vovó ameaçou abandoná-lo. Ele parou de beber logo depois. Como eu era muito pequena na época, lembrava dele como abstêmio.

O restante da árvore familiar tinha suas raízes embebidas em álcool, e as lembranças não eram tão difusas quanto as relativas ao meu avô. Uma tia sentiui tanto sono que caiu com o rosto no purê de batatas em um jantar de Ação de Graças; o gosto de outra por Coors^[4] era tão inabalável que ainda me lembro do cheiro almiscarado da cerveja e das latas geladas. A maior parte dos homens bebia da mesma forma que todos os texanos bebem, e isso significava que eram durões e que bebiam bem, até cair – capacidade que levava a uma versão enevoada de desgraça, fosse ela ruína financeira, suicídio ou traição menor por um simples distanciamento. Como bebiam apenas socialmente, meus pais conseguiram despistar esses fins trágicos; no Texas pós-guerra, com casas de subúrbio e coquetéis, eles bebiam rotineiramente, mas sem drama.

Desde a primeira vez que experimentei álcool, durante uma festa em que dormi na casa de uma amiga, aos treze ou catorze anos, ficou claro que eu seria equiparada às ovelhas negras da família. Nossa jovem anfitriã nos preparou a notória mistura de uísque com refrigerante Diet-Rite; as outras meninas beberam o suficiente para ficarem soltinhas ou sonolentas. Eu tomei seis copos daquela coisa, e então subi na mesa de jantar para dançar enquanto minhas

tranquilas amigas roncavam ao meu lado. Eu mal havia entrado na adolescência e era uma menina tímida, que preferia dever de casa de matemática a meninos. Não era audaciosa ou especialmente infeliz, mas a bebida ligou alguma coisa dentro de mim que eu nem sequer imaginava que existisse.

Quando cheguei ao ensino médio, era conhecida por beber bem e aguentar bastante a bebida. Um amigo próximo me contou o que andava circulando sobre mim. “Sair com Caldwell é o encontro mais caro da cidade”, os outros meninos andavam dizendo. “Ela bebe mais que você, e nunca vai para a cama.” Meu pai apreciaria as duas coisas como sinais de caráter. Em minhas primeiras lembranças, ele terminava seus dias com um copo de cristal cheio de bourbon misturado com Coca, e essa poção mágica parecia torná-lo mais gentil e fazer a sua voz se tornar um pouco mais aveludada. Na época em que ele havia trocado para bourbon e “água da fonte”, como ele dizia, eu era uma adolescente estudiosa e rebelde em uma cidade machista do Texas e, por mais que eu brigasse com o meu pai, eu também o imitava. O uísque se apoderou de uma adolescência rebelde e comum e a cobriu de luzes douradas. Eu tinha uma carteira de identidade falsa aos dezesseis; no meu aniversário de vinte e um anos,^[5] passei a beber diariamente. Nessa época, eu havia passado pela faculdade e pelo movimento contra a Guerra do Vietnã, e tinha experimentado todas as drogas e todas as insurreições que estiveram ao meu alcance, mas o pêndulo sempre recaía nas doces promessas da bebida. Quando eu voltava para casa em Amarillo, meu pai deixava o armário de bebidas cheio de scotch e bourbon e depois me pedia para ter parcimônia – a duplicidade da etiqueta do álcool no Texas aconselha a beber como um homem e a agir como uma moça. “Existem duas coisas que um homem não suporta”, meu pai diria depois de nossos primeiros drinques, com sua voz grave, cheia de vaidade e sabedoria. “Mulher mariposa e mulher que bebe demais.” Nós dois sabiamente concordávamos com a segunda definição, e eu pedia a ele que explicasse a primeira parte. Ele mexia a mão como se estivesse empurrando algo e balançava a cabeça. Durante anos pensei que mariposa fosse uma mulher sem fibra, já que ele era recatado demais para explicar o termo.

Ele sempre soube que beber seria o meu problema. Tinha certeza disso porque eu ficava bastante feliz e animada só de ver bebida e porque partilhava desse afeto obscuro, e mesmo assim havia conseguido interromper essa vontade logo. Ao saber que metade das pessoas de ambos os lados de nossa família gostava demais de bebida, eu tendia a rir, porque não conseguia encarar as consequências. Meus familiares tinham uma constituição que permitia a eles passar dos noventa anos, e, no cálculo de negar o problema, eu usava a longevidade para contrabalançar a doença. “Em minha família”, eu costumava dizer, “se você não for pego pelo alcoolismo ou pelo suicídio, vive para sempre.”

Normalmente eu dizia isso com um copo de uísque na mão. (“Mas você sempre parava naquele primeiro copo”, minha irmã disse, anos depois de eu ter parado de beber, quando ela estava tentando montar o quebra-cabeça do passado. “Sim”, respondi, “e ele sempre estava cheio.”) Como a minha tolerância permitiu que eu bebesse em grandes quantidades, mas permanecesse funcional durante anos – eu sobrevivi grande parte da minha pós-graduação com um litro de uísque escondido –, eu cultivei uma imagem que vagava entre a tragédia e a libertação. A autopercepção foi construída para preencher uma necessidade: como o álcool era o elixir obrigatório, eu montei um palco apenas para justificar a sua presença. Eu seria a heroína sensível, ou a romântica incorrigível, ou a boêmia radical – eu era Hamlet, Ícaro e Lily Bart, de Edith Wharton. Deus me livre de simplesmente encarar quem eu era de fato, quer dizer, uma pessoa bêbada e amedrontada a caminho de não ser absolutamente ninguém.

A maior parte dessa autopercepção aconteceu em Austin, nos anos 1970, quando as ruas estavam cheias de cocaína e uísque; eu me cerquei, inconsciente, mas intencionalmente talvez, de pessoas que bebiam como eu. Alguns se endireitaram, outros morreram e uns poucos se acalmaram, cresceram e passaram a se contentar com um martíni em vez de sete. Eu cumpri meu papel dentro da crise coletiva de amadurecimento da minha geração ao me mudar para o leste com a ideia ousada de me tornar uma escritora – de acordo com o mito, uma forma de reinventar a própria vida. Quando saí do Texas, tinha dois litros de uísque no porta-malas do meu velho Volvo, que pensei serem suficientes para cobrir os cinco dias de viagem pela frente. Tinha alguns amigos em Nova York e conhecia duas pessoas na Grande Boston, para onde eu estava indo, e, por mais assustada que estivesse, sabia que existiria uma loja vendendo bebidas em qualquer lugar que eu parasse. Na época, eu tinha trinta anos e havia aprendido que a coragem que vinha das garrafas podia ajudar a atravessar todos os tipos de portas, todos os tipos de problemas e muitas noites ruins sozinha.

No início dos anos 1980, hordas de pessoas estavam saindo do Nordeste em direção às indústrias e ao clima mais gentis da região sul. A Nova Inglaterra era fria, escura e implacável, as pessoas me avisavam; a verdade mais crua é que eu não tinha emprego, lugar onde morar e economias o bastante para durar um ano. Meu currículo como escritora se resumia a algumas rejeições de revistas reconhecidas; minha confiança vinha de algumas palavras de encorajamento de professores da faculdade. Mas, por mais frágil que parecesse a estrutura externa, eu estava tentando salvar a minha vida, e não apenas realocá-la. Cresci encarando o horizonte amplo e aprisionador do norte do Texas, um lugar que só entendi quanto amava muito tempo depois de ter saído de lá, e do qual corri para me libertar com uma espécie de terror aditivado. Se a conservadora Amarillo, com seus poços de petróleo, suas igrejas e suas fazendas de gado, prometia uma vida provinciana, por anos eu desafiei todos os preceitos de minha família. Uma

década depois, precisei assumir uma postura igualmente decidida para sair de Austin – deixar para trás o que eu amava, embora temesse estar me matando.

Acho que me sentia metade blefando, metade com medo, à beira de um precipício, sem saber se iria pular ou cair. Nos meus últimos anos em Austin, quando dava aulas na faculdade e fingia estudar para a prova oral do doutorado, meu coração me encaminhou para as margens da vida de escritora – um santuário tão forte e consolador que me deixava tonta, tamanho seu poder. Eu vivia em alguns cômodos de uma velha mansão sulista com pé-direito de três metros e janelas de vidro fundido, e sentava ali à noite, na frente da minha máquina de escrever, equipada com um copo de uísque e um pacote de cigarros. Uma noite antes de a bebida subir à cabeça, eu escrevi algo que me empolgou tanto – não lembro o que foi – que pulei da cadeira e continuei a escrever em pé. Provavelmente, todo jovem aspirante a escritor tem esses momentos de euforia translúcida, que nos mantêm nesse caminho. Atualmente, vejo esse momento como crucial e mesmo faustiano: a luz âmbar, o zumbido da máquina de escrever, a jovem cheia de ambição e felicidade. Escrever era a força vital, e o uísque a serpente à espreita. Enquanto pude, fiquei com os dois.

Juventude e orgulho podem ser boas armas contra os males do álcool, mas apenas por um tempo. Eu trabalhava, jogava água gelada no rosto todas as manhãs, nadava várias piscinas para contrabalançar os efeitos da bebida e depois bebia para zerar os ganhos da natação. Durante anos, o bálsamo psicológico do álcool – a certeza divina de que ele me ajudaria a passar por qualquer coisa – escondeu as ressacas e o receio que surgia de estar com problemas. Eu tinha uma garrafinha de bolso feita de prata, que enchia com uísque para doses emergenciais; eu pensava que, se parecesse o que deveria ser, a realidade não importava. A bebida suavizava as pedras do caminho e eu tentava igualar a equação com café, proteínas e cinco miligramas de Librium [clordiazepóxido] para reduzir a ressaca. Eu era uma máquina bem calibrada, com dez de coeficiente de rendimento acadêmico, e ninguém sabia.

Por que eu bebia? Quando meu terapeuta me perguntou isso anos depois de eu ter parado, pensei que era uma das perguntas mais ridículas da face da Terra. Por que alguém não beberia? Não queria magoá-lo, então dei de ombros e respondi o mais honestamente possível. “Por que sim”, disse com um pouco de escárnio. “O mundo fica inteiro cor-de-rosa.” Precisei ouvir as palavras em voz alta para perceber que as cores do sublime eram em si mesmas indicadoras de problemas.

Alguns profissionais ao longo dos anos fizeram frágeis tentativas de lidar com o problema; no Texas dos anos 1970, “abuso de substâncias” ainda nem era uma expressão. Nos meus últimos anos na pós-graduação, consultei uma psicóloga muito gentil para falar sobre as tensões normais do trabalho e do amor:

eu fazia parte de um programa acadêmico exigente, havia acabado de terminar um namoro, estava tendo dificuldades para dormir. Minha terapeuta e eu comíamos biscoitos recheados de chocolate juntas, e ríamos das dificuldades da vida. “Eu acho que bebo demais”, disse um dia. “Estou virando cinco ou seis copos de uísque por noite. Talvez precise me internar em Shoal Creek.” Shoal Creek era o hospital psiquiátrico de Austin, lugar a que as pessoas iam para se desintoxicar; um advogado para quem eu havia trabalhado (e que me ensinou a beber uísque e comer ostras cruas) pensava em Shoal Creek como spa. “Eles não iam aceitar você”, disse minha terapeuta, que não gostava de confrontos. “Você parece bem demais.”

Ela quis dizer com isso que eu ainda estava na vertical, ainda estava funcionando aceleradamente e ainda não demonstrava as calamidades externas que sugerem um problema: nenhuma multa por dirigir embriagada, nem um casamento desfeito, nem problemas de desemprego. No mesmo ano, fiz um exame médico de rotina com um clínico que foi menos benevolente e mais grosseiro. Quando perguntou quanto eu bebia, disse a ele que era cerca de quatro doses por noite. Desconhecia a regra da profissão médica que diz que, quando o consumo parece problemático, você deve dobrar qualquer quantidade que o paciente confesse. “Você precisa tomar cuidado com isso”, ele disse, recusando-se a olhar em meus olhos. “Não há nada menos atraente que uma dama que bebe demais.”

Tais idiotices só fortaleceram o meu consumo. Estava nos meus vinte e muitos anos, era uma veterana da contracultura e do movimento feminista e me agarrava à crença de que bebia porque era parte dos requerimentos de uma nova época – mulheres como eu funcionavam no mundo. Era um anestésico para a sensibilidade à flor da pele e um lubrificante para a criatividade. A outra verdade era muito mais sombria. Alcoólatras – palavra em que eu nem podia pensar sem sentir vergonha e horror – eram pessoas despedaçadas que bebiam até acabar na sarjeta, e a única saída para elas era largar a bebida. Isso era impensável para mim, era como um quarto cinza, sem nenhum ponto alto, relevo ou interesse. Então, agarrei-me por anos ao que acreditava ser o limite entre o alcoolismo e o beber em excesso. Sempre que eu externava meus temores, os disfarçava com humor, machismo ou rebelião indiferente. “Tenho medo de parar de beber e deixar de ser interessante”, disse, assim meio de supetão, a uma amiga em Austin, uma enfermeira cujo pai morreu em decorrência do alcoolismo, depois de ficar prostrado numa cadeira por décadas e estar rodeado de latas de cerveja. “Não tenha tanta certeza”, ela me disse, “um dia depois do outro, todos os alcoólatras se tornam chatos.”

Ninguém que seja fiel à fonte do problema – o álcool – é capaz de ouvir tais avisos, pelo menos não até ter sido arrastado por alguns quilômetros de vidro quebrado. Ajuda em sua forma mais benigna e não ameaçadora – se tal coisa

existir para um alcoólatra – não estava batendo à minha porta; se estivesse, eu provavelmente teria me mudado no meio da noite. Eu não queria ajuda; eu queria garantias. Eu precisava de consolo – efêmero ou artificial – de que conseguiria beber para sempre e ainda me safar disso. É como a velha piada do homem em uma ilha deserta que encontra um gênio e este oferece a realização de dois desejos. O homem pede uma garrafa de cerveja. O gênio produz uma instantaneamente e diz que a garrafa nunca estará vazia e sempre estará gelada. E avisa que o homem ainda pode pedir mais um desejo. Apenas como garantia, o homem diz ao gênio: “É melhor você me dar outra”.

Quando eu ainda era jovem e corajosa o suficiente para querer aventuras, vim para a Costa Leste. Eu já era adulta na primeira vez que pus os pés em Nova York, alguns anos antes, e a cidade me ofereceu o elixir de sempre. Andei oitenta quarteirões, do Museu Guggenheim até Greenwich Village, tomada de felicidade. Parei em uma esquina, entre a neve que parecia cair dançando do céu, frotas de táxis e outros ícones da cultura pop que eu cresci vendo no cinema e nas telas de tv; a ideia de que essas coisas eram reais – de que era possível caminhar nesse cenário luminoso e se tornar parte dele – foi algo que me transformou. Fui ao Museu de Arte Moderna, onde ainda ficava *Guernica*, de Picasso, e precisei me segurar no corrimão quando virei a escada e deparei com o quadro pela primeira vez. Por mais sofisticada que eu me achasse, cresci com campos de trigo e casas de subúrbio como paisagens constantes, e a arte era algo que pertencia aos livros. Estar em Manhattan era como mergulhar de cabeça na própria vida ou descobrir que se pode voar. Dar as costas para isso seria como fracassar, não aproveitar uma oportunidade.

Cambridge também era, de modo mais reservado, maravilhosa e sedutora. Em minha primeira viagem para lá, fui ao cinema Orson Welles, com seus documentários artísticos e máquinas de cappuccino, e perambulei pelo jardim de Harvard usando uma jaqueta de couro surrada, tentando parecer local – havia encontrado um lugar bem maior e mais intenso que as fronteiras de meu triste coração. Talvez essa seja uma sensação comum à juventude, esconder o medo com júbilo. Mas eu olho para trás agora e me vejo como sombras indo em direção à luz. A luz fazia

o possível para ganhar, e parte do plano era sair do Texas.

No primeiro verão na Nova Inglaterra, vivi em uma casa espaçosa de três andares com mais seis pessoas. Entre os moradores, tínhamos uma médica, um físico, uma dançarina e dois criadores de marionetes. Por algum motivo, esse

elenco glamoroso me achou exótica – por causa da imagem de boa bebedora que eu ainda tentava passar. Eu usava botas, tinha uma aparência masculina e guardava duas garrafas de uísque em sacos de papel em uma prateleira do armário. As pessoas que dividiam a casa comigo pareciam se divertir com a texana de fala arrastada que havia invadido a suave contracultura deles. Minha amiga mais próxima dentro da casa era Jackie, a dançarina que se arrumava para sair com chapéus de falsa pele de leopardo e luvas rosa até o cotovelo. Todas as noites, sentada na mesa de jantar, ela começava a descrição de seu dia com “Primeiro, acordei”. Nós nos adorávamos – ela era a revolucionária doutora Joyce Brothers, [6] que ajudava a minha heroína trágica – e uma tarde, um dia depois de uma festa de verão na casa, estávamos esparramadas no jardim fazendo observações. Eu estava com uma ressaca pior do que a habitual e num momento de sinceridade disse isso. Além de ser dançarina e excêntrica, Jackie era enfermeira; havia trabalhado nas trincheiras do campo médico e visto os efeitos psicológicos dos anos sessenta e setenta. Estávamos deitadas uma ao lado da outra, de olhos fechados – a posição de análise entre pares –, e ela disse: “Você é alcoólatra?”.

A pergunta foi feita de modo tão suave que parecia que Joyce queria saber se eu era pisciana. Fiquei tão surpresa que respondi candidamente: “Não sei. Sou psicologicamente dependente”.

Essas palavras ficaram em minha consciência durante os três anos seguintes em que bebi. Jackie havia ousado perguntar o que eu não podia dizer a mim mesma; minha resposta havia deixado mais alguém entrar naquele lugar povoado de medo, ainda que fosse somente por um minuto. Alguns meses depois, mudei-me para a mesma rua, para um sótão com telhado do tipo mansarda, um lugar com todos os subtextos românticos da vida que eu queria levar e todos os cantos escuros que eu havia deixado para trás. Jackie teve sensibilidade e soube ser gentil. Compreendeu essa escuridão e permaneceu próxima enquanto eu passava por isso. Eu desbravava as ruas de Boston, conseguia alguns trabalhos como escritora *freelancer*, depois voltava para casa e entornava bebidas enquanto batia à máquina de escrever Adler. Arrumei um gato persa e o batizei de Dashiell Hammett, e ele sentava nos travesseiros da minha cama enquanto eu bebia, seus olhos enormes eram testemunhas dos excessos e dos desmaios no fim de noite que eu não podia suportar sozinha. Passei a contribuir regularmente para o *Phoenix*, um jornal alternativo de Boston, e escrevia minhas colunas sob a luz matinal, quando estava sóbria; se eu era uma bêbada, era também uma perfeccionista – dois traços que normalmente anulariam um ao outro. Eu roubava panfletos sobre alcoolismo do consultório de um médico e fazia o teste de vinte perguntas com um copo de bourbon na mão. No começo dos anos 1980, as perguntas ainda eram embutidos pressupostos sociais tradicionais sobre as mulheres; um deles, inescusável, dizia: “Seu marido e seus filhos já manifestaram preocupação com o

seu consumo de bebidas alcoólicas?”. Eu marquei “não” com um desenhinho. Sem marido, sem filhos, sem preocupações.

A verdade mais sombria era que aquilo que parecia uma libertação – a saída do Texas, os sacos de papel com uísque escondido, a reinvenção de uma vida – estava se revelando um horror sem limites. Seguindo o conselho de um clínico geral, consultei-me com um psicoterapeuta e hipnotizador especializado em abuso de substâncias. Ele me sentou em uma poltrona reclinável, como a de um dentista, e cada vez que me hipnotizava eu começava a chorar em silêncio, as lágrimas escorriam pelo rosto até o cabelo ficar molhado. Isso seria uma evidência de que alguma tristeza profunda estava querendo sair, mas o hipnotizador parecia pensar que uma terapia de aversão seria o ideal. Instruíu-me a ir para casa e beber tanto quanto fosse possível na semana seguinte, e então trazer um litro de uísque para pagar a próxima sessão.

Eu gosto de pensar que meu estado debilitado – a bebida, os transe encharcados – foi o que me impediu de fugir daquele ambiente estranho. Durante semanas eu voltei ao consultório, esperando que o hipnotizador pudesse apertar um botão mágico que acabaria com o meu paralisado apego ao álcool. Então, um dia, o hipnotizador entrou na sala sorrindo. Disse que havia tomado lsd na semana anterior e que havia tido uma visão comigo; ele sabia que tudo ficaria bem. Continuou descrevendo a paixão sexual que acreditava existir entre nós, uma paixão que jamais seria concretizada – ele foi muito cuidadoso ao dizer isso. “Em uma escala de um a dez”, ele me disse, numa espécie de confissão cheia de alegria: “Você é mais ou menos um nove”. Depois de assegurá-lo que essa afeição numérica pertencia somente a ele, fugi. Nunca paguei a conta que ele mandou por essa última instrução mística; nunca respondi a suas cartas lamurientas. Por anos, imaginei os danos que ele poderia ter me causado, ou pelo menos o fracasso que ele havia visto em mim.

Como eu tinha orgulho por não dirigir bêbada ou aparecer de porre em público, meu mundo foi se tornando cada vez menor. Eu tinha machucados porque batia os braços nas portas; quando torci o tornozelo, amarrei dois sacos plásticos nas muletas – um cheio de gelo, o outro com uma garrafinha de bourbon – e claudicava com o meu bar portátil da cozinha para a mesa. Uma noite, fui além dessas bobagens amadoras e levei um tombo que me fez parar no pronto-socorro. Em pé, olhando para o espelho do banheiro como um dos momentos trágicos à Leonard Cohen, desmaiei com um copo de uísque na mão. Caí atravessada no chão, bati na banheira e quebrei quatro costelas. Eram quatro da manhã. Até mesmo para o meu cérebro, pronto a negar tudo, isso não era mais beber socialmente.

Os ditames culturais do tempo e do espaço – do Texas e de sua cultura da bebida, da compreensão ainda provinciana a respeito do vício – sempre me

disseram que o alcoolismo era algo sem tratamento. E repreensível. Acontecia a pessoas que estavam quebradas de outras formas, ou eram fracas, ou que não tinham força de vontade para se endireitar e entrar na linha, como meu pai costumava dizer. O que essa visão das coisas deixa de fora é a luta interna – o desejo por um gole eclipsando a luz da sobrevivência – que acomete as pessoas que sofrem do vício. Toda manhã, quando acordava para as tristezas de mais uma noite de fracassos, eu engolia o meu medo e jurava que dessa vez eu só tomaria quatro doses. Eu passei a tomar vodca, ou ir ao cinema, ou a ligar para Jackie, que estava morando em Nova York, para contar a ela como as coisas estavam ruins. A mesma fita tocava o dia inteiro na minha cabeça – coragem/terror, decisão/anseio, barganha/rendição – e, então, eu abria correndo o congelador para pegar gelo e meu corpo inteiro suspirava de alívio. E o ciclo começava outra vez.

O pior legado psicológico desse *loop* interminável era o sentimento permanente de traição. Todo dia eu fazia um acordo de não beber, e toda noite, por volta das oito ou nove horas, eu já havia desfeito esse acordo. A erosão, como a da água batendo na pedra, era gradual e constante. Eu havia sido abençoada com um pai e uma mãe que haviam passado suas forças para mim; eu tinha a independência de minha mãe e a força de vontade férrea de meu pai. Eu era autoconfiante, tendo em vista os bons resultados que havia alcançado em trinta anos de vida. Mas esse adversário era mais cruel, mais forte, mais persistente do que qualquer desafio que eu jamais havia enfrentado. O último ano havia provado que não era mais um empate entre mim e o álcool; eu havia sonhado que estava em um ringue com uma garrafa de Jack Daniel's e apanhava até sangrar. Por mais de uma década, negociei com os deuses para continuar a beber: respeite o prazo, ganhe a garrafa. Consiga uma encomenda de texto, tome o drinque. Quanto melhor me sentisse com a minha prosa ao fim do dia, maior seria a minha recompensa.

Isso pode explicar o comportamento suicida que eu tinha como escritora, procurando histórias que legitimassem, de alguma forma, o meu consumo. Eu estava com a agenda marcada para viajar dois dias depois de minha queda. Eu faria um trabalho em um observatório meteorológico, localizado no topo do monte Washington, em New Hampshire, uma paisagem lunar cujo clima era o pior do mundo. Por causa das costelas quebradas, tive de adiar a viagem por seis semanas. Quando, afinal, fiz a viagem de ônibus de três horas em fevereiro para Gorham, New Hampshire, na base da montanha, minhas costelas ainda estavam enfaixadas e eu tinha remédios para dor e dois litros de uísque em minha bagagem. Saímos de Boston às seis da tarde, e o ônibus partiu para o norte rumo ao escuro. Sentei no ônibus solitariamente, no frio, com minhas costelas doloridas e meu Percocet [oxicodona], comendo um sanduíche de presunto sem graça que

eu havia levado para a viagem, tentando não pensar a respeito do estado assustador em que me encontrava. Quando chegamos a Gorham, o fim do caminho, só havia mais um passageiro, um homem estranho que olhou em minha direção e agiu como se fosse me seguir. Saí do ônibus usando um cajado para me segurar em cima do gelo e, assim que cheguei ao quarto do albergue local, entornei um copo de bourbon. Na manhã seguinte, quando o Sno-Cat^[7] chegou para nos levar – dois geólogos e eu – ao topo da montanha, estava mais preocupada com as garrafas de vidro que estavam escondidas em minha mochila do que com a minha anatomia quebrada.

Consciente ou inadvertidamente, eu havia ido ao paraíso do bêbado ermitão ao escolher o observatório. Os meteorologistas estavam acostumados a ficar presos durante semanas por causa do tempo inclemente e tinham uma reserva completa de bebidas junto aos seus litros de molho de tomate e quantidades industriais de temperos. Meus dois companheiros me reservaram um escritório envidraçado de onde se podiam ver as ravinas do monte Washington; à noite, nos encontrávamos para fazer o jantar e beber um pouco. O turno matinal deles começava às cinco, e por volta das oito da noite eu podia me retirar para o meu beliche para encontrar a minha garrafa de bourbon. Toda noite eu fazia um risco na garrafa, para ter certeza de que a ração ia durar.

Os meses seguintes são um borrão de adrenalina e medo, um último esforço para manter a fachada. Eu combinei de fazer uma reportagem sobre o Farol de Boston, um dos últimos faróis operados manualmente nos Estados Unidos, o que me exigia passar a noite na pequena ilha de Brewster, no porto de Boston, com o faroleiro e seu cachorro. Ainda tremia de abstinência quando a lancha da guarda costeira chegou para me levar à ilha. Três ou quatro caras gentis, barulhentos, estavam na lancha, exibindo-se e acelerando o motor e, como eu não queria que percebessem como eu estava nervosa e enjoada, usei o antigo método texano de aumentar as apostas. “Então”, eu disse, “qual é a velocidade máxima que vocês conseguem alcançar nessa coisa?” Eles riram, e atravessamos a baía a noventa e cinco quilômetros por hora. Eu estava branca quando pisei na ilha, mas eles acharam que eu era durona e, para minha confusa noção de ego, era isso que importava.

Mas o faroleiro soube. Nessa época, meu orgulho era uma camuflagem que mal acobertava o problema. Ao fim de nossa tarde juntos, eu subi as escadas e bebi um copo cheio de vodca em vinte minutos. Então, reapareci na cozinha para vê-lo preparar um belo bife para mim. Éramos as únicas pessoas na ilha. Ele era um homem grande, forte, tímido, com trinta e poucos anos, com quem me sentei naquela noite em sua cozinha iluminada para beber Pepsi e comer carne, enquanto ele me contava uma história, aparentemente do nada, sobre como havia parado de beber alguns anos antes. Eu sorri e balancei a cabeça compreensivamente. Eu havia escolhido vodca para que ele não sentisse

o cheiro, mas ele sabia. Na manhã seguinte, de ressaca, forcei-me a subir os vertiginosos degraus até o topo da torre de vinte e sete metros e a contar os degraus para que pudesse pôr o número na reportagem. Quando as pessoas dizem que alcoólatras não têm força de vontade, não sabem o que estão dizendo.

Apesar de meu falso heroísmo, de minhas constantes calibrações de “combustível” e das mudanças de expressão facial, sei que o ato de escrever foi comparável a uma corda jogada que me fez arrastar até a margem. A ideia de um mundo em que eu continuasse a beber, mas parasse de escrever, era ainda mais insuportável que a de um mundo sem bebida. Nesses tenebrosos últimos meses, comecei a encontrar anotações bêbadas, semicompreensíveis, que havia feito à noite. Durante o dia, a minha prosa sóbria era ao menos lúcida e legível; as anotações do lado negro se assemelhavam a encontrar uma ex-biscate da Broadway em um bar e decadente. Eu tinha trinta e três anos. Parecia cedo demais para o declínio trágico, por mais que o mito romântico torturado tivesse me levado a esse caminho. Por anos, cultivei o *hall* da fama encharcado de escritores que amarraram ao talento uma garrafa de uísque: Faulkner, Hemingway, Hammett (de forma reveladora, minhas referências eram em grande parte homens). O que havia convenientemente deixado de fora dessa versão que eu contava a mim mesma eram os posfácios que desmentiam a história: a disciplina de Faulkner, o longo tempo de sobriedade de Hammett, a espingarda de Hemingway. O uísque não atíça a chama da criatividade; ele a extingue, algumas vezes uma gotinha por vez.

A mansarda onde pensei que viveria minha fantasia de escritora era um terceiro andar sem elevador em uma rua arborizada. Minha máquina de escrever ficava na entrada do apartamento, e eu podia ver pelas janelas os telhados e o céu da Nova Inglaterra. Olhava para baixo e via a rua com as pessoas cuidando de seus afazeres – os carteiros, os passeadores de cachorros e os desconhecidos que formam o pano de fundo da vida urbana. Numa tarde de inverno em que ainda estava presa em casa com as costelas quebradas, querendo nada mais que ir até a loja de bebidas para comprar uma garrafa de bourbon, fiquei ali olhando a neve cair do lado de fora e meu coração foi abalado por ver como era diferente o sonho que me coube: eu tinha chegado até ali, percorrido essa distância toda, sem emprego, família ou redes de segurança, com a intenção de ganhar a vida como escritora e agora eu estava presa três andares acima, na minha própria cela, separada completamente das pessoas lá embaixo e esperando o dia terminar para poder beber. A queda livre na qual eu estivera por anos tinha terminado, o medo se tornara desespero, e eu simplesmente não aguentava mais.

Histórias de sucesso normalmente são bem simples. Como ouvi uma vez um homem descrever em uma reunião do aa: “Eu fiquei bêbado, as coisas pioraram,

cheguei aqui”. Na primavera, eu me inscrevi no curso sobre alcoolismo do meu plano de saúde de Cambridge, em que um cara alto, simpático, chamado Rich, alguns anos mais velho que eu, falava toda semana sobre as devastações causadas pela doença. Eu o achava um bobo. Ia para casa depois da aula e me servia de copos cheios de bourbon, para meditar com mau humor sobre o que ele havia dito. Ele era muito gentil, mas muito pouco antenado. Claramente, um erro fora cometido – a literatura médica havia deixado de fora uma categoria para heroínas trágicas de futuro brilhante que amavam beber. Na semana seguinte, eu voltei lá cambaleando para continuar a minha formação.

Meu gentil professor fazia duas coisas que eram inestimáveis. A primeira é que parecia não esperar nada de sua plateia. Ele não nos intimidava ou tentava nos conduzir à sobriedade, nem mesmo pedia que voltássemos ali. A segunda é que fazia uma interpretação meio budista de como sobreviver à vida sem álcool, algo que não estava em nenhum folheto que eu havia lido. Durante toda a minha vida de alcoólatra, assumi ser a queda para o alcoolismo um fracasso já consolidado – a guerra já estava perdida e não haveria redenção. O melhor que alguém podia esperar, eu pensava, era uma vida trêmula, vigilante, ansiosamente frágil. Rich concedia a batalha, mas nada mais. O conceito do aa, ele explicou na última aula, era o de se render. Eu revirei os olhos, já tinha ouvido isso antes. E ele continuou: render-se – decidir abaixar as armas e sair da luta – era uma forma de retomar todo o seu poder.

As luzes fluorescentes suavizaram-se um pouco, e aquela sala de aula noturna, em que me sentei por semanas no meio de outros céticos, emitiu uma aura, ainda que momentânea, de esperança. Entendi o que ele queria dizer: essa era a velha luta mítica que havia definido o heroísmo ao longo do tempo. De algum modo, naquela noite, o conceito de sobriedade, pela primeira vez, ganhou um tom revolucionário em sua mensagem – era uma ideia salvadora de vidas, ousada, que ia contra o padrão estabelecido. Pode ser possível, pensei nessa noite, parar de beber e ainda assim ser alguém bacana. Para uma jovem assustada, que havia passado uma década cultivando uma armadura estilosa para mascarar seu hábito de beber, isso era a coisa mais radical possível.

Ele salvou a minha vida, claro, esse homem compassivo, tranquilo, que não estava interessado em estar na moda, mas se importava absurdamente em ajudar as pessoas. Tendo baixado minhas defesas de desdém, falei com ele, uma tarde depois da aula, sobre o alcoolismo em minha família. E, apesar de estar completamente sóbria nesse dia, não me lembro de quase nada daquela hora que passei no escritório de Rich. Sei que nos primeiros minutos eu me abri, para meu próprio horror, e disse: “Acho que bebo demais”. O resto são lembranças confusas, até ele se levantar quase uma hora depois e correr para marcar uma desintoxicação ambulatorial na semana seguinte. Meses depois, perguntei a ele sobre aquele dia e o que eu havia dito. Ele sorriu, já tinha visto essa amnésia em

crises antes. “Na maior parte do tempo”, ele me disse, “você ficou tentando me convencer de que não valia a pena salvá-la.”

Isso me choca hoje tanto quanto na época, porque sempre me apeguei àquela centelha de autoestima que acreditava ter me levado a conversar com ele. Mas o álcool, o desespero e a exaustão que o acompanham haviam me deixado tão exaurida que não havia sobrado muito com o que lutar. Nesse dia, voltei para casa para tentar acabar um texto e entregá-lo no prazo para o *Village Voice*. Fui até a loja de bebidas da vizinhança para comprar o que eu esperava ser minha última garrafa. Comprei um litro de Jack Daniel’s e – um capricho, considerando a minha renda como *freelancer* – um litro de Johnnie Walker Red. “Quer que embrulhe para presente?”, a inocente caixa perguntou. “Claro”, disse a ela. “Por que não?” Três dias depois, derramei o resto da garrafa pelo ralo e cambaleei até o consultório de Rich, com ressaca, meia hora atrasada para uma consulta que me permitiria recomeçar.

Era o verão de 1984, e o aa nessa época era separado da ordem social – ainda não havia ganho a capa dos semanários, os slogans não tinham virado adesivos para carros e as confissões de redenção de celebridades eram algo do futuro. Armada com um programa que trazia o horário das reuniões locais, fui a uma reunião em Cambridge alguns dias antes da minha última dose e me senti chorando perto do fundo da sala até uma mulher de voz suave, elegante, me cutucar e sussurrar: “Não se preocupe – é bioquímico”. Achei isso inspirador: uma resposta de cinco palavras, dita casualmente e sem subterfúgios, para o maior problema da minha vida. Saí de lá e fui para casa, direto para o Johnnie Walker, mas voltei na noite seguinte e na seguinte, e, quando chegou a manhã de segunda, era hora de voltar ao consultório de Rich para organizar o programa de minha nova vida. Eu havia acabado com o uísque, tomado um pouco de bourbon, só para garantir, e arrastado um bar inteiro de garrafas vazias para a rua.

As reuniões do aa que frequentei pareciam clandestinas e marginais; a maior parte delas acontecia em porões de igreja. Havia algo incrivelmente romântico nisso – era como ser um maçom com péssimos antecedentes. Na pós-graduação, eu havia me aprofundado em biografias de escritores que foram do Partido Comunista na década de 1930, e que frequentavam reuniões secretas fumando e conversando, convencidos de que iriam mudar o mundo. Sempre invejei o ponto de vista apaixonado deles. Certa tarde de verão, eu estava atravessando o parque de Boston – seus campos estavam repletos de pessoas indo a algum lugar – em direção a mais um porão de igreja. Durante anos, eu me senti afastada desse fluxo da humanidade, corri em direção a momentos que pareciam uma vida bem vivida. Agora, eu conhecia a verdade mais profunda e mais diversificada: alguns integrantes daquela multidão estavam indo a uma reunião do aa. Este foi um aprendizado difícil, mas fantástico: eu percebi, como a vida sempre quer nos

ensinar, que o mundo que vemos é só a versão publicada. Os reinos subterrâneos, sejam igrejas, sejam quartos de hospital, ou porões enfumaçados, são parte do que dão estrutura ao restante. Eu tinha, afinal, me apossado da chave mestra e conseguido entrar.

Eu havia conhecido alguém em Austin, anos antes, que tinha entrado para o aa e reestruturado sua vida, mas o que ninguém pôde me contar era como essas reuniões eram hilárias. Eu entrava em salas despreziosas com cadeiras dobráveis e uma garrafa térmica cheia de café, e as pessoas comiam docinhos de padaria e usavam latas de atum como cinzeiros. Um tribunal popular de bêbados! O aa tinha integrantes de todas as classes sociais que algum dia pensei alcançar. Havia homens de terno e mulheres mais humildes, de fala ríspida e alma desconfiada, que você não perceberia no metrô; homens de aparência assustadora, que, depois de começarem a falar, você gostaria de ter por perto para sempre. As histórias que contavam eram angustiantes, impressionantes e algumas vezes profundas; quase sempre tinham finais mais felizes, pelo menos até agora, do que poderia se esperar de muitas vidas. Fiz amizade com uma bela jovem, artista e cineasta, que despedaçava os copos de isopor ao longo das reuniões; ela fez isso durante um ano mais ou menos, enquanto eu fumava sem parar ao lado dela. Havia descoberto o coquetel molotov mágico do álcool quando mal era uma adolescente e tinha se formado com honras em Harvard ao mesmo tempo que quase havia bebido até morrer. Durante anos, nós duas ficávamos juntas nas primeiras fileiras das reuniões, como Thelma e Louise do aa de Cambridge, até que ela foi a trabalho para Nova York, que era o seu lugar. Eliza era durona, mas, por dentro, uma mulher de tal gentileza e profundidade que podia fazer baixar minha pressão sanguínea só de ela entrar em um cômodo. Eliza também havia encontrado o aa por meio do “Terapeuta Benevolente do Álcool”, e por anos nos referíamos a nós mesmas como ex-alunas da “Escola de Etiqueta Rich Caplan”, na qual aprendemos a evitar o consumo de um litro de uísque de uma vez só ou de qualquer outro jeito.

Costumava pensar que essa era uma história horrível – vergonhosa, dramática e triste. Não penso mais assim. Agora, penso apenas que é humana, e por isso decidi contá-la. E, entre todas as palavras sábias sobre bebida, ouvidas e esquecidas ao longo dos anos, especialmente naquela primeira hora confusa no consultório de Rich, sempre me lembrei de uma coisa que ele disse quando eu estava atolada em medo e vergonha por ter bebido até chegar ao alcoolismo. Ele perguntou por que eu estava tão assustada, e eu disse, chorando, a primeira coisa que me veio à cabeça: “Tenho medo de que ninguém mais vá me amar”. Ele se inclinou em minha direção com um sorriso muito amável, as mãos na frente do rosto: “Você não sabe?”, perguntou delicadamente. “As falhas são exatamente o

que a gente ama.”

Alguns dos efeitos de parar de beber foram imediatos e dramáticos. Eu limpei a casa, nadei um quilômetro e meio por dia, tratei de minha necessidade recém-adquirida por açúcar. Fui a dúzias de reuniões do aa e li pilhas de romances durante a noite, quando não conseguia dormir. Comecei a trabalhar como editora em uma revista literária local, e no primeiro dia de trabalho conheci Matthew, um homem alto, gentil, com uma voz rica de timbres que se tornou um bom amigo e que parecia personificar a minha vida de segundas oportunidades – com ele, o mundo deixou de ser uma corrida de obstáculos e passou a ser um parque de diversões. Matthew e eu sentávamos no escritório tarde da noite, fumando e lendo a enorme pilha de manuscritos não solicitados enquanto a neve caía do lado de fora da janela que dava para a avenida Mass. Seis meses depois, o *The Boston Globe* me contratou como crítica literária principal. No primeiro dia na redação, meus colegas me deram uma garrafa de champanhe de presente, uma cortesia tão irritante que eu a tranquei no porta-malas do carro como se fosse feita de plutônio, e depois a larguei na casa de uma amiga. Em 1985, a reputação de uma redação como um lugar em que se bebe muito ainda era merecida, e eu estava aprendendo apenas a cumprir prazos sem beber no fim do dia. Uma noite perguntei a um colega que era crítico como ele relaxava depois de ter entregado um artigo. “Ah, vou para casa e tomo uns uísques e uns dois Librium”, disse. “Isso é bastante bom para mim.” Acendi mais um cigarro, entreguei a crítica que estava fazendo e fui para uma reunião do aa.

Em meu primeiro ano de sobriedade, ouvi uma mulher em uma reunião do aa descrever o pacto diário de tédio e desespero que o alcoolismo significou para ela. “Eu saía e vivia o meu dia a dia”, disse, “e voltava para casa no fim do dia e bebia seis cervejas para esquecer de tudo. Era como encher um quadro negro de informações toda manhã e à noite apagar tudo o que havia aprendido.”

Essa história ficou como um mantra em minha cabeça e funcionou também como uma explicação para o alcoolismo. O que eu não sabia, na época em que bebia, é que o álcool era o meu atalho para as estrelas, mas não existem atalhos sem que se pague um preço por eles. A bebida me havia anestesiado, e não resolvido os problemas; tornou difusas as lições de um dia ruim, ou de uma comemoração, ou de quaisquer dos pequenos passinhos de formiga que constituem a experiência. Para me permitir beber durante todos esses anos, e não enlouquecer com os danos psicológicos que o álcool estava me causando, criei um artifício com tons de uísque para adoçar o mito. Agora, eu havia tirado a máscara e, por mais aterrorizante que fosse, também era um pouco como soltar um balão cheio de hélio. Não tinha ideia de que o mundo poderia ser tão leve, um

voou tão internamente impulsionado.

Ainda assim, o hábito de brincar com fogo não parou da noite para o dia. Quando estava sóbria havia dois meses, propus um ensaio para a revista *Globe Magazine* sobre o lado mais sórdido de Atlantic City. Fui para lá e fiquei metade da noite jogando blackjack, bebendo água tônica até as três da manhã, enquanto garçonetes mimavam os apostadores com bebidas gratuitas. Meu padrinho do aa havia me apontado a tolice dessa manobra, mas eu voltei para casa ileso, depois de presenciar os naufrágios da madrugada que rondam os cassinos. Mas, se a necessidade de tais atos heroicos minguou ao longo dos anos que se seguiram, eu ainda ficava horrorizada com a ideia de as pessoas descobrirem que eu era uma alcoólatra. E, de alguma forma, eu acreditava que as pessoas que bebem socialmente têm acesso a um clube particular de maravilhas inacreditáveis, livre de riscos, do qual eu tinha sido banida para sempre.

Esse é um mito perigoso para um alcoólatra, apesar de eu supor que todos tenham alguma versão dele, como a velha visão de Gatsby, que acha sempre mais encantadora a luz que atravessa as janelas quando vista da rua. É a equação normal do anseio. E, Deus, como ansiei! Pelo bourbon, pela vida de anúncio de revista que vinha com ele, pelo bálsamo dourado e eternamente ilusório que atçou as brasas do vício desde o início. Uma noite, tive de ir a um jantar chique, a epítome dessas imagens: a casa elegante, o bar dentro da biblioteca, a aparentemente interessantíssima conversa, o fluxo constante de vinho. Eu era a única que não bebia e, depois de consumir grandes quantidades de Perrier, entrei no carro à meia-noite e entreguei os pontos. Debulhei-me em lágrimas, liguei para um amigo que era dj nas madrugadas e estava sempre acordado até tarde. “Aquelas pessoas não têm importância”, ele me disse. “Você é mais forte e melhor do que todas elas.” Esse era o mesmo homem que, com carinho e paciência, tinha me ouvido um ano antes, quando eu pensava como seria a vida sem álcool. “Tenho medo de que, se parar de beber, torne-me enfadonha, ansiosa o tempo todo, chata”, disse a ele. “Bom, pode ser que seja”, ele devolveu de forma direta. “A única coisa que você pode ter certeza é de que estará bem menos bêbada.”

Depois de um tempo, bem menos bêbada era o que eu queria ser. Aprendi a navegar o terreno social encharcado de álcool e algumas vezes a evitá-lo por completo; o que já tinha me parecido uma vida charmosa se tornou menos invejável ao longo do tempo, até mesmo estranha. Eu soube que algo de fundamental havia mudado, quando numa noite, no centro de Boston, eu fazia parte do grupo de recepção de uma pessoa importante que nos visitava. O encontro foi no Ritz-Carlton, e as outras pessoas – todos homens – pediram vodcas polonesas e uísques duplos. Eu ri para o garçom. “Quais marcas de água mineral você tem?”, perguntei, e, depois de ele anotar o pedido, a pessoa importante me olhou com escárnio. “Você não bebe?”,

ele disse. “Que entediante.”

“Não, para mim não é”, respondi de imediato. Em vez de me sentir exposta como uma mulher frágil com a água tônica, fiquei espantada com a grosseria daquele homem. Eu havia parado de me preocupar com o que ele, ou talvez qualquer pessoa, pensava.

Quando Caroline e eu nos tornamos amigas, cada uma de nós estava bem longe dos corredores de isolamento que acompanham a bebida alcoólica. Ela estava sóbria havia dois anos e tentava manter o seu ritmo, especialmente por causa da recepção que *Drinking: a love story* havia tido. Parte dessa publicidade era tão absurda quanto exaustiva: uma equipe de reportagem de tv tentou marcar uma entrevista em um bar, e perguntou se ela não poderia chorar para a câmera. Eu já tinha mais de uma década de reuniões e de sobriedade nas costas – nós duas paramos de beber aos trinta e três anos –, e podia me lembrar bem desses primeiros e recém-nascidos esforços que reorientam uma vida. Mas, enquanto Caroline havia se protegido ao ir a público, eu escolhi o caminho oposto; as únicas pessoas que sabiam de tudo o que eu havia passado eram meus amigos mais próximos e minha família. Porque nunca quis que a candura de Caroline ditasse as minhas revelações, esperei meses de nossa amizade até contar a ela. Em uma tarde de outono, eu estava sentada em sua sala e disse: “Há algo que preciso contar a você”, e ela me pareceu apreensiva. “O que eu fiz de errado?” Sorri por causa de sua preocupação e disse: “Não deve ser nenhuma surpresa para você, mas não bebo faz doze anos”.

A expressão em seu rosto era de alívio e de surpresa, um sorriso que demonstrava estar impressionada com a nossa conexão. Meses depois, estávamos falando sobre a noite em que nos encontramos pela primeira vez, quando fomos empurradas uma para a outra em uma festa. Sem que ela soubesse, eu já estava sóbria havia alguns anos nessa época. “Lembro como você era tímida”, eu disse. Ela riu ao pensar como se lembrava de mim, apesar de eu ter uma água tônica nas mãos naquela hora. “Pensei”, ela me disse, “que ali estava uma mulher que provavelmente podia beber quanto quisesse e se sair bem disso.”

As primeiras impressões enganam, como se vê; essa foi uma das poucas vezes em que o instinto de Caroline a deixou na mão. Se nosso passado individual com o álcool era similar, a mais complexa e duradoura verdade que partilhávamos era sobre a capacidade de mudança – a crença de que a vida é dura, de que as piores batalhas são travadas solitariamente, de que era possível atravessar o medo e sair ferida, mas ainda assim respirando. Essa era uma versão melancólica da esperança, mas uma versão estudada, e nós a usávamos sempre que éramos confrontadas com dificuldades reais ou com pequenas chateações da vida.

Caroline batalhou para sair de uma anorexia com vinte e muitos anos; eu havia me arrastado e depois mancado para me tratar de uma paralisia infantil. Essa longa escalada me tornou determinada e teimosa, traços essenciais para alcançar a sobriedade. Como Caroline e eu reconhecemos uma na outra esse modo de sobrevivência, demos uma à outra um porto seguro – era muito mais fácil, aprendemos com os anos, ser gentil com os outros do que consigo mesma. Quando Caroline insistiu que queria andar com Lucille seis quilômetros, assegurei a ela que três eram suficientes; quando eu insisti em tentar levar um desajeitado barco de quinze quilos em cima de minha cabeça para descer uma rampa, ela foi até a garagem de barcos para me ajudar a carregá-lo. Batizamos o cruel feitor interno que cada uma de nós tinha de nosso “fuzileiro interno”, e isso diminuía o incômodo quando eu perdia no rio ou quando ela ficava pelo caminho na piscina. Inventamos a personagem “Sarah Tonina” para personificar nosso “eu” dramático. Uma dava à outra permissão para reduzir as próprias exigências – eu ligava para ela da garagem de barcos quando o vento estava forte, e ela me convencia a não remar. A amplitude disso chegava até as nossas dúvidas a respeito da vida que tínhamos escolhido, a nossa ambivalência partilhada por sermos pessoas introvertidas de humor instável que, muitas vezes, preferiam a companhia de cachorros. Uma noite em que Caroline fazia chá em sua cozinha, ela se sentiu inundada de um sentimento de bem-estar. Relatou isso na manhã seguinte com uma espécie de deleite confessional. “Meu Deus, sou a reclusa feliz!”, disse ter dito em voz alta. “E Gail é a depressiva alegre!”

Como de costume, Caroline escreveu uma coluna a partir da epifania daquela noite – a alegre reclusa se tornou uma personagem de seus próprios medos em sua crônica impressa. “Já escrevi sobre isso?”, ela perguntaria no meio de uma conversa engraçada ou profunda, já que seu narrador onisciente estava sempre presente em busca de material. Como a maior parte dos amigos de escritores, eu achava esse escrutínio duplo por vezes lisonjeiro, divertido ou irritante, apesar de Caroline se esforçar muito para preservar a privacidade das pessoas que retratava. Uma das piores brigas que tivemos aconteceu depois que ela me emprestou seu barco para eu remar em uma manhã de outubro. Ao tirar o remo do frio e lúgubre rio Charles, eu perdi o equilíbrio e o assento do barco saiu dos trilhos e caiu no rio.

Fiquei de coração apertado por causa de minha trapalhada, e Caroline teve de me convencer a não mergulhar no rio imundo para procurar pelo banco. “Não é como se você tivesse perdido *Lucille*”, ela me consolou, mas ainda estava chateada e demorou dias até que nós duas estivéssemos recuperadas. Ela estava aborrecida porque eu havia deixado o barco fora de combate por algumas semanas; eu estava chateada porque ela estava chateada. Quando escreveu sobre essa tempestade – um ensaio sobre intimidade e conflito para uma revista feminina –, ela transformou o objeto perdido em brincos de ouro. Agora, era eu

quem estava chateada, apesar de ser impossível alguém me confundir com uma pessoa que pega brincos emprestados. Eu estava irritada porque pensei que, ao tentar ampliar o público do artigo, ela havia desprezado as nossas ferramentas. Nós não emprestavamos joias; tirávamos joias ou parávamos de vez de usá-las. Mestres no nosso universo, éramos como um país pequeno e independente.

Para mim, o território havia sido conquistado com dificuldade, e isso era uma das razões para protegê-lo tanto. Sendo a filha mais nova de um patriarca afetuoso do Texas, adorava meu pai e, na dança edípica clássica, tentei encontrar um parceiro romântico que estivesse à altura dele. Talvez tais esforços carregassem sempre um quê de destruição iminente; como uma revolucionária que buscava tanto imitar quanto desafiar seu pai, eu estava fadada a alcançar resultados equivocados. Caroline também se sentia em dívida com a presença imponente de seu pai psicanalista e havia sofrido nas relações com os homens. A exceção era Morelli, que, por causa da separação que estavam vivendo, eu não conheceria antes de mais de um ano de amizade. Na primavera em que *Pack of two* foi publicado, fizemos um lançamento do livro no meio do parque Fells. Olhei para cima e vi um homem de olhar manso, de gestos suaves, aproximar-se com uma câmera no ombro. Quando Lucille correu para perto dele, ele se ajoelhou para cumprimentá-la. “Ai, meu Deus, esse é o Morelli?”, perguntei, e Caroline balançou a cabeça com um sorriso familiar – que podia ser traduzido por “O que você acha?”. “Acho que você deveria se casar com ele”, eu disse, “e deixá-lo criar seus filhos.”

Minha observação meio desastrada tinha muito de verdade, e era menos atrevida do que parecia. Caroline escreveu sobre Morelli por anos em suas colunas e em sua autobiografia; mesmo durante o falso término do namoro deles, permaneceram muito próximos, de um modo que a maioria dos ex-namorados não poderia ou não desejaria ficar. Dado o histórico dela com homens, eu já sabia que a generosidade e os cuidados de Morelli sustentavam e ao mesmo tempo confundiam Caroline. Mas eu também soube que, pela forma como Lucille reagiu, e ele reagiu conosco, Morelli era diferente dos homens com quem Caroline havia se envolvido, particularmente o horrroso personagem Julian, o amante controlador que ela retratou em *Drinking*. Costumávamos rir de alívio das armadilhas que tínhamos evitado; em um incidente típico de nossa vida paralela, aconteceu de termos até fugido do mesmo homem anos antes. Quando esse sujeito começou a descrever os crepúsculos que planejava me mostrar, revirei os olhos e terminei o nosso encontro; Caroline saiu com ele depois, naquele mesmo ano. Ele acabou levando-o para passear pela cidade à custa dela. Nossa diferença de idade, para além das circunstâncias, colocou-nos em pontos diferentes da mesma estrada. Logo depois da morte dos pais e depois de parar de beber, Caroline estava no começo de um reinado completamente novo de autoconfiança; como eu, ela descobriu que uma cachorra havia despertado nela

a capacidade de carinho e de tomar conta dos outros como jamais havia imaginado. De alguma forma, a própria gentileza e a capacidade de permanência de Morelli entraram nessas descobertas – suspeito que ela precisasse que ele soubesse de perto por um tempo, mas não para muito longe, e foi o que ele fez.

Quando eu estava prestes a deixar Sam, minha versão de Julian de Caroline, ele me olhou do outro lado da mesa de jantar, demonstrou seu drama pessoal de derrota e me disse: “Sabe, algumas vezes a sua luz é um pouco brilhante demais”. Isso era uma modificação charmosa do velho chavão “não é você, sou eu”, e demorei meses, depois de nosso rompimento, para separar minhas necessidades de suas tristezas finamente escritas. O movimento feminista me ajudou em todos os tipos de dificuldades, e ainda assim, para meu desgosto, eu trouxe poucos desses recursos para essa relação. As farpas do meu mito da heroína perdida eram parte do problema: jogando com a temática de gênero ao longo da história, confundi necessidade com amor e amor com sacrifício. Encontrar o meu caminho para fora dessa enorme fenda, até o terreno sólido de minha vida tranquila, foi tão libertador e cheio de esperança quanto parar de beber havia sido cinco anos antes. Visto pelo lado de fora, isso pode parecer um declínio ou pelo menos um recuo: desde que me separei de Sam, abri mão de jantares arrumados em restaurantes (e de todos os truques ao modo de Sísifo para estar sempre divina) para passar noites em casa com a cachorra; agora me preocupava com o trabalho, com as amigas e com a criatura branca na minha sala de estar, e nenhum desses bens era mais passível de ser negociado.

Essas lições de vida – sobre graciosidade e autonomia, sobre como amar sem entregar todo o jogo – ficaram cristalizadas para mim na floresta com Caroline e as cachorras. Se nós duas tivemos a confiança abalada por péssimos relacionamentos, ela estava sendo refeita ali, com ferramentas que não tínhamos muita consciência de possuir. Para nós, o treinamento das cachorras era uma experiência tão recompensadora que dividíamos, que o aprendizado perpassava toda a amizade. Muito do treinamento de um cachorro é instintivo; também é um esforço complexo de paciência, observação e respeito mútuo. Caroline e eu podíamos passar horas discutindo sobre condicionamento e complexidades da afeição; só duas mulheres que passaram anos sob as luzes reveladoras da terapia poderiam ter visto tanto assunto, por exemplo, no uso equivocado da palavra “não” na comunicação canina. Nós incentivamos uma à outra por quilômetros e meses de treinamento e interpretação; o que fora um prazer privado para cada uma de nós, agora era um diálogo em andamento.

Uma instrução menos consciente estava ocorrendo paralelamente à verbalizada. A mulher em quem estava me transformando, com Clementine ao

meu lado, apareceu em parte porque eu tinha algo a proteger. Agora, eu entendia como uma mulher podia erguer um Volkswagen estacionado sobre o pé de seu filho, ou tantas outras histórias cheias de adrenalina de nossa cultura que tratam de energia e amor. Estava aprendendo que carinho e força separados eram menos valiosos que juntos.

Cheguei a essa verdade durante uma época difícil na vida de Clementine, em que tentava fazê-la se submeter ao que se chama de *alpha roll* – uma prática questionável, indicada para filhotes pouco obedientes, em que o humano rola o filhote até ele ficar de barriga para cima e o mantém nessa posição até que pare de se debater. A maior parte dos filhotes se rende com uma ou duas tentativas; Clementine, cujo temperamento era ao mesmo tempo dominante e gentil, não aceitava de modo algum. Eu a colocava de barriga para cima e ela lutava incessantemente; depois de solta, pulava e latia em protesto. Sempre consciente da necessidade de estabelecer minha autoridade, eu tentava de novo. Na terceira vez, no meio da batalha, tive uma visão mais distanciada do que estava fazendo. Agachada ali no chão, visualizei-me como meu pai, confuso e irritado com a adolescência de suas filhas. Ele não podia nos impedir de crescer e ganhar o mundo, então berrava e ameaçava, além de tentar nos fazer voltar atrás, o que só piorava as coisas.

Minha mãe me perguntou, certa vez, depois que eu já havia crescido, o que meu pai poderia ter feito de diferente que não fosse enfrentar a rebeldia diretamente. “Eu só queria que ele me dissesse o tanto que me amava”, respondi. “Querida que ele tivesse simplesmente dito: ‘Você é valiosa para mim; não vou deixar que se exponha a perigos.’” Essa conversa me fez voltar a um momento melancólico enquanto estava com o meu pequeno e impossível cão de trenó no chão. Será que era realmente necessário convencer Clementine de que era eu quem mandava? Eu era dez vezes maior que ela; tinha a linguagem, a consciência e a história a meu favor – a minha espécie tem domesticado a dela por milhares de anos. Eu estava brincando de sargentão quando não havia necessidade de nenhum exército.

Minha programação sumiu nesse instante, e a personalidade florescente de Clementine recebeu o espaço de que precisava. Soltei-a e a coloquei em meu ombro, ela se largou em cima de mim como uma criança sendo levada para casa depois de um dia no parque. Daquele momento em diante, tudo mudou entre nós. Onde quer que eu dançasse, ela me seguia.

Contei essa história para Caroline em uma tarde no parque, quando estávamos andando nas trilhas corta-fogo durante o outono. Falávamos naquele dia sobre a vida real em oposição à imagem que se faz dela: os pressupostos que temos e as projeções que fazemos a respeito da vida dos outros. Nós duas havíamos aguentado as reclamações de nossos amigos sem cachorros sobre o nosso desaparecimento nos bosques, mas o que nossos críticos não podiam ver

eram os gloriosos recantos desse novo lugar: as cores, os aromas e os toques sublimes que esses passeios garantiam. Caroline, que muitas vezes era prisioneira de sua própria timidez, agora rolava no chão da floresta, ria e lutava com as cachorras sem um pingo de inibição. Eu treinava Clementine a andar sem guia, usava sinais com as mãos para que ela obedecesse à ordem de deita-fica a dez metros de distância, e ela começava a gemer depois de alguns segundos. Então, desobedecia à ordem de ficar e saía correndo em minha direção. Nós éramos uma gangue de quatro, que colocava bandeiras por todo o terreno de nossa vida reorganizada. Muito do que valorizávamos estava em jogo naquela floresta, no que construíamos com as cachorras e uma com a outra. No fim desse dia, olhei para Caroline e disse: “Sabe, depois disso tudo, não acho que algum homem possa me maltratar novamente”.

Para pessoas que tiveram a vida repleta de generosidade dos outros, o afeto em si é algo complexo, mas presumido. Para os introvertidos, é um território nebuloso. Eu era capaz de ser efusiva e afetuosa em minhas relações porque sabia quando e como terminariam: no fim do dia, no fim da festa, no fim da caminhada, no fim do namoro. Na época em que bebia, o bourbon era minha alma gêmea me esperando no caminho, o objeto fixo de amor que me fazia evitar ou dispensar os outros. Mas muros, construídos por tijolos ou isolamento, não se desmoronam sem uma quantidade igual de trabalho. Sem nem sequer sabê-lo, acho que Caroline e eu nos levamos para a luz. Nós fizemos isso lentamente, e com atenção tão clara à autonomia da outra que nenhuma de nós precisou se mover nem um centímetro para longe.

Hoje, penso nas pequenas quantidades de confiança ganhas nesse primeiro ano de amizade, no modo como passamos da cautela mútua para a tranquilidade inseparável e muito no que agora parece uma troca cuidadosa e até mesmo silenciosa. Eu conhecia o histórico de Caroline com a anorexia e, em nossas longas discussões na floresta, eu pegava dois biscoitos de meu bolso e os entregava a Caroline de modo decisivo, sem nem olhar para ela. Devo ter percebido, inconscientemente, que ela era educada demais para recusar; nós duas éramos um pouco magras, e a minha oferta, para uma mente anoréxica, era quase nada ameaçadora. Então, comecei a adicionar pequenos pedaços de chocolate ao lanchinho.

O prazer primordial e mútuo desse ato mexe comigo agora, apesar de não poder verbalizá-lo ou mesmo reconhecê-lo naquela época. Depois de anos de luta com uma voz interna de negação e controle, Caroline estava deixando que eu a alimentasse – relutante em um primeiro momento e depois com algum alívio. E eu, que por tanto tempo tive receio de que alguém precisasse de mim, catava nozes e frutinhas por aí e as entregava para a criatura que amava.

Contar sempre uma com a outra se tornou automático. Quando achava um

casaco que queria no Texas, comprava dois, porque era mais fácil do que ver a decepção no rosto de Caroline quando eu voltava para casa com um só. Quando ela saía da garagem de barcos em um dia de ventania, passava-me seu itinerário com antecedência. Isso a tranquilizava, caso o pior acontecesse, o barco virasse e ela fosse atingida na cabeça por um pedaço de madeira e deixasse Lucille abandonada em casa. Eu ainda tenho as chaves da casa dela, para fechaduras e portas que não mais existem, e as mantenho no meu porta-luvas, vindas de um carro para outro ao longo dos últimos anos. Algum dia, vou jogá-las no rio Charles, onde perdi o banco do barco de Caroline e tantas outras coisas.

“O que você está fazendo?” Eu dizia no começo da tarde, quando ligava para ela depois de horas de escrita e antes de horas de caminhada. “Esperando a sua ligação”, ela respondia, meio de brincadeira. E nós começávamos: os jornais matutinos (dois de cada), a contabilidade do remo e da natação (oito quilômetros sobre a água, mil e quinhentos metros dentro dela), a crônica de vinte e quatro horas de dramas e chateações que compõem um dia. Quando chegávamos ao lago, depois do telefonema e antes do crepúsculo, Caroline segurava meu braço e dizia: “Então...?”, enquanto dávamos a volta no reservatório e começávamos mais uma frase de uma conversa infinita. De acordo com o velho livro de regras, os homens têm os esportes, e as mulheres a fala; Caroline e eu cultivávamos os dois, descobrindo que os quilômetros percorridos no rio ou em terra melhoravam o terreno interno coberto por nós. Ainda assim, acho que escrever sobre uma amizade que floresceu no reino da conexão e da rotina é como tentar segurar o ar com as mãos. A cotidianidade de nossa aliança era silenciosa e essencial: éramos a treliça que criou espaço para a rosa.

Se compatibilidade for em parte sorte, em parte dedicação, nosso entusiasmo foi posto à prova pelas viagens de verão que fizemos, tanto juntas como separadas. Algumas dessas férias acabaram se transformando em missões de resgate. Caroline aliviou as semanas deprimentes e chuvosas que passei em Truro quando apareceu com uma fita de *Os Sopranos* e um pudim de pão especial da Formaggio. Eu retribuí o favor um mês depois, quando ela e Morelli ficaram ilhados durante um temporal em New Hampshire, enviando-lhes uma fita de *Survivor* – o prazer secreto de Caroline – por Sedex. Houve um ano em que ela e Tom chegaram a Chocorua um pouco antes de mim. Eu estava em Cambridge quando Caroline me ligou implorando para que eu chegasse um dia antes. “Você tem de vir logo”, sussurrou ela. “Ele me fez caminhar dezesesseis quilômetros hoje. Eu mal posso me mover.”

Que Deus proíba Tom de conhecer as limitações de Caroline. Ela quase o imobilizou fazendo queda de braço no ano anterior. Eu era uma companhia mais fácil, ao menos quanto a fazer trilhas nas montanhas; aprendemos também que podíamos existir de modo paralelo, caminhando por espaços silenciosos. No começo de nossa amizade, tínhamos ido à casa de sua família em Gay Head, na ilha Martha’s Vineyard, no fim de março. A paisagem naquela ponta da ilha é selvagem mesmo no alto verão; no começo da primavera, o lugar era frio e desolador. Foi uma viagem difícil. Havia novas colônias de carrapatos nos pântanos ao redor da casa, e as cachorras voltavam do passeio pelo capim como se tivessem sido salpicados com sementes de papoula. Caroline e eu nos enfiávamos dentro de moletons e, armadas com escovas e álcool, sentávamos no chão sob a luz minguante para retirar dúzias de carrapatos dos pelos das cachorras. Eu fiquei tão irritada por ter de ficar dentro de casa que, depois de dois dias de chuva, dirigi quase quarenta quilômetros para nadar na piscina de um hotel do outro lado da ilha; enquanto eu estava fora, Caroline passou a maior parte do tempo falando com Morelli pelo telefone, já que ficou ansiosa com as lembranças que a casa lhe despertou. Quando, afinal, fechamos a casa e rumamos para Vineyard Haven para pegar a balsa, estávamos ambas exaustas e muito além de demonstrar bom humor. Uma hora antes da partida, colocamos o carro na enorme fila para entrar na balsa, algo que fazia parte do dia a dia de Vineyard, e saímos com os cachorros para passear pelo estacionamento.

No calçadão, ao longo do caminho, identifiquei certa silhueta que me deixou com o coração na boca. Um homem estava sentado num banco lendo o *The New York Times*, e eu estava convencida de que era Sam, namorado com quem eu havia rompido cinco anos antes – cujas cartas eu jamais respondi, e a quem eu não via desde o dia em que o abandonei num aeroporto de outra cidade. “Caroline, meu

Deus”, eu disse, “é o Sam.” Ela sabia tudo sobre essa antiga ferida, inclusive o fato de que ele passava muito tempo em Vineyard. Com apenas um olhar, ela percebeu como me entristecia a perspectiva de encontrá-lo.

“Segure as cachorras”, ela disse abruptamente, dando-me a coleira de Lucille. “Fique calma. Eu sei o que fazer.” Ela se moveu rápido demais para que eu tivesse tempo de reagir, e por isso fiquei parada enquanto ela caminhava rumo ao homem sentado no banco. Ela parou uns nove metros à sua direita, e então gritou o seu nome – sorrindo e acenando para uma pessoa não existente para além dele. Ela estava fazendo isso a partir da suposição de que, se o homem fosse Sam, nós o descobriríamos imediatamente, porque ele se faria reconhecer; se eu estivesse enganada e ele a ignorasse, nós não teríamos de perder as próximas duas horas nos esquivando de fantasmas do passado.

O homem mal olhou ao redor antes de voltar à leitura. Mas o restante das pessoas – bem, Caroline estava gritando e acenando sem que ninguém lhe acenasse de volta, e ela tinha uma plateia de cerca de sessenta pessoas olhando em sua direção. Ela era uma mulher tão tímida que mal tolerava qualquer tipo de holofote. Mas, a essa altura, eu já estava com a barriga doendo de tanto rir, porque Caroline estava fazendo papel de boba em público somente para me tranquilizar. Eu nunca a havia amado tanto quanto naquele momento. Ela veio marchando até onde eu estava, orgulhosa de sua travessura e feliz por me ver sorrindo. “Aquele homem deve ter cem anos”, ela disse, dando de ombros. Apoderou-se da correia de Lucille e acendeu um cigarro.

Aqueles cigarros. Bem que eu gostaria de deixá-los fora dessa história, mas não posso. Na viagem à ilha, eu tinha aprendido a conceder a Caroline o tempo de que ela precisava, todos os dias, para fazer as palavras cruzadas do *The New York Times* – situação para a qual, à medida que a semana progredia e as charadas ficavam mais difíceis, ela necessitava de silêncio absoluto. Se você lhe atrapalhasse o foco, ela lhe lançaria um olhar de desdém capaz de interromper um pastor em suas pregações. Minhas regras de companheirismo eram igualmente exigentes. Ela conseguia sobreviver a uma viagem de três horas de carro comigo apenas mascando chicletes de nicotina; isso era uma prova de nosso afeto mútuo – eu compreendia o vício dela e ela tolerava a minha aversão ao cigarro. Eu havia parado de fumar quatro anos antes, embora tivesse tentado por um bom tempo largar o vício até conseguir, e sabia que querer abandonar o cigarro seria bem mais eficaz do que quaisquer ameaças ou táticas de intimidação.

Essa equanimidade não reinava sempre; quanto mais íntimas ficávamos, menos eu conseguia tolerar o vício de Caroline. Certo dia, ao telefone, comecei

a gritar com ela depois de pressioná-la a parar de fumar, e ela pediu que eu parasse de enchê-la, mas não consegui. Então, disse algo que até hoje é doloroso lembrar: “Você é oito anos mais jovem que eu”, gritei. “Não quero ter de enterrar você.”

Eu não estava sozinha em minha preocupação. A mãe de Caroline, antes de morrer, implorava para que ela parasse de fumar, e Caroline me disse mais de uma vez que sua mãe não seria páreo para a aliança entre mim e sua irmã, Becca – com a nossa pressão, ela sabia que teria de parar. Mas Caroline adorava fumar, tanto quanto meu pai adorava, com o seu hábito de três maços por dia que durou décadas. Eu cresci com o cheiro de seu café e de seus Camels, que criavam uma sensação de segurança, e sabia que essa ligação podia ser um emaranhado de veneno e desejo. Grande parte dos vícios, incluído o de Caroline, é complexa e previsível. Nossas mentes, eternas cúmplices, criam uma narrativa para o desejo: o cigarro, ou o bourbon, ou a relação obsessiva se tornam a corda guia, o modo como pilotamos o dia. Caroline achava que não podia escrever sem cigarro, que não suportaria uma noite ou uma hora sequer nas vastas cavernas de um mundo sem tabaco. Ela tentou chiclete de nicotina e até olhar para fotos de pulmões de fumantes; pesquisou clínicas de tratamento para o vício de nicotina. E, finalmente, conseguiu parar por conta própria, antes que tivesse de tomar outro tipo de atitude.

Isso não era uma fonte de problemas entre nós, mas de sofrimento mútuo. Se Caroline e eu dividimos alguns dos momentos mais idílicos de nossa vida, o âmago de nossa amizade veio de travessias bem mais difíceis que encaramos juntas. Naquela primeira tarde de inverno nos campos desportivos de Harvard, quando eu disse “Ah, não, eu preciso de você”, foram disparados a senha de acesso e o sinal de alerta – o dogma de dependência que configura a trama de uma amizade. Precisávamos uma da outra para podermos usufruir juntas dos infundáveis dias pelas florestas e pelas águas calmas, mas a necessidade real era soldada pelos momentos mais tristes e mais duros – discórdia, desamparo, medo – que ousávamos expor uma à outra.

Precisei de anos para entender que a aspereza e o desconforto são sinais de intimidade na relação, e não o contrário. Aprendemos a lutar bem e corretamente desde o início: quando Tom testemunhou uma de nossas brigas, logo abraçou seu livro e se mandou pela escada. “Eu cresci com irmãs”, ele disse, enquanto se retirava. “Eu sei onde isso vai parar.” Tínhamos um grande poder de machucar uma à outra e, porque reconhecíamos essa arma, tentávamos nunca recorrer a ela. Além do cigarro, eu não sei se algum dia brigamos por algo importante. Éramos ambas capazes de ser arrogantes, irascíveis e excessivamente sensíveis, mas perdoávamos esses traços quase imediatamente e sem muito esforço.

Nossa confiança mútua era como um atalho, que nos permitia chegar ao

ponto rapidamente. Caroline sabia que no momento em que eu me dirigia ao meu cantinho da melancolia, esse ato podia se manifestar de maneira tanto cômica como tratável. Durante anos, uma adorável jovem da Guatemala limpava a minha casa a cada duas semanas. Ela adorava Clementine e, com frequência, dizia: “Ah, dia desses levo essa cachorra comigo!”. Uma tarde, depois que Lilian havia saído, num momento em que me sentia atacada pelas pequenas trapaças da vida, cismei que ela falava a sério. Numa explosão de angústia maternal, liguei para Caroline, que conhecia Lilian e seu alma doce e provocadora. “Você acha que ela quis dizer isso?”, perguntei. “Quero dizer, você acha que ela poderia levar realmente Clementine?” Caroline foi gentil naquele dia – nem sequer riu ou debochou –, mas, a partir de então, durante anos, sempre que eu disparava contra o mundo e as suas potenciais perversões, tudo o que Caroline fazia para que eu retornasse à realidade era dizer, com calma diagnóstico, “Parece que Lilian está roubando a cachorra novamente”.

Esses eram os dramas do dia a dia que confessávamos uma à outra, e ter alguém a quem contá-los já ajudava muito. Caroline se aborrecia com um jantar trivial; ela era tão tímida que ficava apreensiva durante dias. Eu lhe dizia para aparecer e ir embora cedo; ela conseguia ficar por onze minutos. Ela me apressava quando eu agia devagar demais, e eu a consolava quando sua hipereficiência lhe causava problemas, como no dia em que forçou o caminho dentro de um estacionamento e quase arrancou o suporte de barcos na capota do carro. Nós dividíamos o mundo em habilidades distintas: eu era boa com computadores e com tarefas veterinárias; Caroline se encarregava dos reparos domésticos e de tudo o que exigisse força física. Tratando-se de problemas da alma e da psique, cada uma sabia como cuidar da outra. Mas o limite de tolerância de Caroline era maior que o meu, assim como as suas habilidades diplomáticas.

Secretamente, e não totalmente de brincadeira, acreditávamos que todas as pessoas podiam ser associadas a raças caninas. “Santo Deus, se ele não for um poodle cor de damasco...”, Caroline dizia de alguém vaidoso ou, em voz baixa, sobre uma mulher que zurrava: “Beagle”. Certa tarde, Morelli nos ouviu falando essas coisas durante uma caminhada e parou de repente; ele passou do divertimento à incredulidade: “Vocês duas não estão falando sério, estão?”. Essa taxonomia se tornou um código para a personalidade humana e, sempre que alguém entrava em nossos radares, a inevitável pergunta era: qual é a sua raça? Gostávamos de pensar em Morelli como um labrador cor de chocolate (grande coração, senso de humor), e eu insistia que Caroline era uma collie (esperta, tensa, leal), mas durante anos ponderamos acerca de minha própria raça. Certo dia, no começo de uma caminhada, ela declarou ter concluído sua pesquisa.

“Eu decidi qual é a sua raça”, disse, com uma certeza seca. Engoli em seco;

aquilo era uma coisa importante. Ele fez uma pausa antes de me dar o veredicto: “Uma jovem fêmea de pastor- -alemão”.

“Mas...” Eu estava confusa e um pouco desconcertada. “Quer dizer, eles são, de fato, cães incríveis”, eu disse, “e espertos e tudo o mais. Mas são tão sérios. E pastores – tão mandões – às vezes empurram outros cachorros no chão.”

Seu sorriso era sua resposta. “Bem, aí está por que eu fiz de você uma jovem fêmea”, ela disse. “Para atenuar um pouquinho.”

A competição que alimentávamos, sozinhas e juntas, era antes um prazer do que um inconveniente: trazíamos nossa rivalidade à luz e tentávamos amansá-la. Toda vez que eu nadava, escolhia uma raia próxima a um adversário inadvertido, de preferência um homem, mais rápido que eu; então, nos trinta minutos seguintes, dava as minhas braçadas, tentando alcançá-lo. A cada outubro, depois da regata internacional Head of the Charles, Caroline entrava na água sozinha e remava o percurso de quase cinco quilômetros, cronometrando a si mesma para ver como se saía em relação a sua categoria de idade e de peso. Correr era algo muito exasperante para ela, e ela não gostava de competir em público. Como eu, estabelecia uma média de ouro anônima e corria contra essa média.

Caroline sempre dizia que ela e sua irmã haviam navegado por territórios compartilhados dividindo suas virtudes. “Becca era boa em matemática e em ciências, eu em inglês e em história”, gostava de dizer. E nós fazíamos algo similar com nossos currículos de escritoras: ressaltávamos nossa competitividade no domínio mais seguro dos esportes, o que permitia que nos apoiássemos em termos profissionais. Segundo uma regra tácita, Caroline era colunista, e eu crítica; ela escrevia sobre o pessoal e o psicológico, enquanto eu reivindicava o domínio da análise e da interpretação. O fato de eu ser mais velha ajudava, e também porque ambas adorávamos nossos trabalhos e havíamos sido igualmente recompensadas. Éramos boas o suficiente no que fazíamos para poder aplaudir, quase sempre com segurança, as vitórias da outra.

Quando uma de nós era claramente superior, isso atenuava as diferenças e a pressão. Você *sempre* será a melhor remadora, eu disse a ela, num certo verão, com alívio; isso significava que eu podia, de fato, relaxar e deixar que me treinasse. Remar era o Éden compartilhado que nos exigia muito esforço, não importava a corrida. A graça com que Caroline realizava suas proezas sobre a água testemunhava anos de trabalho, e ela se enchia de orgulho despudorado em relação a esse feito. Uma dívida em sua vida foi a manhã em que Harry Parker, o lendário remador e instrutor de equipe em Harvard, avistou Caroline no rio e lhe dirigiu um sinal de aprovação diante de seus oito amadores, depois pediu que ela lhes demonstrasse sua remada. No inverno, desolada pela longa estação que mantinha o rio congelado, Caroline se recolhia à academia, onde era conhecida por fazer abdominais com um peso de cinco quilos sobre o peito. Mais fraca, embora quase tão fanática quanto ela, eu quase me matei tentando fazer uma ponte (movimento de contorção com as costas) no chão da minha cozinha, simplesmente porque, naquela tarde, Caroline havia me mostrado esse exercício no caminho asfaltado de Fresh Pond. Na baixa temporada, eu me inscrevia na Academia do Gold, e, enquanto ouvia os ruídos primitivos que os levantadores de

peso faziam, eu aguentava meia hora nas máquinas de remo *indoor*. Ao andarmos pelas trilhas geladas de janeiro, fantasiávamos sobre possíveis esportes de inverno: seria tarde demais para aprendermos *luge*, aquela descida de trenó rápida? Quando a instável primavera da Nova Inglaterra chegava, já estávamos arranhando o chão feito cavalos desvairados. Sabíamos que podia ser frustrante, ou mesmo uma tolice, se nos lançássemos sobre as águas em março, um mês frio e de muito vento.

Um ano depois daquele primeiro verão em Chocorua, quando Caroline me introduziu na fascinante arte de remar, eu sabia que não existia algo como um dia ruim de remo. A promessa de entrar no rio, fosse em fevereiro ou em agosto, deu a nós um calendário no qual inscrevíamos a nossa paixão. Desde a minha primeira temporada na água, Caroline acalentou o meu fervor com um terno reconhecimento do que havia vivido nos anos anteriores. Se a água estivesse perfeita – cristalina e tranquila –, nós abandonávamos qualquer coisa (consultas dentárias, compromissos para jantar) para ir ao rio. Eu saía no fim da tarde, quando a vida selvagem havia se aquietado, a luz não era mais ofuscante e havia ganhado tons de um crepúsculo de Monet. Remava de volta ao cais sob uma luz dourada, e os outros remadores se moviam como vaga-lumes pela água.

Minha teimosia e a força de meus braços compensavam as minhas pernas fracas, e em poucas temporadas consegui uma remada aceitável. Eu fiquei mais forte, mais rápida e me sentia revigorada todos os dias. Eu saía sob rajadas de vento e chuva e retornava exaurida e calma. Caroline havia me advertido que minha relação com o rio mudaria inteiramente, e me aconselhou a dirigir com cautela – como o rio Charles se contorcia ao longo da Memorial Drive, era fácil se esquecer dos carros e se distrair observando a condição da água. “O rio vai se tornar um personagem em sua vida”, Caroline me dizia. “Você ficará surpresa com a influência que ele terá sobre o seu dia.”

No outono, eu já havia mapeado um mundo inteiro de fauna e flora, boa parte invisível a partir da terra. Eu comecei a ajustar o meu relógio interno de quilômetros remados pelos pontos de referência que encontrava. Havia o homem que tocava gaita de fole toda manhã em uma curva do rio – *The halls of Montezuma*, o hino oficial da Marinha, e, se eu estivesse com sorte, *Amazing Grace*, um hino cristão – e o rato silvestre, quatrocentos metros rio acima, tão confiável em suas aparições que parecia até querer me ajudar. (Havia também o exibicionista do bosque, menos decoroso, no fim do rio, que se mostrava para as remadoras, e sobre quem Caroline me havia advertido.) Existiam as curvas, a geografia do rio, o meu lugar dentro dele. Quando setembro chegava, os pequenos gansos da primavera estavam aprendendo a mergulhar sozinhos; os pântanos haviam passado do verde ao rosa-dourado. Tudo isso oferecia uma palheta de cores no tempo e no espaço em que a beleza estava ancorada na mudança.

Eu via Caroline frequentemente em seu caminho rio acima: o rabo de cavalo louro, as costas de uma dançarina, a remada tão fluida quanto precisa. (Ela nunca me via até que eu gritasse, e mesmo assim precisava apertar os olhos para me enxergar. Os óculos de que precisava e se recusava a usar jamais deixaram o porta-luvas de seu carro.) Algumas vezes nos encontrávamos em um trecho largo do rio, próximo à linha de chegada da regata Head of the Charles. Assim que ela alinhava os remos e parava, olhava o relógio, algumas vezes disfarçadamente; mesmo durante as remadas mais amistosas, ela cronometrava seu tempo. Depois, conferia a minha remada e me passava um exercício que me ocupava alguns dias. “Use os seus músculos abdominais para a recuperação”, dizia. “Pare de olhar para trás; não há ninguém lá. Use os seus polegares antes de arrancar!” Eu ficava excitada com a linguagem e com as instruções.

No verão de 2000, quando eu tinha quarenta e nove anos e Caroline estava para fazer quarenta e um, concluímos que te-riamos uma única chance de realizar um sonho: remar em dupla dentro de nossa faixa etária na Head of the Charles. Nós nos equivocamos quanto à idade-limite, que aceita qualquer dupla com média de idade acima de quarenta, mas a fantasia vingou e nos deu uma missão para a temporada. Era o tipo de objetivo que nós duas adorávamos, algo que podíamos debater interminavelmente enquanto encaixávamos em nossa rotina diária as exigências do treinamento. Porque caímos na divisão abaixo dos sessenta quilos, decidimos nos apresentar como as Literatas Peso Leve – assim poderíamos dar boas risadas no rio, pensamos, e talvez até arrumar algum patrocinador. Morelli, que há muito tempo queria que Caroline mostrasse suas habilidades numa corrida, mandou fazer camisas com um minúsculo remador sobre o peito; ele prometeu nos observar das pontes e nos fotografar durante as sessões de treinamento. Como remadora mais hábil, Caroline timoneava enquanto eu remava, o que significava que ela tinha de frear seu ritmo para ajustá-lo ao meu.

Esse obstáculo era irrelevante para ela, mas eu me importava muito. Incorporarei abdominais e levantamentos de perna ao meu treinamento, e comecei a tomar meu pulso depois das aceleradas na água. Eu dava a Caroline relatos de meus progressos: frequência de remadas, frequência cardíaca, avanços técnicos ou psicológicos. Ela tolerava a minha obstinação e me acalmava quando podia. “Eu tenho medo de desapontá-la”, eu disse um dia, com grande seriedade; com meu espírito de pastora-alemã engatilhado, eu já havia transformado um divertimento em um desafio de incríveis proporções.

“Eu só vou fazer isso com você se for divertido”, ela me disse, e minha antena levantou. “Divertimento” era um conceito nebuloso para ambas; sua terapeuta estava sempre tentando lhe impor tal ideia. Divertimento era algo bem mais difícil de assimilar do que entusiasmo. Mas, nesse dia, eu dei ouvidos a ela e tentei aplacar a minha fúria, até os meus rituais de treinamento se tornarem um

fim em si mesmos.

Naquele ano, nós perdemos a inscrição para a nossa divisão, que para iniciantes é decidida por sorteio. Acho que ficamos ambas aliviadas, por duas razões. Uma porque havíamos começado os treinamentos tarde e ainda não estávamos prontas para competir. A outra razão, mais reveladora, é que Caroline e eu éramos tão objetivas que gostaríamos de ter, para a temporada seguinte e para a próxima, um bom motivo no qual concentrar nossas esperanças e nosso foco. Em nossa aventura pelo rio Charles, como na maioria das odisséias, era mais importante o caminho do que a linha de chegada. A metáfora do remo talvez fosse do que mais gostávamos: a antecipação, os músculos exauridos e os quilômetros vencidos, a lua cheia de setembro. Uma vez que ambas tínhamos a característica singular – resistência – que faz de alguém um remador para a vida toda, nós decidimos que participaríamos da regata Head of the Charles juntas quando tivéssemos setenta anos, época em que a competição seria menor e nós teríamos boas chances na disputa. Essa fantasia nos alimentaria por mais dois invernos.

Depois que a regata de 2000 acabou, no final de outubro, nós pegamos um barco duplo para verificar como teria sido nossa performance. E foi um fiasco desde o início: o barco havia sido equipado para gigantes, o que significou que ficávamos parcialmente prostradas durante uma remada inteira; nós só percebemos esse contratempo mecânico depois que estávamos muito longe para fazermos ajustes. O vento aumentou, acompanhado de rajadas fortuitas que faziam pequenas fendas no rio. Então, a chuva começou – uma chuva fria de outono que nos atingiu por trás, ameaçando tanto nosso estado emocional como nossa firmeza com os remos. Caroline reagia a essas condições horríveis remando mais forte. Minha remada ficou cada vez mais irregular, até que Caroline me disse para parar de remar por completo; se o meu ritmo ficasse muito diferente do dela, ela estaria lutando contra mim. Frustrada pelo meu próprio desempenho, fiquei pasma com ela: quanto mais chovia e quanto mais forte era a corrente, mais firme ela seguia. Nós remamos o percurso inteiro, e comemoramos quando cruzamos a linha de chegada vazia. Estávamos encharcadas pela chuva e pelas ondas, mas dando risadas, exultantes de alegria com o nosso empenho. Eu me recostei no barco e deixei o *Brutita* nos levar para casa.

Naquele dezembro, uma nevasca me manteve isolada durante dias no Texas, para onde eu havia ido ver minha família durante as férias. Consegui pegar um voo que fez um desvio por Chicago antes de chegar a Massachusetts. Eu mantive contato por telefone com Caroline durante o martírio, e ela levou Clementine ao meu apartamento uma hora antes do horário de chegada de meu voo a Boston. Ao final de um dia de maratona de viagens, eu me afundei no banco de trás de um táxi no aeroporto Logan, e não queria nada além de minha própria casa e de minha poltrona. Queria, sim, fazer carinho no pescoço de Clementine e ouvir a voz de Caroline ao telefone. Lembro que pensei: “Refém do apego”, palavras que pareciam vir de lugar algum. Sair da cidade foi o que me mostrou e me fez recordar quanto eu dependia dessas duas criaturas para dar substância ao alicerce emocional da minha vida. Se naquele momento essa constatação me consolava mais que me entristecia, representava ainda assim um afastamento radical das minhas regras. Por mais leviana que Caroline tivesse sido, eu talvez tivesse agido pior – mais teimosa, mais defensivamente arrogante – quando os verdadeiros incômodos surgiam. Em momentos de crise, eu andava em círculos, mais temerosa de ser desapontada por alguém do que de seguir adiante sozinha.

Por razões que provavelmente têm a ver com meu próprio temperamento e com heranças familiares, eu passei a vida toda cultivando um pouco demais a minha independência. Absurdo ou louvável, muito desse comportamento era desnecessariamente severo. Quando tinha meus vinte anos, pegava carona para percorrer longos trajetos; durante anos eu ia nadar nos lagos Wellfleet depois do feriado do Dia do Trabalho, quando estavam desertos, até que uma tempestade violenta de início de outono me convenceu de que essa era uma má ideia. Tais proezas eram heroicas porque eram sofridas. Mesmo depois que parei de beber, jamais quis que a minha solidão me limitasse, e me comprometia com missões de trabalho que me levavam ao Wyoming, ou a Londres, ou a qualquer lugar onde eu jamais havia estado – temerosa ante a dificuldade de tais empreitadas, mas indo adiante porque eu achava que deveria suportar a dor e o isolamento para poder desfrutar a aventura.

Mas, à mesma medida que eu reclamava da minha solidão, eu também a exigia. Dava muito valor ao fato de estar livre de obrigações, de não ter de prestar contas a ninguém. Minha irmã, casada e contente a mais de mil quilômetros de distância, ria sempre que eu fantasiava a possibilidade de encontrar o homem certo para casar. “Eu não sei, Caldwell”, ela dizia, recorrendo ao nosso antigo hábito adolescente de usar nossos sobrenomes uma com a outra. “Acho que você não seria capaz disso. Somente se lhe dessem uma coleira bem longa.”

A verdade era que eu sempre havia fugido. Os homens com os quais não casei; as relações que havia abandonado ou nas quais havia entrado sem muita convicção – sempre houve saídas bem iluminadas, de acordo com as normas de construção em cada edifício que ajudei a levantar. “Vamos encarar isso”, me disse um dia um amigo, solteiro e em seus quarenta anos, referindo-se ao status de nossa vida não compartilhada. “Nenhum de nós chegou até aqui sem manobras bem trabalhadas.” Eu ri na hora, mas fiquei desconcertada pela esperteza do comentário, que era mais óbvio para ele do que para mim.

Depois que o táxi me deixou em meu apartamento naquela noite de inverno, eu abracei minha cachorra e liguei para a secretária eletrônica de Caroline, para ela saber que eu havia chegado. Já passava das oito da noite e eu realmente não esperava falar com ela. “Estou em casa, estou bem”, eu disse. “Não se preocupe em atender. Vou à loja – falo com você amanhã.”

Vinte minutos depois, eu estava enchendo o meu velho Volvo de compras quando um motorista descontrolado veio em alta velocidade pelo estacionamento e bateu na traseira de meu carro. A coisa aconteceu tão rapidamente que depois eu só conseguia lembrar de um vago movimento branco e de voar pelo ar. O Volvo recebeu o tiro por mim: o impacto de um carro no outro me lançou ao ar como uma bola de sinuca. Quando eu voltei a mim, estava com as mãos e os joelhos no chão, a alguns metros do lugar da colisão; meu queixo estava sangrando e eu falava palavras. Havia um grupo de pessoas ao meu redor. Alguém ligou para a emergência; uma voz sem corpo dizia me reconhecer e juntava o que havia restado das compras para levar para minha casa. Quando os médicos chegaram e me ataram a uma maca, eu comecei a discutir com eles por terem cortado o meu jeans e minhas botas Lucchese. Quando cheguei ao hospital, estava tonta pela adrenalina e contava piadas: aquele falso orgulho das trincheiras.

Eu fiquei uma hora sobre a maca esperando por um raio X; quando me liberaram, já eram onze da noite. Meus ferimentos não foram sérios – pontos no queixo, torções e contusões, mas nenhum osso quebrado –, mas eu gritei de dor quando tentei colocar peso sobre a minha perna. Assolada por emergências mais sérias, a equipe do hospital me deu uma bengala e chamou um táxi. Nas três horas em que eu estive lá, em nenhum momento me ocorreu a ideia de ligar para Caroline ou para outra pessoa pedindo ajuda, ainda que houvesse um telefone a um metro de distância de onde eu estava.

Quer dizer, quando a ideia me passou pela cabeça, eu a descartei com um defensivo sangue-frio empregado em situações de crise. Era um domingo à noite; eu sabia que Morelli estaria na casa de Caroline, passando a noite. Eu não queria acordá-los e sabia que, se eu ligasse, eles se sentiriam no dever de ir ao hospital. Satisfeita com minha autoconfiança, subi meio trôpega, meio engatinhando, as escadas para o meu apartamento.

Mas, quando cheguei em casa, e me dei conta de que era meia-noite e eu estava em minha sala, com Clementine cheirando o meu jeans manchado de sangue, eu desabei. Liguei para os meus pais no Texas, que esperavam que eu avisasse que havia chegado bem, e menti descaradamente. Ambos tinham mais de oitenta anos, meu pai estava no primeiro estágio de Alzheimer, e eu não vi necessidade de alarmá-los. Então, toda a minha coragem desmoronou e eu disquei o número de Caroline. Minha voz falhou quando ela atendeu. “Eu estou bem, eu estou bem”, repetia, em um insistente prefácio da história a fim de não assustá-la. Nós falamos ao telefone até ela me convencer a comer alguma coisa e ir para a cama.

Meu carro, um Volvo de dez anos, teve perda total. No dia seguinte, Caroline veio me buscar e nós dirigimos até o estacionamento da loja. Ela entrou no mercado para comprar algumas coisas básicas para mim enquanto eu tentava ligar o carro e pegar os documentos. Dez minutos depois, ela voltava para me encontrar, com os olhos vidrados, perto do lugar onde eu havia aterrissado; havia uma piscina de sangue seco no asfalto. Na volta para casa, ela estava desconcertantemente quieta, e desabafou: “Eu fico pensando que se tivesse apenas atendido o telefone na primeira vez em que você ligou”, disse, “isso nunca teria acontecido. Três minutos depois, e você não estaria no caminho daquele carro”.

Eu conhecia aquele diálogo interno de remorso. Era capcioso e imbatível. Caroline se afligia por ter falhado em evitar uma estúpida calamidade do destino e por ser de algum modo responsável – como se a sua tendência ao isolamento houvesse me posto em risco. Esse era o tipo de raciocínio que nós duas poderíamos ter, portanto eu disse o contrário: se ela *tivesse* atendido o telefone, insisti, talvez eu tivesse saído da loja na hora em que o carro passou e estivesse exatamente na linha de fogo.

Apesar da sofrida mensagem que esse incidente proporcionou, houve um momento inesquecível – muito tempo depois de as feridas curarem e de o carro ser substituído –, aquele sobre o qual falei com Caroline à tarde: o pensamento que tive enquanto estava suspensa no ar. O mundo tem cores fortes durante momentos de crise, e, uma década depois, ainda me lembro da imagem de meu corpo sendo levado pelo ar, o meu campo de visão meio metro acima do normal. Mas do que me lembro melhor foi o ataque à minha territorialidade, a indignação que senti enquanto remava pelo espaço. *Como ousa você?* – o corpo e a mente sentiram, em um furioso acordo. *Eu estou no meio da minha vida.* Eu me senti ultrajada, porque havia anos eu vinha trabalhando nesse enredo, e eu sabia que ele ainda não havia chegado ao fim.

Depois de ter morado na Costa Leste por uma década, tempo suficiente para examinar a realidade dos sonhos, eu dirigia pela Brattle Street certa noite de inverno, no começo de uma tempestade, quando a neve surfava pelas correntes de um leve vento e eu tive o pensamento dissonante de que poderia envelhecer ali – jamais havia pensado nisso antes, muito menos durante um inverno na Nova Inglaterra. Mas Cambridge me estendeu a mão desde o início. Eu amava as calçadas de tijolos e a serenidade autossuficiente que a cidade projetava: toda a sua formidável história se misturando às pereiras em flor e aos músicos de rua.

Durante anos, eu aventei a ideia de ter uma propriedade, como se fosse uma realidade alternativa de onde quer que eu esteja. Eu sonhava com um pequeno pedaço de terra em Truro, na então desolada parte final de Cape Cod. Eu imaginava uma pequena casa em Austin, onde eu pudesse passar os invernos, ou uma pequena casa de fazenda fora da cidade com espaço para um casal de cachorros. Quando a busca se tornou mais real, eu comeci a olhar casas em toda a Grande Boston. Fiquei exausta só com as possibilidades e sonhei com propriedades que não podia bancar. Eu era como uma loba circundando os limites de seu território, olhando para todos os lados, menos para o epicentro de minha vida.

O falso começo provavelmente espelhou a minha tendência à fuga e à nostalgia. Deixe o Texas e sinta saudade para sempre. Ame a sua família a três mil quilômetros de distância. Recuse-se a casar, depois passe a vida reclamando que não casou. Minha característica arraigada, que minha mãe chamava de “meditativa”, corria solta quando se tratava de imaginar o lugar a que eu supunha pertencer. Para deleite de meu coração, eu podia fantasiar mundos alternativos dentro do universo dos lugares que “poderiam ter sido”, em que os finais eram sempre mais felizes e os imóveis mais baratos. “Eu deveria ter ficado no norte do Texas, seria feliz casada com algum fazendeiro e teria cinco ou seis filhos”, certa vez eu disse ao meu terapeuta, que não gargalhou ante a declaração. “Eu acho que a palavra em questão aqui é ‘feliz’”, ele disse, pronto a destruir uma ilusão sempre que possível. Como complemento da piada, ele me enviou um mapa de uma cidade chamada Happy [Feliz], no Texas, um pequeno lugar de mais ou menos setecentas pessoas ao sul de Amarillo. Eu mantive o mapa de Happy em minha parede de trabalho por anos, para me lembrar dos Campos Eliseos que todos nós idealizamos.

“Cutuque uma fantasia e acharás um pesadelo.” Esse era um dos ditados favoritos de Caroline quando se referia a uma amiga em comum, uma mulher que havia buscado um sonho de vida fora do país e acabou ficando presa por lá e infeliz. O ditado, então, virou um código para todas aquelas vidas aparentemente perfeitas sendo vividas em algum lugar diferente, com melhores empregos, companheiros ou estados de alma. Sempre que eu dizia (no inverno, ou no

trânsito, ou num dia ruim): “Por que moramos aqui?”, Caroline respondia, imediatamente: “Fresh Pond e Starbucks”. Ainda não havia uma Starbucks em cada esquina do país naquela época, mas Caroline resumia o todo indizível: o poeta grosseiro na esquina, o rio sob o crepúsculo, ou a loja com o açougueiro que sabia o nosso nome. Nós vivíamos aqui uma para a outra e para todos que amávamos num diâmetro de trinta quilômetros, e por todos os bons motivos que levam as pessoas a morarem onde moram. Elas precisam da paisagem com campos de trigo ou com mar; precisam do cheiro de uma tempestade ou do som de uma cidade. Ou precisam partir para que possam inventar aquilo de que precisam em algum outro lugar.

De acordo com nosso passado mítico, eu era a exilada, e Caroline a criança que ficou. Eu havia fugido das fazendas e dos ranchos desolados do norte do Texas, cheguei a Austin – a oitocentos quilômetros ao sul – e morei em São Francisco por alguns anos até finalmente tomar o rumo do leste. Caroline cresceu em Cambridge, a algumas quadras dos dormitórios universitários de Radcliffe; depois, partiu para cursar o ensino superior na Universidade Brown, em Providence, a uma hora de distância. Quatro anos depois, ela voltou para Cambridge e foi morar a apenas alguns quarteirões de sua casa de infância. O que era familiar para ela, era exótico para mim – sua Cambridge era a minha Amarillo –, e isso parecia parte do preço a pagar pela civilidade, como crescer no Greenwich Village, um lugar bacana demais para

o nativo fugir dele. No ano seguinte à morte de seus pais, Caroline comprou uma casa vitoriana no meio de Cambridge, com amplo assoalho de pinho, chaminé de tijolos e pé-direito alto. Com mais de um século de idade, o lugar era anguloso e elegante, e exibia mobília confortável e brinquedos de Lucille cuidadosamente organizados. Eu morava a alguns quilômetros de distância, em um iluminado apartamento no segundo andar que aluguei durante uma década. Muito da desconfiança que eu sentia em relação a criar raízes era atenuada pela sensação de aconchego que, eu sabia, a casa de Caroline dava a ela. Quando meu pragmatismo finalmente venceu a inércia, iniciei o trabalho árduo de procurar uma casa, todos os domingos, em um grande número de listas de propriedades – a jornada ao “coração das trevas” que acompanha a procura de uma casa. E Caroline, um soldado intrépido, acompanhou-me durante toda essa marcha.

Limitações financeiras à parte, a procura de um imóvel por uma mulher solteira pode ser uma tarefa exasperante, com direito a todos os estereótipos do *statu quo*. Eu descobri que imóveis residenciais, particularmente na Nova Inglaterra, eram ilustrações da demografia local: casas vitorianas e coloniais eram sempre planejadas para uma família nuclear. Cada vez que entrava em uma, sentia um vazio no estômago e um cansaço enorme. Salas de jantar formais, quartos no andar de cima? Eu queria chorar de desgosto. As casas planejadas para solteiros tinham os seus próprios problemas, espaços diminutos e coisas que

pareciam ser um leve castigo por você ter decidido morar sozinha. Havia casas opressivamente pequenas com tetos baixos e cômodos apertados. Ou apartamentos em casas velhas de três andares, ou em edifícios imensos, que significavam que você havia desistido de ter um jardim, ou de ter privacidade, ou de ter vaga para o carro, para poder conseguir um financiamento com valores acessíveis.

Caroline e eu dissecávamos cada ângulo desse imbróglio. Eu dirigia de volta à minha casa exausta e sem cérebro nesses domingos, e ligava para ela para voltar à realidade, ou então ela me encontrava no lugar combinado e caminhava pelos cômodos, alegre e descrente ao mesmo tempo. Caroline me perguntava se eu queria morar naquele maravilhoso poleiro de três andares, com minhas pernas fracas e uma cachorra de quase trinta quilos. Era a temporada de caça à casa própria e havia uma guerra de ofertas. Os lugares eram vendidos em um dia ou em uma hora – um corretor maníaco me ligou às nove e meia da noite, querendo que eu desse um lance por um lugar que eu nem sequer tinha visto. Eu entrei nessa fila de desespero (e perda) algumas vezes, apenas para ver outros com mais dinheiro ou menos sangue-frio dar lances maiores que os meus. O valor alto das ofertas nessa caça por imóveis aumentava a minha ansiedade; o mercado naqueles dias era como uma dança das cadeiras, em que cada um tentava estar bem posicionado antes que a música parasse.

No começo da primavera de 2001, eu fiz uma oferta por uma pequena casa no subúrbio, com um quintal grande e malcuidado; Caroline escalou a cerca dos fundos um dia antes de a casa ser aberta à visitação para dar uma espiada. Entrei em pânico no último minuto. Eu vi o meu futuro se desenrolar   minha frente com ruas muito bem cuidadas e calmas, t picas da Nova Inglaterra, e a imagem me horrorizou. Para um olhar de fora, poderia parecer nebuloso, mas meu critério de escolha de uma casa foi aprimorado através dos anos – eu sabia o que eu *não* queria e o que meu espírito desejava. O que eu queria era uma residência para adultos, um lugar com flores, cachorros e pessoas que se parecessem comigo. Eu havia conversado longamente com uma colega, jovem e moderna lésbica afro-americana com alguns piercings pelo corpo, sobre os riscos de casa própria para mulheres solteiras. “Podemos colocar a coisa do seguinte modo”, ela disse. “No dia em que eu me mudar, não quero ser a coisa mais interessante que esteja acontecendo na vizinhança.” Lembrei novamente de sua perspicácia cortante no dia em que assinei uma oferta por uma casa no subúrbio. O bem preparado corretor apertou minha mão e disse: “Você parece uma pessoa tão interessante!”. Dois dias depois, eu retirei a minha interessante pessoa do negócio.

Quando eu havia quase desistido, num dia de maio com o ar saturado de perfume de flores, eu vi um anúncio de uma casa de madeira dos anos 1920 numa rua cheia de magn lias, em Cambridge. O apartamento era menor do que eu queria; o dono havia pintado as paredes de amarelo-mostarda e colocado cortinas

de veludo vermelho na sala de jantar. Eu não me importava com nada disso. O que tocou meu coração, mesmo antes de eu entrar, foram os plátanos que pairavam feito torres sobre o longo caminho de entrada e que conduziam a um fechado jardim de árvores floridas, arbustos de lilases e um sicômoro de dezoito metros – tudo isso bem no meio da cidade. Eu havia morado na Nova Inglaterra por duas décadas, mas ainda era uma texana, e sabia que a terra importava mais do que aquilo que havia sobre ela. Eu fui atrás das árvores.

Caroline amou o lugar. Ela viu além das imperfeições – a falta de um quarto de hóspedes, o vizinho do andar de cima –, porque estava certa de que se tratava de uma boa casa para mim. O lugar era a meio caminho do rio em que eu remava e do bosque onde nós andávamos; na vizinhança havia um parque, um restaurante que vendia quentinhas de comida italiana e algumas pessoas que eu conhecia. A visitação durou uma hora, e no final da noite havia quatro ofertas pelo imóvel. Um casal deu um lance absurdamente mais alto que o meu, de dezenas de milhares de dólares acima do preço pedido; aparentemente, havia gostado das árvores. Mas, dentro de quarenta e oito horas, o casal retirou a oferta, e o corretor ligou para dizer que, se eu quisesse, o lugar era meu. Eu disse que precisava de uma hora para pensar, desliguei o telefone e liguei para Caroline. “Sim”, ela disse, sem hesitar. “Sim.”

Algumas semanas mais tarde, depois do árduo aprendizado sobre compra de imóveis, eu estava na varanda da frente do que agora era a minha casa, brincando com as chaves, lerda de cansaço e meio apreensiva. Ali estava um lugar que precisaria de meses para ser reformado. Eu ouvi alguém chegando de carro atrás de mim e me virei para ver Caroline e Morelli no Toyota RAV dela, ambos sorrindo e sinalizando para que eu esperasse. O tempo que eu levei para destrancar a porta foi o tempo que Caroline precisou para pular os degraus de entrada. E, enquanto Morelli segurava as cachorras e sorria, ela me levantou – eu pesava cinco quilos mais que ela – carregando-me, como um saco de batatas, sobre a soleira da porta.

No final daquele verão, Caroline e eu já estávamos acostumadas às novas rotas de nossos caminhos conjuntos. O apartamento ficava a algumas quadras de Fresh Pond, e ao longo de todo o verão carpinteiros e pintores trabalharam nele. Todos os dias eu dizia a Clementine: “Você gostaria de ir a Cambridge?”, e ela latia alegremente em resposta, mais pela minha inflexão do que por qualquer outro motivo. Então, fãmas até o local das reformas, eu falava com os rapazes que estavam ali trabalhando, depois rumávamos para o reservatório a fim de encontrar Caroline e Lucille no sopé da colina. Eu levava no bolso de trás da calça uma coleção de paletas de cores de tinta. Porque os samoiedos têm uma cor entre o branco e o creme, nós alinhávamos as paletas sobre o lombo de Clementine para avaliarmos melhor. Eu havia ensinado a ela a ordem para ficar

imóvel, e então ela permitia essa tolice e permanecia pacientemente parada enquanto nós imaginávamos a cor, digamos, da decoração da sala de jantar. Certa noite, uma mulher passou por nós no lago dos patos, enquanto Caroline e eu contemplávamos oito tonalidades de pêssego. A mulher levantou a sobrancelha e gritou: “O que vocês estão fazendo com esse cachorro?”. Foi um verão tranquilo, cheio de passeios descomprometidos e remadas noturnas, e a certeza cada vez maior de que eu tinha dado um enorme salto adiante e me mudava, com coração, alma e caixas de livros, para o lugar a que pertencia.

Na manhã de 11 de setembro, eu acordei com duas vozes simultâneas: a do apresentador da *bbc* no rádio, relatando que o primeiro avião havia atingido o World Trade Center, e a do meu amigo Pete na minha secretária eletrônica, que dizia: “A esta altura, você provavelmente já sabe o que aconteceu”. Os dez minutos seguintes foram o caos de compreensão. Com a *tv* e a *npr* ao fundo, eu entrei na internet e vi que eu tinha um e-mail de três palavras de Caroline, ainda ignorante dos fatos, enviado poucos minutos antes: “Você foi remar?”. Eu escrevi em resposta: “Torres em Nova York atingidas por terroristas, desça a escada e ligue a *tv*”. O escritório de Caroline ficara no sótão, no terceiro andar da casa, e ela costumava se sentar à mesa por volta de oito e meia da manhã, isolada de rádio e de telefone. Em poucos minutos, nós estávamos juntas ao telefone, assistindo ao horror repetidamente na tela da *tv*, no mesmo limbo que todo mundo. Porque os aviões vinham do aeroporto Logan, em Boston, havia uma camada extra de agitação sobre a própria cidade; a maioria das linhas de telefone fixo e móvel ficou bloqueada durante parte da manhã. Caroline e eu perdíamos a conexão a todo momento, e acabamos por montar um plano de emergência, caso houvesse problemas de infraestrutura. Se as coisas ficassem piores – se algo acontecesse em Boston –, nós daríamos um jeito de chegar até Fresh Pond, que estava à mesma distância de nossas casas; sabíamos que poderíamos nos encontrar por lá.

Era um plano absurdo, como milhões de outros feitos naquele dia. Nós rimos disso depois – o riso angustiado e o humor bélico acompanharam os dias seguintes – e consideramos o nosso próprio plano ruim: Fresh Pond não era exatamente um centro de evacuação da Cruz Vermelha. Hoje, o que me chama atenção é quanto o nosso plano era absurdo. Nós estávamos agindo por instinto, como cavalos conduzidos ao estábulo ou pássaros sendo espantados de uma árvore. Estávamos simplesmente buscando abrigo e melhor posição.

Eu acabei indo remar no final daquele dia. Não sabia mais o que fazer. A cidade, no meio da tarde, estava calma de um modo que não espero ver novamente: sem aviões sobre nossa cabeça e com grande parte da circulação de pessoas e de carros interrompida. Havia a falta de harmonia que se desdobraria nas semanas seguintes: eu vi um tolo no rio que gritou para mim: “Belo dia, não?”.

A paisagem perfeita era como uma cena de abertura idílica em um filme de terror, exceto que o terror já havia acontecido. Eu pensei nas últimas cenas de *A hora final*, quando o vazio pós-nuclear de uma praia australiana é acompanhado da melodia “Waltzing Matilda.”^[8] Eu remava sob um céu agora infinitamente azul – seu vazio e sua inércia davam calafrios –, e ouvi a estranha melancolia de “Waltzing Matilda” durante todo o percurso.

Eu me mudei para a minha casa no começo de novembro, no dia do aniversário de Caroline. Eu mandei flores para ela naquela manhã; ela estava tomando conta de Clementine enquanto eu observava o pessoal da mudança subir e descer as escadas. O outono na Nova Inglaterra, normalmente triste e belíssimo, havia sido eclipsado e vencido pelas precipitações da história. Houve um suicídio na rua, de uma mulher cujo noivo morrera nas torres. O paradeiro do amigo de um amigo nunca foi descoberto. Todo mundo tinha uma dúzia de histórias como essas, como círculos concêntricos à calamidade, detalhes tristes incrustados entre traumas e perdas. Nos primeiros dias depois do ataque, seguindo um plano da prefeitura, Caroline e eu ficamos em nossas varandas certa noite segurando velas e falando ao telefone; como nenhuma de nós podia enxergar o brilho de mais ninguém, isso nos fez sentir exaustas e horrorizadas por nossa futilidade. Nas semanas seguintes, nós duas tropeçamos em diferentes versões de culpa dos sobreviventes, um sobressalto da consciência que pode atingir alguém tomado por alguma forma tola de negação. Caroline ficava jogando paciência no computador, dominada por tristeza ou angústia; eu me ocupava com a reforma, mas, no momento seguinte, estava prestes a despedir todos os pintores, pensando em mandar o meu orçamento restante para o fundo dos bombeiros de Nova York. Todos estavam fazendo um curso intensivo em ironia, e aprenderam a lição de que o doloroso e o mundano existem em esferas paralelas. Um dia, eu disse a Caroline que sentia vergonha de pensar em minha casa com o mundo em frangalhos; ela pôs a mão sobre minhas costas e deu ligeiramente de ombros. “Paletas de cores... Osama bin Laden”, ela disse, usando as mãos para mostrar a amplitude da experiência humana. “Descobrimos que a vida é isso.” Nós todos vivemos aqueles dias como se fossem a descrição da queda de Ícaro, de W. H. Auden. Mesmo com um garoto caindo do céu, os barcos navegavam calmamente.

Eu levei anos para entender que a morte não significa o fim da história, mas sua transformação. Ela edita e reescreve, é o turvo e a epifania de um diálogo de mão única. A maioria de nós entra e sai da vida dos outros até que não a morte, mas a distância, nos separe – tempo, espaço e um coração cansado são os carrascos mais suaves das conexões humanas.

Eu tenho vários sonhos recorrentes com Caroline. Num deles, ela vive calmamente no bosque em uma pequena casa pintada de azul e verde; em outro, eu estou datilografando uma carta para ela, e a tinta vai desaparecendo na página enquanto escrevo. Ela está sempre morta ou morrendo nesses sonhos, mas eles não são terríveis ou angustiantes – a nossa ligação sempre vence a perda. O meu único sonho insuportável é um no qual ela está doente e em tratamento e eu não consigo achá-la. Nós perdemos contato, ou um telefone foi desconectado, ou minha chave quebra dentro de uma porta trancada com ela do outro lado. Há muitas variações desse sonho, do qual eu acordo dando golpes no ar, mas a mensagem é a mesma: foi a vida, e não a morte, que interveio.

“O divino das doenças do coração”, Keats escreveu, acreditando em nada mais do que nisso e na imaginação. Agora, percebo que Caroline e eu acalmamos algo uma na outra, e esse algo nos permitiu sair e nos envolver com um mundo mais amplo. Com minha certeza sobre fatos, memórias e a influência que tivemos uma sobre a outra, encontrar os fios de todas essas histórias, me levou à estranha convicção de que Caroline ainda não havia partido. Eu tenho toda a prova da vida e da morte que me diz o contrário: as dicas sobre como fazer batata gratinada escritas em sua cuidadosa e pequena caligrafia que se desprende de um livro de receitas; a primeira edição de *My dog Tulip* [Minha cachorra, Tulipa], de J. R. Ackerley, que ela descobriu e me deu em certo Natal. E um misterioso cd que eu encontrei na casa dela depois de sua morte, intitulado *Música para Caroline*, cujas canções, de Norah Jones e Fiona Apple a Edith Piaf, demonstram as paixões inescrutáveis que todos nós carregamos interiormente.

Certa vez, Caroline se referiu às ambiguidades da essência da vida como “o lado negro da alegria”. Estes dias têm sido o contrário: um alegre limbo no qual eu trouxe Caroline para junto de mim nesta viagem. O escritor impõe um estado de fuga a si mesmo. Caroline esteve completamente viva nos gramados e nos bosques com as cachorras, em cada lição de remo, em cada discussão, em cada telefonema casual. Agora, sua morte está em algum lugar no final do corredor, atrás de uma porta fechada, porém destrancada. Mas, no momento, ela está sorrindo e sua pele está bronzeada do rio, e logo, logo o telefone vai tocar e uma de nós dirá: “O que você está fazendo?”. E vai começar tudo de novo.

Caroline começou a tossir no inverno. Uma tosse seca, não muito preocupante, algo como uma rouquidão de fumante que acompanhava sua voz singular. Ela estava exausta porque havia terminado um livro, e lhe cairia bem ganhar cinco quilos. No Natal, ela me deu um mezuzá para colocar na porta de entrada, a fim de abençoar minha casa nova. Nós saímos para jantar e comemorar o meu aniversário numa noite fria de janeiro, e ela parecia derrotada, mas ambas atribuímos isso ao trabalho e ao cansaço emocional. Se ela estava preocupada com sua saúde – e estava, no final das contas –, não disse a ninguém a não ser à sua irmã, Becca.

Dois incidentes aparentemente desconexos reforçariam um ao outro mais tarde. Caroline tentava nadar as suas costumeiras quarenta ou cinquenta voltas na piscina e não conseguia completar mais do que sete. Então, em uma tarde ensolarada e fria no começo de março, suas pernas inadvertidamente falharam em Fresh Pond. Ela se recuperou quase imediatamente, e se sentou num banco do parque para me ligar, minimizando o evento enquanto descrevia o que havia acontecido. Por razões sobre as quais eu posso apenas conjecturar, eu absorvi essa informação com uma urgência e um temor que eram desproporcionais à coisa em si. Eu apanhei as chaves de meu carro e saí voando de casa, dirigi pelos poucos quarteirões até Fresh Pond para economizar tempo. Quando a vi no elevado sobre o estacionamento, comecei a correr; ao alcançá-la, ela dizia com a cabeça que aquilo não havia sido nada – um colapso momentâneo, pouco açúcar no sangue, algo passageiro e benigno.

Fiquei muito alarmada naquele dia porque Caroline era uma das pessoas mais estoicas que eu jamais conheci. Ela raramente ficava doente; e, quando ficava, mal se queixava. Mas a tosse, oca e persistente, não melhorou. Ela diminuiu os cigarros pela metade, e depois novamente pela metade. Estranhamente, naquela época eu andava preocupada com a minha própria saúde. Derrubada por vírus comuns de inverno, eu reagi, de forma anormal, com um mal-estar sombrio do qual não conseguia me livrar.

Caroline fez uma radiografia do tórax e recebeu tratamento para pneumonia, e o antibiótico lhe garantiu algumas semanas de sossego. No final de março, num dia quente para a época do ano, em que o rio estava imóvel, colocamos os barcos para fora pela primeira vez desde o outono. Ela remou os seus oito quilômetros de sempre. Ela iria para o hospital não muito tempo depois; mas, naquele dia, não havia nenhum vento e a água estava cristalina. Quando nós andamos juntas no final da tarde, ela disse que aquela era a única vez em quinze anos em que a primeira remada da temporada havia sido fácil.

Aquela palavra ficou martelando a minha mente durante as lembranças

brutais dos dias que se seguiram. Duas semanas depois daquela remada perfeita, Morelli levava Caroline à sala de emergência num domingo à noite. Ela queimava de febre e a pneumonia se manifestara novamente. Durante alguns dias os médicos pensaram que ela estava com tuberculose, e nós todos tínhamos de vestir máscaras no quarto do hospital. Aquelas máscaras: ela me disse que soube que as notícias não seriam boas quando as enfermeiras pararam de usá-las e começaram a tratá-la com uma delicadeza atroz.

Eu estava lá por acaso quando o médico concluiu a broncoscopia, um procedimento que revelou um tumor inoperável no pulmão, classificado como um adenocarcinoma de estágio iv. Eu estava absurdamente positiva nos dois dias que antecederam o procedimento, dizendo a Caroline que ela era jovem demais para ter câncer, que os misteriosos pontos que haviam sido detectados em seu fígado não eram nada. Becca, que, quando pressionada, era equilibrada e silenciosa como Caroline, me disse enquanto aguardávamos na sala de recuperação pós-operatória que deveríamos nos preparar para o pior, e eu fiquei chocada: ela era médica, e eu confiava nela bem mais do que no meu otimismo desesperado. Então, o pneumologista entrou, jogou seu corpo magro numa cadeira, encolheu os ombros demonstrando um pouco de bondade e disse aquelas palavras que calaram todos os outros comentários: “Inoperável”, “necrótico”, “paliativo”. E o obscuro eufemismo que telegrafia o final: “Nós podemos dar mais conforto a ela”.

Eu me lembro de duas coisas do restante daquele dia com ofuscante clareza. Uma foi Caroline chorando enquanto eu a embalava em meus braços depois que a trouxeram de volta para o quarto. A primeira frase que ela me disse foi: “Você está zangada comigo?”. Aquela era a voz do terror precoce, uma reação primordial às más notícias, e até hoje eu não sei se ela se referia ao fato de que nós havíamos brigado por conta dos cigarros ou se era porque ela sabia que iria partir.

A outra imagem daquela tarde vem depois que eu deixei o hospital para levar Clementine a um passeio e para que pudesse pegar algumas coisas de que Caroline precisava. Eu caminhava pela minha rua, em direção ao parque da vizinhança, e vi uma amiga e sua filha de sete anos na quadra de basquete. Eu olhava na direção delas enquanto Sophie mirava a bola e arremessava. “Mãe!”, ela gritou. “Você viu?” Foi o primeiro triunfo dela na quadra, e eu havia sido a sua testemunha acidental. A força daquele simples contato com a alegria tirou minha respiração. A tarde estava corada de luz, Caroline estava morrendo, e Sophie acertava o arremesso. Mãe! Lá estava ela, a eterna vida, fazendo cestas.

Os poucos dias que se seguiram foram uma confusão de informações ruins. Mais testes revelaram que o câncer havia gerado metástases no fígado e no cérebro de Caroline; no fim de semana, um oncologista se juntou ao time, e eles começaram a radiação de emergência para o cérebro e um esquema inicial de cinco horas de

quimioterapia. Os antibióticos deram conta da pneumonia secundária, e houve uma pequena janela entre o diagnóstico e os efeitos debilitantes do tratamento durante a qual Caroline não se sentiu mal. Nós todos estávamos em choque, consumidos com os encargos da crise, fazendo listas de pessoas para ligar e de objetos para buscar que pareciam essenciais: uma camisa favorita, um pente de casco de tartaruga. Morelli havia descoberto um jeito de trazer Lucille secretamente ao hospital depois que a mudança de turno da noite se iniciava, e nós subíamos na cama com a cachorra e comíamos quentinhas de comida italiana. Caroline começou a contar piadas bobas certa noite, e eu e Morelli ríamos, e então ela parou no meio de uma frase e nós nos olhamos. Parecia a cena de algum melodrama feito para a tv. Tudo era absurdo e precioso, filtrado por aquele breve esplendor que surge quando a morte se encontra no ambiente. Na primeira noite do diagnóstico, Caroline me disse que havia pedido a Morelli para se casar com ela, e que nós tínhamos um casamento a planejar. Houve uma ternura tão intensa naqueles dias iniciais que ajudou a conter as semanas seguintes.

Caroline me ligou cedo certa manhã, eu agarrei o telefone e disse: “Você está bem?”. Ela respondeu: “Sim, eu fugi, estou pensando em dar uma remada”. O hospital ficava próximo ao rio, e o seu quarto tinha uma visão panorâmica da curva do Charles por onde remadores circulavam todas as manhãs, e ela podia vê-los de sua cama à primeira luz da manhã. Depois de poucos dias, ela pediu às enfermeiras para deixarem as cortinas fechadas. Naquela manhã, ela estava ainda fazendo piada, ainda era capaz de fingir que logo estaria de volta ao rio. “Eu sinto falta de nós duas”, ela me disse ao telefone. “Eu sinto falta de nossas vidas juntas.”

Porque nós sabíamos que tudo havia mudado, os modos como comunicávamos isso uma à outra eram tão cuidadosos quanto certos. Nós conversávamos sobre o testamento que ela estava elaborando. Uma noite, ela disse a Morelli e a mim que teríamos de prometer andar com as cachorras juntas uma vez por semana para sempre. “Meu barco e minha roupa de cama”, ela disse, sobre a herança que deixaria para mim. No começo daquele mês, eu peguei emprestado metade das jaquetas no armário dela para uma viagem que eu teria de fazer a Austin em poucas semanas. A ironia de Caroline prevalecia sobre tudo o mais. “Ah, Deus”, ela me disse na segunda noite depois do diagnóstico, quando estávamos fazendo listas de pessoas para ligar. “Agora terei de ouvir perdão de todas essas pessoas.”

Mas, à noite, quando eu deixava o hospital e voltava para casa, ficava no escuro no quintal dos fundos, onde os viburnos floresciam, enterrava meu rosto em sua fragrância e chorava. Depois de passear com Clementine, eu ia para a internet ler sobre adenocarcinoma em revistas médicas. A palavra “prognóstico” ainda não havia entrado em nossas conversas, mas eu sabia. Eu havia ligado para

dois amigos que eram médicos, e ambos foram suficientemente gentis ao me darem as suas opiniões sem rodeios. Nenhum dos dois acreditava que ela teria mais que alguns meses de vida.

Eu tomei muitas notas durante essas conversas ao telefone – rabiscos, anotações elaboradas, orçamentos dos amigos médicos, meu jeito de organizar o insondável. “O pior, o mais avançado”, eu escrevi, embaixo de “estágio iv – adenocarcinoma de células não pequenas.” “Tumores no fígado... Radiação vai ajudar na dor e no inchaço do cérebro.” E em letras menores ao final da página: “Nada vai ajudar a prolongar a vida”.

Os médicos de Caroline discordavam quanto à causa e à origem do tumor no pulmão. Um pneumologista estava certo de que havia relação com o cigarro; um oncologista estava certo de que não tinha. Isso importava muito para Caroline e absolutamente nada para mim, embora eu tentasse defendê-la do veredito do especialista em pulmão, cujo trabalho nas trincheiras talvez o tenha endurecido diante dos desastres que ele precisava ver todos os dias. Caroline havia parado de fumar na semana anterior ao diagnóstico, e ela se aferrava a isso. A cura da anorexia e do alcoolismo se dera através de longas batalhas contra a autodestruição, e ela precisava acreditar que havia feito um esforço enorme para se salvar. A razão por que eu me importava menos com a origem do tumor era prática: tanto quanto eu me preocupava com os cigarros de Caroline, sua função como causa não tinha um pingo de efeito sobre o diagnóstico, assim como ser empurrado de um prédio não impede a queda.

Na sexta-feira, na noite em que eles deram início à quimioterapia, Caroline estava na cama com uma infusão intravenosa em seu braço, vestindo uma camiseta que eu havia trazido para ela, quando eu entrei. Ela perguntou se podia ficar com a camiseta; é claro, eu disse. Ela me pediu para ajustar e programar seu novo relógio de esportes subaquáticos, para que pudesse cronometrar as voltas na piscina quando saísse do hospital. Ela sempre ajustava seus passos ao meu, e agora eu estava fazendo o mesmo, mergulhando quando ela ordenasse. “Se você tivesse me dito tudo isso antes”, ela disse aquela noite, “sobre alguém com câncer no pulmão e metástases em quatro lugares, eu teria dito ‘Ah, meu Deus, ele tem apenas seis meses.’” Então, ela suspendeu o braço magro e musculoso com a infusão intravenosa, balançou a cabeça e sorriu. “Mas esses médicos não sabem quão forte eu sou.”

Tudo isso parece como se fosse ontem, ou há séculos, naquela fenda entre o espaço e o tempo que permanece imóvel na imaginação. Eu me lembro disso tudo porque eu me lembro disso tudo. Quando ocorrem crises com alguém que você ama, o diálogo é tão marcante como uma cicatriz em uma árvore. Agora fico abalada pelo que eu consigo lembrar, embora suponha que não deveria, porque eu tenho a voz de Caroline gravada em meu coração. Aquela voz: a inflexão, o alcance, o *timing* perfeito de seu humor. Isso eu não ia perder.

Na segunda-feira, os efeitos da quimioterapia se consolidaram. Caroline ligou para o terapeuta – um homem que ela havia conhecido e amado por duas décadas – nos primeiros dias do diagnóstico, mas ele ainda não havia estado no hospital; talvez eles estivessem tentando adiar a situação terrível. Naquele dia, ela perdeu qualquer compostura física e psicológica que possuía. Estava violentamente doente e fraca, e eu passei a maior parte da tarde sentada perto dela enquanto dormia. Quatro ou cinco horas se passaram, durante as quais Caroline acordava e depois dormia novamente. Eu trocava um pano fresco por outro e reassumia o meu posto. Era uma função estranha, que não exigia esforço, na qual tanto o tempo como o pensamento desapareciam. Depois, Caroline me disse que havia sonhado toda a tarde comigo e com seu irmão, que também entrava e saía do quarto.

Quando o telefone tocou, eu o agarrei logo para que ela não acordasse. “Caroline?”, disse uma voz de homem. “Não”, eu disse, “é Gail.” “Ah, Gail”, o terapeuta falou, reconhecendo o meu nome e sabendo que o dele soaria familiar a mim. “Aqui é David Herzog.” Eu coloquei a mão sobre a boca. “Eu ia ligar para você”, eu disse. “Você precisa vir aqui. Agora.”

Ele estava lá naquela noite, e Caroline e eu rimos de minha insensatez categórica – de minha habilidade de fazer aquilo de que ela não foi capaz, transpondo a divisa do medo. Ele era um homem enorme, e eu fiquei ferozmente fã dele nas semanas seguintes, confiando em sua força e bondade sincera quando o restante do mundo parecia funcionar como um giroscópio com defeito. Era com Herzog que eu falava quando as realidades médicas e emocionais colidiam; ele ligava a cada um ou dois dias para ver como eu estava segurando a barra. Eu podia falar abertamente com ele sobre o que Caroline estava passando. Nós assumimos uma intimidade pré-fabricada que não podia nos desapontar: nossa ligação era como um túnel de vento. Sabíamos ser ambos centrais na vida de Caroline e sabíamos o que iríamos perder.

Eis outro campo de familiaridade que Caroline e eu dividimos ao longo dos anos. Herzog, como ela o chamava, havia sido um pilar na vida que ela reconstruiu depois da anorexia. Com nossas fortes ligações a pais poderosos, encontramos abrigo com psiquiatras homens. Mais central era a crença mútua na terapia psicodinâmica: o longo, tortuoso (frequentemente monótono) percurso no qual você fica em uma sala com os seus medos e o seu passado, e com uma testemunha capaz de aguentar as profundezas de sua história. Nós vivíamos num ambiente cultural – Costa Leste, pós-1960 – em que fazer terapia era uma coisa normal, e cada uma de nós considerava esse trabalho crucial para o que éramos e para todo o terreno conquistado. Caroline e eu acreditávamos no poder transformador da terapia tanto quanto acreditávamos no aa, ou na lealdade dos cães, ou em encarar a verdade.

Caroline permaneceu no hospital pelo resto da semana, até que ela

estivesse forte o bastante para ir para casa; Morelli se mudou para a casa dela a fim de auxiliá-la. Os médicos queriam mantê-la estável com remédios e radiação, para que ela pudesse aguentar as próximas semanas de quimioterapia. O seu clã de amigos e a sua família expandida lidaram com cada detalhe da incapacitante doença; havia gente para andar com a cachorra, cozinheiros e motoristas em cada troca de guarda. Ela havia entrado naquela zona de enfermidade de difícil compreensão para os que estavam saudáveis, mas preocupados: nós todos a rodeávamos feito velhas de coração partido, enquanto Caroline tentava simplesmente engolir um *lugel* ou fazer um telefonema. Diante da insistência dela, tentamos dar uma pequena caminhada em Fresh Pond com as cachorras, cem metros mais ou menos ao redor da parte superior da península – uma volta de cinco minutos em circunstâncias normais, e que agora durava três vezes mais. Nós paramos em um banco para conversar, demos biscoitos às cachorras e começamos novamente. Quando Caroline vacilava, eu estendia o meu braço para estabilizá-la, uma inversão de papéis tão drástica quanto automática.

Ela havia começado a exibir pequenos sintomas neurológicos, que, acredito, a enfureciam mais que tudo – duas vezes ela deixou cair uma toalha na minha frente e não me permitiu pegá-la. Nós mantínhamos um diálogo durante esses dias que era parcialmente codificado, mas ainda tão certo quanto Caroline costumava ser ao cruzar um rio. “Você está apenas tentando se esquivar de fazer uma sopa para mim”, eu dizia, referindo-me à velha promessa de ela cozinhar quando eu ficasse velha. Ela me ligou uma noite depois de ter encontrado pela primeira vez o seu oncologista fora do hospital, e começou a citar estatísticas dos prognósticos que representavam a versão otimista daquilo que eu havia lido: as pesquisas médicas em andamento, as novas pesquisas no Hospital Geral de Massachusetts, as pequenas chances de dois a cinco anos de vida. Durante este relato, sua voz era suave e radiante, e eu ouvia sem falar coisa alguma, ciente de como estavam difíceis as coisas para ela.

“A questão é ganhar tempo”, ela dizia, e ambas ficávamos impassíveis e caladas. Eu não queria que ela ficasse tomando conta de mim e não estava certa sobre como tomar conta dela, a não ser levando-a às sessões de quimioterapia, cozinhando comidas impréstáveis e prestando atenção a todas as suas deixas.

Mas ela perdeu as estribeiras quando o cabelo começou a cair. “Eu sei que isso parece ridículo”, ela disse. “Mas é a única coisa em que posso me concentrar. O resto é grande demais.” O homem que por anos havia cortado o seu longo cabelo veio a sua casa naquele fim de semana para cortá-lo todo; ele trouxe uma dúzia de rosas e se recusou a receber qualquer dinheiro pelo trabalho. Eu peguei um folheto sobre efeitos colaterais e perda de cabelo da Sociedade Americana do Câncer e encomendei meia dúzia de chapéus e echarpes para ela usar, e, um dia, na sala de espera da quimioterapia, nós estávamos folheando os catálogos juntas e rindo, quando lágrimas começaram a correr pelo meu rosto,

mesmo que eu não estivesse com vontade de chorar. Eu não conseguia parar. Balancei minha cabeça e tentei evitar que ela me consolasse.

“Eu tenho medo de que você saiba como isso é ruim”, eu disse. “Eu tenho medo de que, se eu disser para você, você pense que eu não sou suficientemente forte para aguentar e que tente esconder seu medo.”

“Gail”, ela disse. “Eu já sei quanto é difícil. De certa forma, isso é mais difícil para você e Morelli do que para mim.”

Nós estávamos cercadas por outras pessoas que aguardavam as sessões de quimioterapia, e ninguém sequer nos espiou durante esse diálogo, exceto uma mulher que nos passou uma caixa de lenços de papel e retornou à sua revista. Isso foi um alívio e também uma lição: ninguém naquele lugar parecia desconfortável com as emoções dos estranhos. Nós acedíamos a uma cultura subterrânea dos extremos, em que as pessoas estavam morrendo ou tentando viver com o coração à flor da pele.

Numa tarde luminosa no começo de maio, nós havíamos chegado cedo ao hospital e nos sentamos do lado de fora, no sol, de pernas cruzadas no chão e olhando uma para a outra. Por ora a vida profissional de Caroline estava suspensa, mas havia um trabalho excepcional que ela tinha esquecido de cancelar, um ensaio sobre ela e Lucille para uma revista de adoradores de cachorros.

“Sobre o que eu devo escrever?”, ela me perguntou. “A única coisa pior do que perder seu cachorro é saber que você não vai viver mais que ele?”

Sua voz estava áspera, e eu sabia que ela estava em algum lugar para além do medo onde eu jamais havia estado, e eu também sabia que a melhor coisa a fazer, e a mais difícil, era manter minha boca calada e ouvir. Cada falsa promessa de esperança ou consolo era uma fuga para longe de onde estávamos agora, sentadas ao sol sobre a grama no hospital Mount Auburn, meus dedos ao redor dos pulsos dela.

Caroline casou com Morelli no começo de maio, no jardim dos fundos da casa de nossa amiga Marjorie. Poderia ser um casamento questionável, mas seus amigos fizeram com que se tornasse algo bucólico. A indomável Sandy, amiga íntima de Caroline e antiga editora na *Phoenix*, era uma ruiva alta que agora vivia em Filadélfia. Ela colocou o pé na estrada durante as semanas da doença de Caroline e chegou na semana anterior ao casamento com cinco pares de sapatos vermelhos para Caroline escolher e uma vasilha de arroz-doce caseiro. A prima de Caroline, Monique, providenciou o impressionante vestido vinho de cauda longa com o qual ela se casou. Na manhã do casamento, nosso amigo Terry – que geralmente animava a vizinhança cuidando das galinhas do seu quintal de fundos

– demarcou o quarteirão inteiro com fitas de cetim e lírios que conduziam à casa de Marjorie. Morelli acumulou a função de fotógrafo, uma brilhante manobra que lhe possibilitou suportar o dia enquanto capturava a festa para todos nós. Lucille era a responsável por trazer o anel (Caroline encontrou para ela um arreio com um travesseiro de cetim), e eu a sua humilde condutora. Caroline me pediu para achar um poema para ler, algum sobre amor e compromisso que fosse adequado à ocasião. Eu procurei durante dias por algo apropriado: a maioria dos poemas de amor não considera as nuvens de tempestade que se acumulam no horizonte. Mas eu entendi

o que Caroline queria; tanto quanto nós duas ansiávamos por finais felizes, nós não necessariamente acreditávamos neles. Agora, a vida se revelava mais dura sob todos os aspectos. Eu finalmente encontrei um soneto de Edna St. Vincent Millay que era tanto tolerável como verdadeiro e falava sobre como o destino destruíra a “brilhante roda da fortuna”. Caroline telefonou no momento em que eu o lia.

“Achei um poema”, eu disse, “mas tenho certeza de que é muito sombrio.” Então, eu li para ela as primeiras linhas. “Eu lhe peço, se me ama, guarde a minha alegria/Por um tempo, ou me deixe chorar suas lágrimas.”

“É isso”, ela disse bruscamente, no meio da leitura. “É esse mesmo. Você tem de lê-lo.”

Eu tenho uma fotografia de nós duas que Morelli tirou naquele dia: nós estamos abraçadas uma à outra como duas crianças. Na noite depois do casamento, ela, Morelli e eu estávamos atirados no sofá repassando os detalhes do dia. “Como você se sente?”, eu disse a Caroline, e ela fechou os olhos e sorriu. “Consolada.”

Três dias depois, eu voei para Austin para uma viagem de quatro dias; meses antes eu havia sido indicada para aparecer em uma cerimônia de formatura. Liguei para Caroline do portão de embarque do aeroporto e a fiz sorrir contando uma história sobre os seguranças do mundo pós-11 de setembro, que deram um rápido sumiço em minhas botas de caubói. Então, o meu voo foi chamado e a minha voz falhou. “Eu não quero deixar você”, eu disse a ela. “Vá”, ela disse. “Nada vai acontecer comigo enquanto você estiver fora.” Essa foi a nossa última conversa. Ela ligou para o telefone de minha casa em Cambridge para deixar uma mensagem, e disse que os médicos queriam que ela fosse ao hospital no dia seguinte – eles estavam preocupados com certos tiques nervosos que presumiam ser passageiros, resultantes da radioterapia.

Eu tive de ficar no palco durante as duas horas da cerimônia, desde as oito da manhã de sexta-feira; quando saí do palco e conferi o meu telefone celular, havia três mensagens novas. Caroline havia sido levada de ambulância para a sala de emergência no meio da noite com uma série de sangramentos no cérebro. Ela

não podia mais falar; e não era claro o que ela podia compreender. Eu estava no *campus* da Universidade do Texas quando soube disso pela prima de Caroline, Suzanne, médica, e depois por Marjorie, que sabia o bastante para me dizer para voltar para casa. Eu achei um voo com rota por Chicago que deixaria Austin naquela tarde. Recebi um prêmio honorário naquela manhã e, me apressando para chegar ao carro, deixei cair na rua a placa que havia recebido. Sua moldura quebrou em pedaços. Eu quase deixei a placa ali mesmo. Foi um instante terrível, como se todos os pequenos símbolos da vida estivessem sendo varridos pela contracorrente de alguma verdade mais sombria. Eu cheguei de volta a Cambridge depois da meia-noite.

Parte do horror abrupto dos dias seguintes, para aqueles que amavam Caroline, foi não saber precisamente o que aconteceu e qual foi sua experiência sobre isso. Os olhos dela estavam loucos de medo quando entrei no quarto do hospital. Quando alguém lhe disse que eu estava lá, ela deu um grito de agonia que significava duas coisas para mim. Uma era simplesmente uma voz de reconhecimento. A outra era que ela sabia o que a minha presença queria dizer, e quão ruim deveria ser sua situação, já que eu havia voltado do outro lado do país.

Abstraia as palavras e você encontrará todos os adornos que as circundam. A linguagem do corpo, os gestos, a história dos olhos. Morelli, o irmão e a irmã de Caroline deveriam ter total autorização médica, mas os papéis, redigidos naquela semana, ainda não estavam assinados. Nós tentávamos saber se Caroline podia entender a situação e segurar uma caneta. Eu peguei a mão dela e disse: “Caroline, sou eu. Se você puder entender o que eu estou dizendo, aperte a minha mão”. Ela respondeu com um forte e imediato agarrão. “Tudo bem”, eu disse. “Nós precisamos de sua assinatura para a procuração. Se você acha que pode...” Sua resposta me interrompeu; ela quase quebrou minha mão. Aquilo era uma frase plena de significado, cheia de impaciência e eficiência. Eu a segurei enquanto ela rabiscou seu nome sobre os formulários.

Daquele dia em diante, seus braços se tornaram sua forma de expressão. Certa noite, quando eu estava sentada perto de sua cama, deitei a minha cabeça sobre o colchão ao lado dela. Morelli viu o meu cansaço e veio colocar uma toalha sob meu pescoço. Esse foi um dos incontáveis atos de bondade que ele proporcionou nas semanas seguintes, quando nada mais importava a não ser a luz dentro do quarto e o número de respirações. Então, Caroline esticou o braço e colocou sua mão sobre meu cabelo, o suficiente para me acalantar por dias, e ficamos daquele jeito até as duas caírem no sono.

Nós tínhamos passado anos falando – falando enquanto outras pessoas teriam desistido, averiguando sentimentos, conversas e complicações da vida diária. Agora, ela não podia mais falar, então eu também não falava; nossa narrativa se tornou uma coreografia do silêncio. Eu passaria horas ao pé de sua cama, boa parte do tempo sem saber se ela sabia que eu estava lá. Mas Caroline

e eu havíamos começado a nossa amizade como uma relação devotada às verdades elegantes da linguagem não verbal; os sinais com as mãos e o contato por meio dos olhos que o diálogo com um animal impõe. Na primeira vez em que ela caiu doente, eu trouxe ao hospital uma camiseta que ela adorou, da lanchonete O Cachorro que Late, em Nova York, com “Senta! Fica!” escrito nas costas. Eu sabia tudo sobre sentar e ficar, como isso era algo direto e fundamental, então foi isso o que eu fiz. Eu sentei e fiquei.

Aquele coração enorme – é claro que levou um longo tempo para Caroline morrer. Eles a puseram em uma infusão de morfina nos primeiros dias depois do sangramento, e eu quero acreditar que a dor foi suficientemente domada pela droga para deixá-la flutuando, despreocupada e livre. Eu não posso ter certeza disso, não mais do que nós podemos saber sobre o universo vizinho dos que estão morrendo. Mas essa questão foi o que mais me assombrou, naquela época e durante os meses depois de sua partida. Eu bem sei que testemunhar um sofrimento é um mundo de névoas cheio de impotência: quem tem saúde e está consciente assiste a uma cena que não pode realmente ser captada, ou na qual não pode interferir muito. O sofrimento é o que muda o final da partida, muda o manto da morte de preto para branco. É um corredor mal iluminado fora do tempo, um lugar de um cansaço esmagador, a única coisa forte o suficiente para nos intimidar a abrir a porta para a morte.

Caroline viveu mais dezoito dias depois da noite em que teve o sangramento. Morelli só faltou se mudar para o quarto do hospital, trazendo Lucille com ele. (Numa noite, para o deleite dos cansados de guerra, o novo enfermeiro saiu para o corredor e disse com um sorriso no rosto: “Tem um maldito cachorro ali dentro!”.) Eu estava com uma quantidade de energia irritante durante aquelas semanas; sabia que o desgosto estaria em algum lugar no final do caminho e o evitei enquanto pude. Levava o jantar para Morelli no hospital ou conversava com Herzog por telefone apoiando minha testa na mão. Certa tarde, eu fiquei uma hora no telefone com Louise, em Minnesota, nós duas lendo poesia; grande parte do telefonema foi silenciosa, pontuada por “Ah!” e “Oh”. Eu busquei os outros de modos transitórios e intensos, chorava por nada ou não chorava, era excessivamente gentil com estranhos. Liguei para meu amigo Matthew do celular enquanto caminhava no parque e, quando ouvi a mensagem de voz dele, deixei um recado longo e incoerente. Fiz uma pergunta trôpega, que me pareceu profunda, como o esforço de uma criança para entender o Universo. “E se...?”, e chorei. “Quero dizer, eu sei que isso parece estúpido, mas se a morte... não for uma coisa ruim?”

Ainda que a questão fosse ingênua, eu sei agora que estava cambaleando em direção ao território que fica do outro lado da perda. Aceitar uma sentença de morte é como cair de uma escadaria em câmera lenta. Você se machuca aos poucos – cai, bate no chão, cai novamente. Eu estava à beira da exaustão, mas continueava me movimentando, impulsionada por um objetivo delirante, como se eu pudesse correr mais rápido do que as coisas que vinham acontecendo. Eu encontrei o número do telefone da casa de Herzog na noite seguinte ao meu retorno do Texas, e liguei para ele naquela noite do hospital. Ele entrou no

quarto carregando um buquê de lírios-do-campo – ele sabia que, fosse lá o que tivesse acontecido, Caroline ainda seria capaz de sentir cheiros –, andou até ela e suspendeu os lírios sob o seu nariz. Foi um gesto que me tirou o fôlego por sua atenciosa bondade, e nas semanas seguintes eu falei com Herzog com uma angústia que estava presente em quase todos que amavam Caroline. Em uma noite no corredor do hospital, já próximo do fim, eu perguntei o que ele achava que estava acontecendo, e ele disse: “Diga a ela tudo o que você não disse”, e eu sorri com alívio. “Eu já disse tudo a ela.” No dia seguinte, eles removeram os líquidos, o que era um desejo dela, e, quando Morelli me ligou para dizer que isso havia sido feito, eu estava na cozinha e soltei um gemido como um lamento animal.

Os detalhes da morte são tristes e massacrantes: respira e espera, respira e espera. O corpo, essa máquina brilhante, sabe como e quando fechar a loja. Mas Caroline era tão forte, e tão determinada, que mesmo em sua tarefa final rumou para o fim com uma força estimulante. Eu a havia observado na água durante anos; agora ela estava no meio daquilo que Anne Sexton chamou de “a terrível remada em direção a Deus”.

E Deus, para mim, revelava-se um chefe evasivo. Durante a maior parte da minha vida adulta, eu fui uma protestante não praticante, ou de fé circunstancial; ficava surpresa com pessoas que pareciam certas da resposta em ambas as direções. Mas a minha crença em alguma coisa maior e mais misteriosa do que a consciência humana nunca havia sido posta à prova de modo tão íntimo. Às vezes, eu ia à pequena capela do hospital e sentava lá na escuridão, vestindo o silêncio como véu, depois me resignava e subia de volta ao quarto de Caroline. Numa noite especialmente ruim, eu me lembro de ficar encarando a luz no corredor do lado de fora e de sentir a horrenda finalidade dessa estrada – parecia que o fim era simplesmente o fim, como bater o carro em um muro de tijolos sem nada do outro lado. Foi um dos momentos mais desoladores de minha vida, e eu senti como se, naquela noite, o único Deus no quarto fossem as gotas de morfina. E percebi com fria clareza que isso era como olhar para o nada – um universo no qual tudo era sem propósito, exceto o instinto estrutural para sobreviver e resistir, e então morrer. O que eu estava testemunhando era tão banal como uma manhã qualquer, e agora era a hora de Caroline cair, e a escuridão e a falta de sentido dessa imagem me pareceram insuportáveis. Não surpreende que tenhamos inventado o mito da ressurreição, pensei. Ele abria uma fenda na escuridão, o único modo de tolerar o fim.

Tentando recapturar esse vago pensamento, percebo que muito de sua força me escapa; nós somos programados para esquecer. Temos de continuar: construir pontes, aprender línguas, fazer filhos, bater com vara na pedra e encontrar o ritmo. Quando a morte aparece, a fragilidade de tudo isso se revela.

Mas não por muito tempo. Lembrar do efeito de absorção e da força da morte é como tentar segurar água com a mão. O que eu trouxe daquela viela escura foi que, tratando-se de Deus, eu não precisava saber – precisava ser humildemente ignorante em relação à existência de algo fora daquela visão sinistra. Nos meses que se seguiram, eu fiquei pensando na expressão “mistério indispensável”, como se ela pudesse capturar a minha posição no Universo agora – equilibrada sobre a linha entre saber e não saber, entre o que me parecia a arrogância da certeza religiosa e a desesperança de um mundo sem Deus.

No dia em que Caroline morreu, eu escrevi um trabalho e cumpri o prazo. Não porque quisesse parecer forte, mas porque eu sabia que ela morreria dentro das próximas vinte e quatro horas e que depois disso eu iria desmoronar. Escrever me fazia ganhar algumas horas em uma zona relativamente livre da dor. Eu escrevi naquele dia porque era a única coisa que sabia fazer, e talvez o que ela gostaria que eu fizesse, ou o que ela teria feito.

Eu fiquei no hospital até tarde na noite anterior, um domingo, e ficaram por lá também o irmão e a irmã de Caroline, além de Morelli. Eu voltei para casa e dormi um sono assustadoramente profundo durante dez horas. Caroline havia perdido a consciência três dias antes. Eu me sentei a seu lado contando suas respirações até que os próprios números deixassem de fazer sentido. Na última vez em que a abracei, ela estava queimando em febre e parecia trabalhar com uma energia furiosa, mesmo em sua imobilidade. Ela havia nos deixado dias antes.

Na segunda-feira à noite, o telefone tocou alguns minutos depois da meia-noite. Sentei-me na cama, olhei para o telefone enquanto a secretária atendia e, quando ouvi a voz do irmão dela, por uma fração de segundo pensei: se eu não atender o telefone, ela não estará morta. Então, eu agarrei o aparelho e disse: “Andrew?”, e ouvi sua voz gentil me dizer aquilo que eu já sabia. Depois de nos despedirmos, eu apaguei a luz e me deitei na escuridão por algum tempo, então me levantei e liguei para Sandy, a amiga de Caroline de Filadélfia, que atendeu ao primeiro toque. Nós ficamos ao telefone por um longo tempo, e acendemos velas juntas no mesmo instante, como crianças capturando vaga-lumes em uma jarra.

Eu me mantive contida nos dias que se seguiram de um jeito que me alarmou. Caroline conhecia círculos concêntricos de pessoas dentro e fora de Cambridge – pessoas que gostavam de cachorros, escritores, remadores, frequentadores do aa – e àquela altura sua doença era suficientemente pública, a ponto de muitas vezes me pararem na vizinhança para perguntar como ela estava. Na tarde depois de sua morte, eu caminhei até Fresh Pond com Clementine. Duas ou três pessoas me pararam, e um homem mais velho encheu-se de lágrimas quando contei a ele. Eu tinha a calma irritante de um pároco. “Eu lamento muito”, eu disse, minha mão em seu braço. “Ela morreu ontem à meia-

noite.”

Eu aprenderia a aceitar esses períodos de estabilidade pelo que eram: alívios temporários do turbilhão. Mas eles me assustaram na época, assim como a lembrança turva que eu teria disso mais tarde, junto a algumas outras reações primárias. Fui para casa e comecei a cozinhar feijão para um exército inteiro, ainda que não estivesse esperando por ninguém. Eu me vi contando os amigos com o pragmatismo cruel de uma criança – quem restou na tribo? Quando percebi que estava fazendo isso, cantarolando internamente uma lista de nomes, rascunhei os nomes e os coloquei na geladeira: essas eram as pessoas para quem eu podia ligar às três da manhã. Eu jamais liguei para ninguém às três da manhã, provavelmente porque eu tinha a lista.

O feijão acabou no final da noite. Pessoas começaram a vir à minha casa e continuaram chegando, vagando pela cozinha até o quintal dos fundos ou sentando nos degraus da frente. Marjorie, cuja sabedoria temperada havia nascido de suas próprias perdas, entrou em meu jardim com um bonito sorriso no rosto; Tom ligou, chorando – “Ah, meu Deus, você está bem?” –, depois apareceu com sacolas de comida chinesa. Francesca, que não conhecia Caroline, mas se importava comigo, chegou com uma muda de madressilva que ainda está crescendo no emaranhado do jardim. Kathy, a treinadora de cães que nos colocou em contato pela primeira vez e que se tornou boa amiga, ficou na cozinha com seu marido, Leo, rindo e chorando quando eu contei a história do lago Chocorua e da missão de Caroline me ensinando a remar. Havia cachorros e pessoas e pratos vazios por toda a casa até a meia-noite, quando eu finalmente tomei um calmante para dormir. Junto a todo o pesar havia uma ironia e um assombro. Caroline e eu havíamos buscado uma à outra, vindo de lugares parecidos de quietude e solidão. Agora ela se fora, e sua partida abriu subitamente as minhas portas em todas as direções.

O único modo que qualquer um de nós pode receber educação em sofrimento é fazendo um curso intensivo. Até Caroline morrer, eu havia pertencido a este outro mundo, um lugar de inocência e de expectativas lineares, em que achava que o luto seria o domínio da tristeza e a saudade lancinante, que gradualmente retrocederiam. O que essa definição omitia era o golpe físico que a perda inflige, assim como a loucura temporária, e uma gama de emoções mais complexas que se chocavam em sua intensidade. Eu me moveria como se estivesse debaixo d’água durante semanas, talvez meses, mas aqueles primeiros dias entre a morte e os ritos fúnebres foram como uma enxurrada atordoante de lágrimas e surpresas. Uma parte minha fez o que tinha de ser feito com uma prontidão assustadora: encontrar o poema a ser lido na capela na manhã de sexta-feira, praticar sua leitura em voz alta. Mas meu outro lado estava simplesmente convicto de que eu não seria capaz de chegar do ponto A ao ponto B, que entregá-la, em espírito e em público, era algo tão espantoso e

inconcebível quanto a teoria das cordas. Meu velho amigo Pete, fora da cidade quando Caroline morreu, ligou de Ohio para saber como eu estava. Eu disse o que tinha medo de dizer. “Eu acho que não posso fazer isso”, sobre o funeral no dia seguinte. “Eu não sei como fazê-lo.”

Ele ficou calado por um minuto, e então disse algo que me consolou de tal modo que vou ouvi-lo dizendo para sempre. “Sabe, Gail, há muito tempo que nossa espécie tem feito isso. E é quase como se... É como se o corpo simplesmente soubesse o que fazer.”

Caroline, que quase acreditava que sua existência circunspecta a manteria relativamente desconhecida e, portanto, protegida das multidões, ficaria impressionada com o enterro. A capela no cemitério Mount Auburn transbordou de gente. Choveu frio e forte durante toda aquela manhã, e Kathy veio a minha casa me buscar; quando chegamos à entrada da capela, eu disse a ela que não sabia se conseguiria entrar. Num gesto louvável, ela não se apressou em me tranquilizar ou presumiu que eu falasse metaforicamente. “Você pode chegar até a porta?”, ela perguntou. Eram quatro metros adiante. Eu cheguei até a porta, e Morelli estava lá esperando, e a partir de então eu estava bem.

Naquela manhã, eu li um poema de Louise Bogan, “Canção para o último ato”, cujas primeiras linhas diziam: “Agora que eu tenho o seu rosto de cor, eu olho/Menos para as suas feições do que para as sombras de sua moldura”. Durante dois dias depois do enterro, eu carreguei a métrica do poema em minha cabeça, um doce pano de fundo para as minhas caminhadas, para as piscinas que eu nadava, para os meus últimos pensamentos antes de dormir. Era como se algum coro antigo estivesse dentro de mim, dando-me esse esquisito canto, o compasso de meu próprio movimento e um acompanhamento para uma tristeza de outro modo inexpressável. Depois de dois dias, isso desapareceu tão naturalmente como a chuva na calçada.

Os estragos do luto inicial são como um choque: selvagem, instável, inconsolável. Se ao menos eu pudesse alcançar a tristeza, poderia ficar triste. Eu não estava pronta para encarar aquilo fisicamente, como um casaco feito de chumbo, uma dor mortificante que levaria meses para ir embora. Fosse lá o que eu pensasse sobre perdas – aquilo que havia antecipado sobre o estado pós-Caroline, quando o receio acaba e a preocupação cessa –, eu não tinha noção de que isso significaria sair para um mundo novo e imutável. Eu vivia da ausência de Caroline todo o tempo; parecia que, às vezes, esse fato quase me tirava a respiração. Certa noite, algumas semanas depois do funeral, tentei preparar um jantar para dois amigos, e consegui fazer metade da refeição até me dar conta de que não

sabia o que estava fazendo. Eles se sentaram gentilmente diante de seus espartanos pratos de frango e arroz – eu esqueci de preparar qualquer outra coisa –, desculpei-me, entrei na cozinha e me agarrei à bancada. Ela está morta, eu pensei. A palavra em si era brutal. Eu jamais gostei dos eufemismos que a cultura adota para a morte: “faleceu”, “se foi”, “passou desta para melhor”. Parecem defensivos e sentimentais, um jeito de limpar o conceito da morte de sua força enunciada. Agora, eu entendia por que suavizamos o vocabulário. Ela está morta.

Eu li tudo o que podia para compreender o que se passava comigo. *Luto e melancolia*, W. H. Auden, Emily Dickinson. A poesia me ajudou mais que Freud. Talvez, de modo automático, eu comecei a separar o nó górdio da dupla perda: a agonia por Caroline nas últimas semanas de vida era agora uma matéria distinta da minha castigada solidão. Tudo sobre a morte é um clichê até você estar dentro dela. A desgraça me deixou meio doida, e isso vinha mascarado como raiva. O que os livros não dizem é que certa raiva primitiva pode nos invadir do nada, como única alternativa suportável para convivermos com os mortos. A morte é um divórcio que ninguém pediu; passar por isso é encontrar um modo de se desligar daquilo que você achava que não suportaria perder.

Eu me vi duvidando ou descartando a intensidade de nossa amizade, como se eu pudesse me desfazer do amor e assim evitar a dor. Isso funcionou por vinte minutos, ou até que eu dissesse a alguém que ambas conheciam: “Ah, sim, talvez nós não fôssemos tão próximas”... E o ouvinte explodisse em risadas. Eu comecei a tentar lembrar todas as coisas de que eu não gostava em Caroline. Não havia muitas. Ou eu levava o barco ao rio e falava com ela em voz alta – tanto e com tal frequência que comecei a me referir a um trecho na água como a igreja de Caroline. Eu lhe fazia relatos sobre Lucille, dizia-lhe sobre coisas generosas ou tolas que as pessoas haviam dito ou feito, fazia-lhe saber como todos nós estávamos indo. Certa tarde, tive uma pista de como eu devia parecer – uma mulher solitária em um barco a remo, rindo e falando com sua amiga invisível –, e senti no peito a loucura e a vacuidade da minha conversação em mão única. “O que é pior?”, perguntei a ela. “Se eu falar com você e ninguém estiver ouvindo, ou se você estiver aí esperando e eu não falar com você?” Eu pensei quão impotente e provavelmente irritada ela não devia se sentir ante o meu silêncio. Então, eu continuava falando. Eu reclamava de incidentes que haviam acontecido anos antes. “Eu acho que você não devia ter ficado nervosa quando eu perdi o assento do barco”, dizia. “Foi um acidente!” Ou: “Você estava sempre com pressa. Por que tinha tanta pressa?”.

Num dia nublado e sem vento no final do verão, Morelli e eu nos encontramos para levar o barco de Caroline do clube Riverside, do qual ela havia sido membro durante anos, para o meu clube, alguns quilômetros rio acima. Era um dia que vínhamos aguardando, talvez temendo, por semanas, porque sabíamos

como Caroline era na água e o que remar significava para ela. Nós estacionamos o meu carro no Cambridge Boat Club e fomos juntos ao Riverside, onde um remador que conheceu Caroline nos ajudou a localizar seu barco e a carregá-lo até a água. Eu havia trazido o meu próprio par de remos. Morelli queria ficar com o conjunto que Caroline usava. Nenhum dos dois falou enquanto aprontávamos o barco e atávamos os remos. Então, eu abracei Morelli e, da plataforma, eles me desatracaram, e Morelli ficou lá me observando enquanto eu remava para longe. Caroline amava este barco e me ensinou a remar nele; ela completou cerca de oitocentos quilômetros por ano na última década de sua vida. Ela própria havia sido uma imagem de quietude, carregada pelo vento. Eu não queria que Morelli me visse sucumbir, e durante os primeiros cinquenta metros me concentrei apenas nisso: eu precisava seguir em frente, do contrário ele não suportaria. Eu cheguei à primeira ponte e fiz a curva, logo depois do último ponto em que eu sabia que ele poderia me ver. Então, eu alinhei as pás e conduzi o barco até as sombras, pus minha cabeça nos cabos e chorei.

Morelli e eu tomamos conta da casa de Caroline durante todo o primeiro inverno, antes de ser vendida. Nós nos revezávamos para pegar correspondências, ou ligar o carro, ou checar o aquecedor. Foi um inverno particularmente atroz, e eu entrava no vestibulo, onde fazia por volta de dez graus, e sentia a tristeza à minha frente; era como adentrar um nevoeiro. Vida interrompida: os sapatos de Caroline ainda estavam perto da porta; em seus casacos – um para cada tipo de clima para andar com os cachorros – ainda tinha biscoitos nos bolsos. Na porta da geladeira havia uma fotografia de nós duas, nossos braços em torno uma da outra, que Tom havia tirado naquele primeiro verão em Chocorua. Eu jamais toleraria tirar a foto de onde ela a havia colocado anos antes, e um dia, quando a casa estava sendo desmontada, a foto simplesmente desapareceu – foi jogada fora junto com os temperos velhos e as sacolas plásticas e tudo o mais que constitui a trilha de migalhas de pão de uma vida. Morelli levou Lucille para morar com ele desde a última ida de Caroline para o hospital, e o seu cheiro gradualmente desaparecia. Eu sempre fiz esses passeios até lá com Clementine, que latia com excitação e somente na primeira visita procurou por Caroline e Lucille. Seu nariz deve ter dito aquilo que eu não podia, e depois disso Clementine simplesmente ficava ao meu lado enquanto eu fazia meu percurso pela casa.

Alguns dias, eu sentava na sala de estar fria e deixava a minha dor correr solta; era o único lugar que eu sentia que espelhava o meu coração. Todos os meus outros lugares no mundo – minha própria casa, minhas conexões com amigos, meus dias com a cachorra, ou no rio, ou na piscina – eram uma versão refratada do meu pesar; todos me continham, refletiam a história, até me ajudavam a esquecer por um tempo. Mas aqui estava a própria história. Aqui, na temperatura desconfortável e na imobilidade de museu, estava Caroline, ausente. Era algo que ultrapassava a minha descrença, meu escambo com Deus, com qualquer outra defesa minha, e por essa razão eu tanto precisava como odiava ir lá.

Certa tarde, quando eu fui ao andar de cima para verificar algumas coisas, comecei a vasculhar o armário dela, do jeito que costumávamos fazer juntas, e como minha irmã e eu fazíamos quando éramos garotas. Eu experimentei pulôveres e blusas que nós duas amávamos, olhando no espelho enquanto Clementine ficava deitada no chão, observando-me. “Este ficava melhor em você do que em mim”, eu dizia a Caroline, e a cachorra erguia a cabeça, depois eu experimentava alguma outra peça. Eu ficava desesperada quando isso acontecia e confusa e culpada. Levou anos até eu me distanciar suficientemente do sofrimento contido nesse incidente para compreendê-lo. Queria reivindicar tudo

o que ela havia deixado. Eu sempre ouvi histórias sobre famílias abaladas pela dor que disputavam lâmpadas feias ou cafeteiras baratas; agora eu entendia. A fome nervosa que eu sentia não era trivial ou mesquinha; era possessiva em seu sentido mais primário. Ainda tenho a sacola de ginástica e a jaqueta de chuva de Caroline, e durante um tempo até tentei calçar suas botas de inverno, que eram um número maior que meu pé, algo absurdo, mas reconfortante.

Memento mori: as lembranças dos mortos. Eu acho que nós procuramos essas marcas da história – bolas de beisebol, enfeites e cartas de baralho deixados nos túmulos – porque elas ocupam o espaço deixado pela pessoa que morreu. O vazio físico depois que Caroline se foi parecia alarmantemente algo de propriedades materiais, como se a luz do dia tivesse mudado ou uma casa na rua tivesse desaparecido. Sempre que Clementine ouvia o bip inconfundível de um Toyota RAV, como o que Caroline dirigiu durante anos, balançava o rabo e começava a andar em sua direção – puro condicionamento, que me parecia um haikai daquilo que faltava no mundo.

Ontem, encontrei um bilhete que eu havia escrito para mim mesma, entre as pilhas de esboços e mapas narrativos que são os elementos de base de um escritor. “Deixe ela morrer”, eu havia escrito na parte de cima de um caderno, um breve recado para me lembrar de chegar àquela parte da história. No dia seguinte, vi o recado e fiquei meio ofegante; por um momento foi como se alguém me tivesse dado aquela instrução. Deixe ela morrer: uma possível definição em três palavras do percurso de um luto, que é um longo percurso.

No verão seguinte ao que aprendi a remar, num anoitecer sobre o rio em 1998, pensei que, talvez brevemente, iria perder o meu adorado pai, e que o remo e Caroline iriam me ajudar a passar por isso. Todos nós contamos o número de integrantes de nossas tribos quando estamos assustados. A sociedade ocidental moderna circunscreve essa tarefa ao âmbito da família nuclear: o marido vai esvaziar a garagem ou saldar as contas; a irmã estará lá para ajudar depois que nossos pais nos deixarem. Mas uma boa porção do mundo faz outros pactos, planos inconscientes. Devido às circunstâncias e ao desejo, Caroline e eu transferimos uma parte dessa dependência uma à outra – junto com nossos irmãos e Morelli, nós estávamos próximas emocionalmente no dia a dia. Quem tem chaves de reserva da casa, números de emergência na carteira? É o tipo de lista sobre a qual nem pensamos antes de certa idade, quando estamos mais interessados em nos livrar de responsabilidades do que em assumi-las. Depois, essas listas vão ganhando forma, à mesma medida dos apegos. Caroline e eu nos colocamos de modo tão intenso nessas posições fundamentais que por anos brincamos sobre isso, mesmo depois que ela se juntou novamente a Morelli. Certa tarde, semanas após sua morte, Morelli, Sandy e eu estávamos sentados

num banco do parque à beira do lago, conversando – com a franqueza calejada de seus três amigos mais próximos – sobre como poderíamos seguir adiante. “Meu Deus”, eu resmunguei, fingindo preocupação. “Parece que agora vou ter de arrumar um namorado.” Somente nós três poderíamos achar isso tão condizente e revelador.

A vida é um irrefutável movimento à frente, uma flecha unidirecional que aponta para além da morte. Durante meses, eu senti a violência do próprio tempo, como se algum grande navio estivesse nos levando, deixando Caroline abandonada na praia. Certo dia, eu estava varrendo as folhas quando senti uma distância tão grande do passado que tive de parar e me sentar na varanda. Todo esse material bruto: dos brotos ao adubo em questão de segundos. Caroline era agora osso, cinzas e memória, e eu catava folhas secas no abrigo de meu jardim enquanto os bulbos, pacientes e alheios, esperavam para ser plantados. Parecia obscuro.

“Não sobra nada”, eu chorei ao telefone para Louise à longa distância. “Essa casca de vida. E chegamos ao fim e descobrimos que a morte é impiedosa, iminente e cruel.” Louise, que acreditava no poder das palavras, anotou isso enquanto eu falava. Então, capturou aquele momento que nenhum de nós quer lembrar, possivelmente essencial à sobrevivência. E se morrer não fosse algo ruim? A morte de Caroline me deixou um presente grande e terrível: como viver em um mundo no qual a perda, insuportável às vezes, é tão comum como a poeira ou o luar.

A aceitação, inadvertidamente, envolve o nosso coração. Naquele ano, eu vagava por uma casa aberta à visitação na vizinhança e vi um soneto emoldurado de Pablo Neruda na parede; falava algo sobre a natureza espacial da perda que eu jamais vira articulado antes. A morte de Caroline era um lugar vago no coração, um lugar que eu nem podia nem desejava preencher. Fiquei confusa pela prevalência desses sentimentos, a sensação de que a partida dela era algo em si mesmo, uma memória cercada por uma fita de isolamento, na qual mudar qualquer coisa seria como uma ofensa terrível. Mas aqui estava Neruda, solicitando aos enlutados que habitassem a morte como se ela fosse uma morada:

*Ausência é uma casa tão grande
que lá dentro você vai atravessar paredes
e suspender imagens no ar.*

Eu morei naquela casa de ausência, obtive consolo nela, até que a mágoa se tornasse um substituto daquilo que havia partido. “O luto... me faz lembrar de seus traços mais belos”, diz Constance, de Shakespeare, em *Rei João*, sobre a perda de seu filho. “Então, eu tenho motivos para apreciar a dor.” Eu sabia que nunca mais teria outra amiga como Caroline; eu suspeitava que ninguém mais iria me

conhecer tão bem novamente. Que Caroline fosse insubstituível era uma lealdade agrídoce: sua morte era o que eu tinha agora.

O luto é fundamentalmente um negócio egoísta. Despido de sua fachada elegante – a enxurrada inicial de flores, comidas e compreensão –, é um lugar de tal particularidade que seu arco é complexo como o próprio relacionamento. As pessoas sentem falta da presença quente na cama, da risada durante a noite, dos gestos, dos países ou das descobertas compartilhadas. Eu sentia falta de Caroline de várias maneiras, mas em todas elas havia a ausência do diálogo permanente, real ou imaginado. “Eu sinto falta da gente”, ela disse naquela manhã do lado de fora do hospital. Durante anos, nos processos de escrita, nos treinamentos de cães ou nas feridas comuns da vida, Caroline e eu éramos a voz suave e modulada na cabeça uma da outra. Agora, os meus pensamentos retiniam entre despercebidos e inaudíveis, como uma música solitária com muito baixo. Durante meses, eu quis ligar para ela, achando que podia, para dizer o que sua morte havia significado, o que sua morte havia feito com minha vida.

Não sei dizer o que fiz naquele primeiro ano depois da morte de Caroline, além dos ritos usuais que estavam envoltos por um silêncio aveludado. Andar, ler, ver a luz mudar. Eu me sentava na poltrona, lá na sala de estar, e lia cartas e cartões de pessoas que nos amavam, e relia essas mensagens para que eu pudesse lembrar quem éramos juntas. Minha amiga Andrea me arrastava para festividades nos dias que eu geralmente passaria com Caroline. Remar – nossa, eu remei até as minhas mãos ficarem como couro, e o meu corpo inteiro doía com a fadiga de meu coração. Eu voltava para a casa de barcos sob a luz noturna, tirava o barco da água, lavava e secava o barco como se estivesse acalmando um cavalo depois da corrida. Sei que escrevi, mas durante meses isso não importava muito. Eu ruminava com os meus botões sobre certa promessa de consciência ou intenção para além do triunfo da biologia: terra, criação, reprodução e então terra novamente. Eu não era capaz de suportar a evidente ausência de Caroline ou a noção insignificante de que memória era tudo o que vida eterna realmente significava, e passei tempo demais me perguntando onde as pessoas encontravam força para continuar se movimentando para além dos mortos. No início, a esperança parece violação da perda, mas sem ela não sobreviveríamos. Eu tinha uma amiga que, anos antes, havia perdido seu primeiro filho ainda bebê, e ela me disse que uma das condolências mais pungentes que havia recebido, no momento inicial de seu luto, veio de um homem que reconhecia a lealdade cruel que sentimos para com os mortos. “O verdadeiro inferno”, ele lhe disse, “é que você vai superar.” Como uma estrela-do-mar, o coração resiste à amputação.

Durante anos eu tentei me proteger do peso psíquico dos invernos da Nova Inglaterra ficando em casa com chá e aquecedores, até que arrumei um cão de trenó do norte. Clementine me levou para o mundo de inúmeras maneiras, e a mais implacável delas estava relacionada às estações. Nós andávamos durante tempestades de neve e sobre trilhas geladas; caminhávamos na escuridão das seis da tarde e em temperaturas mínimas. Por causa dela, eu aprendi a amar a luz no inverno – o dourado rosa do céu uma hora antes do crepúsculo, emoldurando os galhos minimalistas das árvores desnudas abaixo. Eu estabeleci a minha rotina de acordo com a luz e com os desejos de Clementine. Depois que Caroline morreu, eu jurei que faria as mesmas caminhadas, encontrando, eventualmente, consolo no espaço vazio ao meu lado.

Assim, quando eu havia terminado o trabalho do dia, a cachorra e eu andávamos os poucos longos quarteirões até os contornos de Fresh Pond, um consagrado oásis durante todo o ano, mas povoado no inverno por corredores intrasigentes e acompanhantes de cachorros. Nosso caminho usual eram alguns quilômetros de ida e volta; passeávamos pelo bosque até o campo de golfe deserto, onde Clemi se deleitava caçando gansos e latia para riscos deixados no céu por aviões.

Numa tarde de sexta-feira, no final de janeiro de 2004, saí de carro e estacionei perto do campo de futebol, na beira do reservatório, a um quilômetro de minha casa; fazia oito graus negativos, e eu queria ir direto para o bosque. Os dias estavam mais longos, e a luz parecia mais brilhante. Andamos durante uma hora sob nuvens deslizantes, cumprimentando e dizendo olá para os outros adeptos que surgiam pelo caminho. Clementine estava com oito anos, naquele ponto da vida de um cão em que dignidade e vitalidade caminham no mesmo passo, e ela raramente saía do meu lado, mesmo sem coleira. Sempre que deixávamos o reservatório, tudo o que eu precisava fazer era dizer “espera”, e ela parava onde quer que estivesse, como um cavalo, com as costas abaixadas, enquanto eu prendia sua coleira.

Nós tínhamos acabado de deixar o bosque e estávamos no limite do campo de futebol quando eu ouvi um homem gritar: “Segura o cachorro!”. Clemi estava ao meu lado, sem a coleira, e ambas paramos em nossos caminhos, em parte devido à voz alarmante do homem. A uns dez metros de distância, pelas arquibancadas, eu vi um jovem musculoso agachado no chão, tentando desesperadamente segurar dois pit bulls sem coleiras ou correntes. Um segundo depois, os cachorros se livraram das amarras do homem e se lançaram em nossa direção. O cachorro maior, um macho cinza e branco, jogou Clementine ao chão e agarrou-a pelo pescoço; o outro foi em suas partes traseiras. Clemi pesava uns

catorze quilos e tinha um grosso pelo de inverno, que num samoiedo é uma camada dupla de pelos, de sete centímetros de espessura, tão densa como um tapete. Ela batia e abocanhava os dois cachorros e eu gritava a plenos pulmões – “Segura esses malditos cachorros!” –, enquanto o homem tentava em vão se apoderar dos pit bulls.

Eu não sabia quanto Clementine estava machucada, se o homem era durão ou tolo, e não havia uma alma para ajudar. Mas, finalmente, o dono prendeu o pescoço dos dois cachorros com os braços, e eu agarrei a coleira de Clementine e gritei: “Por favor, apenas nos deixe alcançar o carro”. O campo era limitado por uma cerca de correntes, que o separava da rua; eu sabia que precisávamos alcançar o portão. O homem se esforçava para manter os cachorros presos, e indicava com a cabeça, prendendo a respiração: “Vá!”, ele gritou. “Estou segurando.” Clementine choramingava ofegante, querendo se libertar, eu a segurei e nós começamos a galopar pelo campo.

Nós havíamos cruzado metade do caminho – mais ou menos trinta metros –, quando eu ouvi o homem berrando: “Cuidado!”. Eu senti o cabelo na nuca arrepiar. Virei para ver os dois cachorros correndo a mil por hora. Então, eu vi um raio cinza cortando o ar em minha direção. A próxima coisa de que lembro é estar com as mãos e com os joelhos no chão. O míssil cinza era o macho maior, que pesava cerca de cinquenta quilos, a fêmea tinha ido atrás de Clementine. Enquanto eu tentava me levantar, vi Clemi no chão alguns metros adiante, com os dois cachorros sobre ela. Um agarrava a garganta dela e o outro tinha os dentes em sua barriga. E não emitiam um som sequer.

Minha bexiga esvaziou como um balão d’água. Estava vestindo um jeans, e percebi com um desaparego quase sereno que a calça estava ensopada. Eu estava naquele estado de prontidão saturado de adrenalina – quando a visão é aguda, mas estreita –, e você sente que pode fazer qualquer coisa. Não sentia medo, era mais certo horror selvagem. Ocorreu-me subitamente que aquilo era semelhante a estar em combate: o sistema nervoso simpático mobiliza o corpo, e o corpo se liberta de tudo de que não precisa. Sem nenhum esforço consciente, eu entrei no modo automático de combate.

Eu entrei na luta e comecei a bater nas costas dos cachorros. Vestida para um tempo gelado, eu usava um casaco pesado e luvas de lã, e toda a inutilidade daquele momento estava nas luvas: eu me lembro de olhar para baixo enquanto me esfolava com os cachorros, e de pensar que as minhas mãos pareciam com as de uma criança. Então, a fêmea de pit bull segurou meu antebraço, quase casualmente, como se para mover um obstáculo do caminho à sua presa. O mais assustador desse momento fugaz não foi a violência demonstrada pela cachorra, mas seu controle – meu braço bem poderia ser um galho qualquer, pelo interesse que despertou. Em geral, pode-se medir a seriedade de um ataque canino pelo barulho produzido ou pelo controle que os cães demonstram – quanto mais

silenciosos, mais letal o intento –, e eu havia percebido que aquela era uma situação mortífera. Os pit bulls estavam atrás de Clementine, não de mim. Quando a fêmea agarrou meu braço, Clementine pôde se livrar do outro cão, e correu rapidamente, com a velocidade de um cão de trenó, para dentro do bosque.

A essa altura, o homem alcançou seus cães e tentou controlá-los. Eu corri atrás de Clemi, sem saber a gravidade de suas feridas ou aonde a sua fuga aterrorizada a havia levado. Comecei a gritar seu nome e percebi que estava quase sem voz de tanto berrar. Eram mais de cinco da tarde e estava ficando escuro, eu tropeçava pela neve por entre o bosque monocromático. Não havia ninguém à vista. Eu pensei, com uma lógica absurda, que poderia procurar por Clementine até mais ou menos duas da madrugada – eu teria todo esse tempo antes de precisar de água e comida ou me exaurir fisicamente.

Anos depois, a maior parte das minhas memórias visuais daquela tarde é de uma pureza cinematográfica – eu lembro o que vestia, em que ponto estava, qual era a sensação dos meus braços, do meu rosto e da minha voz enquanto eu inspecionava o bosque escuro à procura de uma cachorra branca. Momentos mínimos desapareceram – eu ouvi o correio de voz de meu amigo Peter pelo telefone celular, mas não me lembro de ter ligado para ele ou de ter pensado em ligar para ele, mas tão somente do som de sua mensagem gravada. Ele morava a quatro casas de distância da minha e entendia mais de cachorros do que qualquer um que eu já havia conhecido. Quando deixei um recado, engasguei alguma coisa como: “Fomos atacadas por pit bulls e Clemi está machucada e perdida no bosque”. Depois, Peter me disse que, ao ouvir a mensagem, mal reconheceu minha voz. Então, eu liguei para Avery, cuja casa ficava perto do lago; ela veio em minha direção. Quando chegou, dez minutos depois, a primeira onda de adrenalina havia passado e eu tinha me dado conta de que Clementine estava perdida, meu corpo inteiro tremia e eu estava apavorada. Como eu estava sem voz, Avery ficou gritando por Clemi, e então meu celular tocou e ouvi Peter, sem fôlego, dizer: “Estou correndo até você”.

Em todas as quedas livres da vida de alguém, há momentos que se destacam – como uma mão que se estende em um abismo – e esse, para mim, foi um deles. Sem pensar, eu disse: “Não, vá para a minha casa primeiro” – ele morava mais à frente na rua, na direção do lago, que ficava separado de nossas casas por uma grande alameda. Dois minutos depois, o telefone tocou novamente, tão rápido que eu sabia que traria boas ou más notícias. Ouvi Peter gritar: “Estou com ela!”, e meus joelhos fraquejaram. Avery me levou até meu carro e dirigiu até minha casa.

Eu sempre quis algumas testemunhas para esse dia, alguém que pudesse me dizer qual havia sido o caminho de Clementine. Assim que ela escapou dos cachorros, foi para dentro do bosque ao longo do reservatório e cruzou um campo

depois do bosque e ainda uma via de quatro pistas no horário do rush. Então, mais duas ruas até o quarteirão onde morávamos, uma viagem de quase dois quilômetros no meio do tráfego da cidade. Peter a encontrou tremendo em nossa varanda de entrada. Ela sangrava, estava coberta de saliva de pit bull, e ela havia encontrado o caminho de casa.

Quatro horas depois, o veterinário e seu assistente haviam raspado metade do pelo de Clemi e começado a fechar as feridas em suas costas e nas laterais. Peter, cujo pai foi um treinador de cavalos e sabia como conter um animal muito agitado, segurou Clemi enquanto lhe davam anestesia. As pessoas da clínica conheciam minha cachorra desde que era um bebezinho, e Beth, minha veterinária, ficou em silêncio quando liguei para lhe contar do ataque; as duas pessoas que ainda estavam na clínica ficaram esperando por nós logo que souberam do que havia acontecido. Eram quase dez da noite e nenhum de nós havia comido qualquer coisa nas últimas horas, embora eu tenha lembrado de agarrar um pedaço de pão ao sair de casa, porque sabia que seria uma longa noite. Depois que doparam Clemi, eu finalmente despenquei no chão da sala de operações com Cleo, a fêmea de pastor--belga de Peter, ao meu lado. Clemi tinha várias perfurações nos quadris e na barriga e cortes profundos por todo o lombo; provavelmente a grossa camada dupla de pelo salvou sua vida. Quando eles fecharam as feridas e ela começou a sair da anestesia, eu me abaixei até a mesa de operação para que ela pudesse me ver e me cheirar quando acordasse. Maggie, que esteve auxiliando o veterinário e segurando Clementine enquanto estava sob efeito da anestesia, sorriu para mim sobre a mesa. “Sabe”, ela disse, “você está se saindo bem melhor do que imaginei.”

Eu sorri. “Você está brincando?”, eu disse. “Ela está *viva*.”

Levou mais de uma semana para que Clementine pudesse ir além do caminho de entrada da casa sem tremer, mas, como um cão de trenó, ela tinha instintos sociais muito fortes, e eu acho que se recuperou psicologicamente mais rápido e melhor do que eu. Além de ficar dolorida e exausta, eu tive como único legado do ataque uma meia-lua escura em meu antebraço, que descobri somente na noite seguinte – uma equimose do tamanho da mandíbula de um pit bull. A fêmea me mordeu através de um grosso casaco de inverno e de dois pulôveres, mas percebi a marca um dia depois, quando a adrenalina foi substituída por um cansaço esmagador. Eu caí em pedaços quando falei ao telefone com Louise, que amava cães e me amava, e sabia como cuidar de ambas as espécies nas piores situações. Ela mandou rosas brancas para a dor imediata e – servidora implacável da narrativa – teve uma solução ainda melhor para os estragos de longa duração. “Eu sei que soa frio falar isso”, ela disse durante a nossa primeira conversa, “mas você está tomando notas?”

Minha intrépida mãe texana, que havia acabado de completar noventa anos, mostrou um modo diferente de lealdade, mais guerreira do que diplomática, e suficientemente cruel para me fazer rir com gratidão. Ela adorava Clementine e ficou horrorizada com o que aconteceu a nós duas. “Dá vontade de pegar uma arma, não dá?”, ela disse certo dia ao telefone, quando eu estava particularmente mexida, e respondi, com a voz tremendo: “É sim, dá mesmo vontade”.

“Mas, meu bem”, ela disse, como se tentando aplacar uma criança obstinada, “você não pode.”

Os pit bulls foram pegos pelo serviço de controle dos animais e postos em quarentena no dia seguinte ao ataque. Meses de audiências em tribunais aconteceriam, assim como uma longa campanha da prefeitura em prol da eutanásia de um deles e do isolamento permanente do outro. Para mim, haveria também *flashbacks*, temores e preocupações aparentemente deslocados, resíduos do trauma que tendem a se insinuar na mente depois que o perigo passa. Eu já havia instintivamente me armado contra esse tipo de lembrança com o poder da narrativa: desde o momento em que liguei do bosque para Peter, os eventos daquele dia começaram a ganhar forma de verdade suportável. E Caroline, que por muito tempo foi o espírito de resgate e salvamento no meu panteão, era tão essencial como o ar para que eu recontasse a história.

Durante três semanas depois do ataque, eu estive certa de que Caroline havia salvado Clementine naquele dia – que a havia livrado dos cachorros e a conduzido, em meio ao trânsito, à segurança. Eu acreditava plenamente nisso, com uma sinceridade que ajudava a me defender da injustiça aleatória do que havia acontecido. Clementine se tornou um mito na vizinhança alguns dias depois do ataque pelo horror da história e por sua odisseia até chegar em casa. Suas feridas e seu pelo raspado chamavam tanto a atenção que estranhos paravam para perguntar a nosso respeito. Quando pessoas que haviam conhecido Caroline nos viam no lago, eu dizia, provavelmente com um olhar de doida: “Eu acho que Caroline salvou Clementine!”. Eu não era conhecida por tais pronunciamentos, tendo uma inclinação mais empírica do que mística, e, se as pessoas pareciam surpresas quando eu lhes dizia isso, eram suficientemente gentis para me deixar em paz. Nos primeiros dias depois do ataque, meio acordada, tive um sonho no qual eu despertava de um sono profundo, na escuridão de meu quarto, e dizia a Caroline: “Ah, meu Deus, foi você, não foi?”. E ela respondia com a sua risada suave e inteligente, divertindo-se com a minha lentidão para reconhecer o óbvio. Eu fiz uso dessa minha convicção como um escudo de super-herói pelo tempo que precisei de seus poderes, até que eu pudesse novamente ir para um campo aberto com a minha cachorra, sem ficar mapeando o horizonte em busca de um desastre.

E agora? Eu duvido que algum dia eu me convença se isso foi ou não

verdade. É uma história que eu ainda conto a mim mesma, emoldurada pelo pensamento mágico de uma história infantil, em que as florestas são encantadas e os monstros vencíveis, e o amor e a coragem sempre triunfam sobre o perigo.

“Os mortos nos protegem”, eu disse à minha amiga Andrea durante o jantar certa noite, quando aquele dia gélido no campo havia ficado para trás, muito depois de eu ter parado de clamar que o espírito de Caroline nos havia conduzido para casa. As palavras saíam de minha boca com uma certeza de ladainha, embora eu estivesse apenas em parte segura do que queria dizer, e sem saber que pensava isso até que o dissesse em voz alta. Os mortos nos protegem. Eu sinto agora quase um alívio feroz. A morte de Caroline me forçou a ter coragem diante da guerra; eu a tinha dentro de mim como um sentinela silencioso. Pode-se atribuir essa ligação à memória ou a Deus, mas é um consolo diferente de qualquer um que eu conheça. Pois estás junto a mim. “Eles levam tudo”, eu gritei ao telefone com Louise naquela noite, derrubada pelo desespero. No final das contas, eles não levam tudo.

Na esteira do ataque, eu aprendi uma coisa sobre Clementine que, na época, me confundiu e alarmou. Depois de tanto medo e de tanta violência, eis a minha cachorra, sã e salva, e mesmo assim eu me afligia por ela com tal fúria maternal que isso parecia eclipsar a minha dor pelos mortos. Eu ficava envergonhada pelo caráter inconsolável de minha angústia; Clementine estava viva, e Caroline havia partido, e minha angústia se relacionava com aquela que havia conseguido se salvar. Eu percebi outra coisa que nunca foi dita em manuais de instruções para o luto: que nos afligimos apenas com os vivos. Talvez eu sofra por Caroline pelo resto de meus dias, mas não me preocupava mais com ela.

Anos depois que Caroline se foi, achei as dedicatórias que ela me havia deixado em dois de seus livros – a primeira escrita nos primeiros meses de nossa amizade, a segunda dois anos depois. Desde o início, nós sabíamos que nossa amizade era diferente, que nos esforçaríamos para mantê-la imune às erosões do tempo. “Para minha estimada Gail”, ela escreveu no começo de *Pack of two*, “com mais amor e gratidão do que eu tenho palavras para exprimir. Sua presença – no mundo, no bosque, neste livro – alterou a textura da minha vida. Isto é por tudo o que nós dividimos, e por muitos anos mais, e muitas caminhadas mais com as nossas belas meninas.”

O barco de Caroline remou três mil quilômetros desde que o desloquei rio acima naquele dia calmo de 2002. Agora, eu tenho quinze anos mais que Caroline jamais terá, as remadas estão mais lentas, mas quando, no começo de cada temporada, eu fraquejo, fecho os olhos e visualizo a precisão de sua remada e acerto a minha própria. Caroline ainda é a minha técnica. Certa tarde em que eu chegava de uma remada de oito quilômetros, e guardava o barco em seu

compartimento, disse a ela em voz alta: “Você ficaria tão orgulhosa de mim”. Eu quis dizer que havia continuado a remar: resistência era um dos traços que nós admirávamos uma na outra. Mas eu sei que queria dizer algo maior do que remar, alguma coisa comparável aos quilômetros acumulados em meio à fadiga, ao desânimo e ao tempo inclemente. Caroline ficaria tão orgulhosa de mim – orgulhosa de nós – porque a guardei dentro de mim também.

Clementine ficou comigo por quatro anos mais. Eu costumava me sentar junto dela no tapete persa da sala de estar e embalá-la em meus braços. E dizia: “Vamos ver se você consegue chegar aos treze anos. Podemos fazer isso?”. Ela dava um suspiro profundo e rolava sobre suas costas. Eu havia trazido Clementine para casa em 1995, no dia 3 de junho, data do aniversário de 81 anos de meu pai, quando ela tinha oito semanas de vida. Eu pensei, na época, que, depois que meu pai morresse, eu teria esse duplo aniversário para atenuar a tristeza. Caroline morreu à meia-noite do dia 3 de junho, sete anos depois disso acontecer – a data tinha um significado lancinante.

Naquele primeiro ano de criação de um filhote, logo antes de eu e Caroline nos tornarmos amigas, eu havia levado Clementine à ilha do Castelo, um caminho na praia na enseada de Boston, num dia de muito vento em março. Nós andávamos pela longa ponte quando o vento ficou mais forte, e eu a vi hesitar; ela me olhou à procura de alguma indicação, e seguiu adiante. O primeiro ano com qualquer cachorro representa uma curva bem acentuada na relação – cada um está descobrindo quem é o outro, e quem os dois serão juntos. Eu soube, naquele momento, quando cruzamos o olhar e ela me conduziu adiante, que nos havíamos tornado um time; e que ela também sabia disso e iria para qualquer lugar que eu pedisse.

Na década seguinte, Clementine foi essencial aos anos mais alegres de minha vida, que mais preencheram meu coração, e testemunha de alguns dos mais tristes. Ela me conduziu pelo bosque com a amiga mais próxima que eu jamais terei e estava lá, esperando a cada noite quando eu voltava do hospital em que Caroline morria. Ela era a sentinela ao fim de cada viagem que eu fazia de volta ao Texas para cuidar de meus pais idosos. Depois que ambos morreram e foram enterrados próximos um do outro sob o sol do Texas, eu peguei um avião de volta para Cambridge, e Clementine beliscou meu nariz quando eu entrei pela porta de frente, uma mordidinha suave e acolhedora, encostou-se em mim e quase não saiu do meu lado durante dias.

Cachorros velhos podem ser uma visão majestosa. A exuberância deles, com o passar dos anos, vai se assentando em uma nobreza amadurecida. Suas rotinas se tornam tão entrelaçadas às nossas como o mais sereno e agradável dos casamentos. Quando fez onze anos, Clementine começou a perder os pelos, algo que pode acontecer às fêmeas de samoiedos com mais idade, e ficou bem diferente da imagem branca e majestosa de seus primeiros anos. Antigamente um modelo para a raça, agora ela parecia mais com um coelho de pelúcia, desgrenhado, remendado e esfarrapado de tanto amor. Às vezes, pessoas desatentas na rua diziam: “Oh, o que aconteceu ao seu cachorro?”, mais por

curiosidade frívola do que por preocupação verdadeira. Eu respondia, apenas para perturbá-los: “Acho que ela se parece um pouco com Katharine Hepburn, não acha?”. Ela sempre pareceu a mesma para mim. Nos últimos anos, nossas caminhadas diárias ficaram mais vagarosas e mais curtas. Às vezes, fomos até o banco de Virginia Woolf, um banco de granito no bosque de Fresh Pond, de onde se tem uma visão panorâmica da margem do lago e no qual está inscrita uma citação de *Orlando*. Clementine ficava debaixo do banco enquanto eu me sentava, olhando para os imensos pinheiros e para o céu. Ou ela ficava no quintal da frente perto de mim enquanto eu plantava flores, e parecia satisfeita em apenas inspecionar o mundo em vez de tentar correr por ele.

Na primavera de 2008, Clementine começou a tossir por conta de uma bronquite que não melhoraria, e eu sabia que havíamos entrado naquele momento da vida de cachorros velhos em que uma constelação de sintomas prevê o resultado final. Eu não tolerava a ideia de que ela pudesse me deixar no dia 3 de junho, e naquela noite eu me juntei a ela no chão, enredei-a em meus braços e disse: “Bem, querida, nós conseguimos, não é?”. Duas noites depois, ela piorou rapidamente. Eu lhe dei Valium, o suficiente para suavizar sua agonia, e, quando eu entrei no hospital Angell Memorial à uma e trinta da madrugada, minha boca estava ressecada, porque eu tinha certeza de que iria voltar para a casa com a coleira, mas não com ela. Tinha uma amiga próxima que era veterinária, que conhecia Clementine desde que era filhote, e ela insistiu para que eu ligasse no meio da noite quando a hora chegasse. Amy estava lá me esperando no estacionamento do hospital, pronta para navegar no território austero da eutanásia e dos clínicos anônimos, e ficou no chão, ao nosso lado, quando nós deixamos Clementine ir. Eu chorava mais do que queria, com medo de entristecer Clementine, mas ela permaneceu calma, com a pata em meu braço. “Vá encontrar Caroline”, disse a ela. Quando morreu, ela levantou as patas dianteiras em minha direção e rolou até meus braços, lugar em que, tenho certeza, ela vai ficar para sempre.

Eu não queria deixá-la lá. Eles etiquetaram o corpo, e nós pusemos Clementine na van de Amy para que ela a levasse para ser cremada em algumas horas, quando a clínica veterinária abrisse naquela manhã. Nós nos sentamos por um longo tempo do lado de fora da van, com as luzes fortes e de boas-vindas do hospital, falando e às vezes chorando. O corpo de Clementine estava no banco de trás da van, e parecia dar um estranho conforto a nós. Eu encarava aquele espaço demasiadamente familiar com a descrença inicial do luto. Eram quase cinco da manhã quando eu voltei andando para uma casa infinitamente silenciosa, mais triste do que lágrimas poderiam jamais dizer, sabendo que estava no corredor de algo muito maior do que eu e que tinha de aguentar e permanecer onde estava. Fui para o quarto, vi a fotografia de Caroline em minha penteadeira, olhei para

ela através da enorme fronteira e disse: “Pega”.

“Carlo morreu”, Emily Dickinson escreveu a seu amigo e mentor a respeito da morte de seu amado cão terra-nova. “Você pode me orientar agora?” Dizer que eu não podia tolerar essa despedida final seria de pouca utilidade, porque eu tolerei, e tolerar nós toleramos. Dizer que eu não acreditava que poderia tolerar talvez fosse mais exato. Caroline e eu conversamos durante anos sobre a ideia impensável de perdermos Lucille e Clementine; parecia um gracioso acaso do tempo que iríamos atravessar a morte delas juntas.

O esconderijo favorito de Clementine no quintal dos fundos era sob um enorme teixo, um arbusto tão grande que uma roseira selvagem próxima a ele precisou encontrar seu caminho por entre seus galhos. Na primavera, da varanda do segundo andar, parecia que haviam nascido flores brancas do teixo – um híbrido mágico de espinhos, flores e folhas perenes. Mero truque ou obra divina, eu sei que há visões como essas em toda parte. Talvez isso seja o principal: abraçar a tristeza intrínseca à vida sem cair de cabeça nela ou admitir que ela vai definir os seus dias. O verdadeiro truque é deixar a vida, com todos os seus passos em falso e arrependimentos, ser continuamente mais misteriosa e sedutora do que o seu fim.

Quando Caroline e eu havíamos forjado a profundidade inicial de nosso relacionamento, eu ocupei uma casa por algumas semanas, em determinado verão, nos bosques de Truro, em Cape Cod. Caroline e Lucille nos encontrariam lá no dia seguinte. Na noite em que cheguei, os caseiros que trabalhavam na casa grande do terreno apareceram para me dizer que estavam ali cuidando de uma velha senhora – noventa e tantos anos e decaindo dia após dia. Não era para eu ficar alarmada se ouvisse carros indo e vindo; eles faziam turnos de vinte e quatro horas para cuidar dela.

Uma hora depois, no crepúsculo, quando eu já havia esvaziado o carro, com Clemi ao meu lado, uma das enfermeiras bateu em minha porta. “A senhora C. deseja saber se você pode dar uma passada lá”, disse timidamente. “Ela quer ver o grande cachorro branco.” Clemi havia crescido junto a um vizinho numa cadeira de rodas, por isso eu não estava preocupada se ela seria gentil. Quando entramos na casa, ela andou até a cadeira de rodas da senhora C. e se postou perto de sua mão. Os olhos turvos da mulher se iluminaram, e ela sorria enquanto corria a mão pelo pelos de Clementine. “Eu gosto de cachorro grande”, ela disse ao modo de introdução; falava com uma autoridade convicta, como se tivéssemos acabado de entrar numa longa conversa na qual sua opinião importava imensamente. Por mais frágil que o restante dela fosse, toda a sua força estava em sua voz. “Quando eu era nova, tive pastores-alemães”, ela me disse, com a voz aquecida

pela memória. “Eles costumavam correr pelo bosque por aqui e apavorar todo mundo.” Ela sorria enquanto me contava a história, e por um momento eu pude vê-la garota, destemida nas terras selvagens de Truro do meio do século, protegida por seus cães pastores, correndo livremente.

Sempre pensei que havia destinos piores do que ser aquela mulher, curvada, mas não intimidada, diante das coisas corporais da vida, suas memórias e sua presença imperiosa sobrepujando a luz decrescente do envelhecimento. Uma mulher ainda capaz de trazer para o seu lado uma criatura que quase pesava mais do que ela; ainda capaz de dizer, com convicção alegre: “Eu gosto de cachorro grande”. Eu gosto de cachorro grande também.

“O coração se parte e se abre”, uma amiga me disse sobre a morte de Clementine. Sei que nós nunca superamos as maiores perdas; nós as absorvemos, e elas nos fazem criaturas diferentes, geralmente mais gentis. Às vezes, eu acho que a dor é que produz a solução. O luto e a memória criam as suas próprias narrativas; essa é a verdade reluzente no coração de Freud, de Neruda e de todas as histórias de guerra já contadas. A morte comanda e dá origem à história pela mesma razão que as tribos antigas costumavam enterrar flores com os seus mortos. Nós contamos histórias para tê-los novamente, para reter os vestígios de passos na neve.

Depois que Caroline morreu, eu fiz uma lista de coisas que queria realizar antes de minha vida acabar: escrever um livro, ir a Paris, encontrar um grande amor, ter tantos cães quanto pudesse. Ah, e encontrar Deus, eu disse a uma amiga, o pós-escrito que talvez transforme o mundo inteiro. Não era uma lista muito longa, mas tudo nela parecia essencial. Eu me preparei para alcançar essas coisas de modo sistemático, e também inconsciente, ciente de que o mapa de vida de uma pessoa é desenhado por sorte, circunstância e determinação. Eu sempre disse a Caroline que, quando eu perdesse Clementine, eu planejava ir a Paris, chorar tudo que tivesse de chorar durante seis meses, depois voltar para casa e arrumar um filhote.

Paris ainda está na lista. A primavera do declínio de Clemi foi exaustiva e dolorosa, e, quando ela se foi, viajar para fora do país me parecia tão difícil quanto ir de bicicleta até a Lua. Em vez disso, eu passei o verão nas sombras da tristeza e da aflição, perguntando-me como iria navegar pelo mundo sem a presença dela. A minha própria existência parecia diminuída.

Eu deixei as flores que as pessoas me trouxeram em seu esconderijo sob o teixo e, quando amarelaram, empilhei mais flores sobre elas, e assim havia um colchão de flores secas onde Clementine se deitava. Eu sentava na varanda e conversava com ela, assim como falei com Caroline depois que ela morreu e com

a própria Clemi durante sua vida. Ouvindo minhas lembranças e meu silêncio, eu descobri que não me importava muito, ao menos naquele momento, ir a Paris. Queria a respiração, o calor e os pedidos de alguém que precisasse de mim. “É o seu amor”, meu velho amigo Peter havia me dito anos antes, quando eu tentava sair de um relacionamento ruim. “Você vai ficar com isso.” Meu amor: precioso e solitário dom.

Eu passei uma hora ao telefone certa tarde com um criador de border collies, um estranho que compreendeu a minha angústia e permaneceu em contato comigo durante meses, sem outra finalidade senão a gentileza. Peter, que anos antes ajudou a salvar Clementine naquele dia gelado, sabia o que eu havia perdido, mas não sabia expressá-lo. Assim, na maior parte dos dias, depois que ele e Shiloh, sua jovem pastora-belga, davam uma corrida, ele abria a minha porta dos fundos e gritava: “Cachorro!”. E lá vinha ela, minha pastora ajudante da manhã, que há muito havia me adicionado ao seu bando e que provavelmente presentiu a partida de Clementine antes de ela partir. Shiloh permaneceria ao meu lado por uma hora enquanto eu escrevia, tão focada e calma quanto uma enfermeira visitante.

Os velhos tecelões da tribo Navajo costumavam inserir um fio destoante em cada um de seus tapetes, uma cor contrastante que ia até a borda do tapete. É possível identificar um tapete autêntico por essa falha intencional, que é chamada de linha do espírito, cujo propósito seria liberar a energia aprisionada dentro do tapete e pavimentar o caminho para a próxima criação.

Todas as histórias da vida que merecem ser lembradas têm uma linha de espírito. Você pode chamar isso de esperança, “amanhã”, ou “e então” de sua história, mas sem isso – sem o fato dissonante e reluzente do desconhecido e do incontrolável – a consciência e tudo o mais iria cair e implodir. O Universo insiste: o que é fixo é também finito.

Em um dia quente e luminoso no final do verão, eu peguei um avião não para ir a Paris, mas a Baltimore, numa missão mais tortuosa e menos glamourosa do que uma viagem ao Louvre. Eu aluguei um carro no aeroporto de Baltimore e fui dirigindo de Maryland, passando pela Pensilvânia rural, até encontrar um criador de samoiados cujos cães eu havia visto uma década antes. Aquela parte do Estado tem um quê de rústico e sulista, cheio de estradas secundárias e de colinas verdes e ondulantes, com estrelas decorativas em metade das casas. Eu estava acordada desde

a madrugada, sozinha e meio perdida, perguntando-me que diabos eu fazia num trecho solitário da Pensilvânia quando deveria estar na Itália, ou em Montana, ou no sul da França. Passei por uma placa de autoestrada, tão discreta como um sinal de rua, onde se lia **linha mason-dixon**, e meu coração palpitou.[\[9\]](#)

Logo além da placa, no outro lado da estrada, havia uma loja de bebidas com um letreiro néon púrpura. Eu viajei muito enquanto bebia – o álcool me deixava intensamente corajosa para ir a qualquer lugar – e, onde quer que eu passasse, a primeira coisa que eu fazia, tinha de fazer, era encontrar uma loja que vendesse bebidas. Eu sempre fingi que isso era uma questão de desejo, mas era mais como ser condenada à prisão. Quando passei pela loja na Pensilvânia, com a metade das vagas de seu estacionamento tomada no começo da tarde, lembrei como havia encontrado o lugar que armazenava a minha garrafa de esperança.

Mas a loja com sua luz cintilante – **bebida** – também me lembrou de algo, anos antes, que quase me fez rir. Quando eu era criança, no Texas, sempre que um camarada se encaminhava à loja de bebidas ou ia para o carro beber um pouco, a expressão coloquial usada era: “Eu tenho de ver um homem a respeito de um cachorro”. Então, lá estava eu, tantos quilômetros e décadas depois, sóbria, deprimida e ainda viva, realmente precisando ver alguém a respeito de uma cachorra. Ela era parte de uma ninhada que havia nascido em junho, e, mesmo sem ter posto meus olhos nela, já a havia batizado: Tula, maravilhoso e antigo nome sulista que sempre amei. Eu descobri a origem desse nome e gostei ainda mais dele. Em sânscrito, *tula* é balança. Mas também pode vir da palavra *tulayati*, que significa levantar.

As nuvens corriam à minha frente e eu atravessei Gettysburg,^[10] um lugar cujo território e cuja memória eram tão sagrados que a minha própria vida encontrou seu lugar dentro da névoa panorâmica à qual pertencia. Eu entrei no parque militar, fui até os velhos campos de batalha e parei no cemitério tempo suficiente para demonstrar meu respeito aos mortos. Então, voltei para o carro e continuei seguindo.

Agradecimentos

Minha editora, Kate Medina, entendeu o sentido deste livro desde a sua concepção; meu obrigada está em cada página. Louise Erdrich, minha enigmática irmã, foi inestimável como escritora e como amiga. Minha agente, Lane Zachary, ofereceu sua habitual mistura de entusiasmo e calma budista. Andrea Cohen, poeta e piadista, fez com que eu lembrasse da seriedade do humor.

A perseverança emocional de que eu precisava para contar esta história veio de muitas fontes. Por sua graça e por seu carinho, dentro da própria história e depois para mim, todo o meu agradecimento e amor para Mark Morelli, Sandra Shea, Rebecca Knapp e David Herzog.

O meu calor interno foi mantido por um grupo excepcional de amigos: Peter e Pat Wright, Kathy e Leo De Natale, Avery Rimer, Rick Weissbourd, Peter James, Marjorie Gatchell, Eliza Gagnon, Louisa Williams e a turma de sábado à noite. Amy Kantor e Beth Shepherd cuidaram de mim de todos os modos. Eu sei que Caroline ficaria contente ao saber que essa lista é tão longa e cheia. Por fim, o meu amor e a minha gratidão para Dick Chasin, que entendeu a profundidade de meu pesar assim como o caminho através dele.

[1] *Frivolité* é uma espécie de renda, chamada assim em grande parte da Europa por ser basicamente usada como enfeite, algo supérfluo, uma “frivolité” em francês. (N. T.)

[2] *Whist* é um jogo de cartas de origem inglesa, considerado ancestral do *bridge*. (N. T.)

[3] Local histórico nos arredores de Boston. (N. T.)

[4] Marca de cerveja americana. (N. T.)

[5] A idade legal para consumir bebida alcoólica nos Estados Unidos é vinte e um anos. (N. T.)

[6] A doutora Joyce Brothers é uma psicóloga americana que mantém uma coluna diária em diversos jornais, desde 1960, e ali dá os mais diversos conselhos. Também é uma personalidade da tv americana. (N. T.)

[7] Espécie de trator para andar sobre a neve. (N. T.)

[8] “Waltzing Matilda” é uma canção folclórica da Austrália, tão popular que é considerada por muitos o seu segundo hino nacional. (N. T.)

[9] A linha Mason-Dixon foi delineada ainda no século xviii, mas é frequentemente associada à divisão entre estados livres do Nordeste e estados escravocratas do Sudeste ao longo do século xix e durante a Guerra Civil Americana. (N. T.)

[10] Gettysburg é o local de uma das mais importantes batalhas da Guerra Civil Americana. (N. T.)